

ABRIL - 1906

† ANNO III †

NUMERO 4

FANDEGA N. 21

RIO DE JANEIRO

## SUMMARIO

Chronica . . . . .	Olavo Bilac.
O Precursor . . . . .	Mario Behring.
O que foi S. Francisco da California.	
O Rio de Janeiro de Out'ora	Dr. Pires de Almeida.
638!!!... Gasparoni . . . . .	X.
Crepusculos . . . . .	Fidé Yori.
Era uma vez . . . . .	Mario Pederneiras.
Martyr Christã . . . . .	Virgilio Varzea.
Ceramica dos incolas . . . . .	Octacilio Barbedo.
O Trigo . . . . .	Coelho Netto.
Cachoeira Dourada . . . . .	Henrique Silva.
Feitiço contra Feiticeiro . . . . .	Escragnolle Doria.
O Regresso do Cardeal-Arcebispo.	
Um ensaista pernambucano	José Verissimo.
Therezopolls (gravuras) . . . . .	
João Paulo . . . . .	Affonso Celso.
Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande.	

Rs. 2\$000

# FILTROS MALLIÉ

✻ ✻ ✻ ✻ Esterilisação absoluta pela Porcelana de Abianto ✻ ✻ ✻ ✻

(THEORIA PROCESSUS)

**SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!**

A sua utilidade para instalação e limpeza, facilidade e rapidez de uso, foram premiadas em varias exposições.

Esses o que diz a analyse a que procedem o Laboratorio Municipal de Quimica de Paris

A agua filtrada é de uma limpidez perfeita e de um sabor agradável. Ela sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspenso, e sem os germes malia ou nocivos que ali viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluiu-se que a agua submetida a filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.

O chefe do Laboratorio Municipal: Ch. Girard.

Agentes geraes para o Brazil: — **A. ABREU & COMP.**

Rua da Quitanda N. 102 — Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro: — **A NOVA AMERICA E CHINA**

Rua do Ouvidor N. 39.

Depositarios em S. Paulo: — **MONTEIRO SOARES & COMP.**

Rua Direita — Canto do Viaducto.

**ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES**



(Filtro sem prensa)



(Filtro de prensa)

## HOTEL HYGINO



## THEREZOPOLIS

✻ ✻ SERVIÇO DE PRIMEIRA ORDEM ✻ ✻  
 O MAIS SAUDAVEL CLIMA DO BRAZIL ✻ ✻  
 OS MAIS BELLOS PANORAMOS DO MUNDO ✻ ✻  
 VIAGEM COMMODA E AGRADAVEL ✻ ✻  
 ✻ ✻ A 3 HORAS DO RIO DE JANEIRO ✻ ✻

## MARC FERREZ

✻ MATERIAL PHOTOGRAPHICO ✻



**96, Rua de S. José, 96**



● ● RIO DE JANEIRO ● ●

## DUBONNET

O MELHOR APERITIVO

# KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL  
INTERIOR. . . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas  
RUA DA ALFANDEGA, 24  
RIO DE JANEIRO

ANNO III

ABRIL 1906

N. 4

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085



## Chronica

**1906...** Que haverá, de mysteriosamente fatidico, e de terrivelmente predestinado, na reunião d'estes quatro algarismos?

Os antigos astrologos herdaram de Pythagoras a crença na existencia de certos annos "climatericos", — annos terriveis, que fechavam cada septennio, e durante os quaes os homens, os animaes, as plantas, todos os seres e todas as cousas da terra corriam os maiores perigos. Será 1906 um d'esses annos medonhos?



Um erudito, Jules Baissac, que estudou a fundo as desgraças e os desastres da Idade Media, assignala, n'um livro interessantis-

simo — *Histoire de la Diablerie Chrétienne* — os annos que mais se distinguiram pela sua inclemencia.

945 foi o anno do "fogo sagrado," ou "fogo de Santo Antão". Em 988, fome geral. Em 1030, inundações tremendas, que começaram no Oriente, assolaram a Grecia e a Italia, devastaram as Gallias e a Inglaterra, destruindo as plantações e propagando a miseria: "os homens matavam-se uns aos outros, porque a carne humana era o unico alimento possivel, — e até os cadaveres eram desenterrados e devorados". Em 1043, fome tão grande na Bohemia, "que um terço da população pereceu". Em 1130, a "gangrena secca". Em 1200, um terremoto que destruiu cidades inteiras, e exterminou duzentas mil pessoas. Em 1225, appareceu a lepra, grassando com tal furor, que só em França se estabeleceram duas mil leprosas... Em 1338, nuvens de gafanhotos caíram sobre a Hungria, a Polonia, a Bohemia, a Moravia, a Austria, a Styria, a Baviera, a Lombardia, e devoraram tudo. 1348 foi o anno da "grande morte", o anno da "morte do mundo", o anno da "peste negra", que, importada do Oriente, matou um terço da população da Europa. Em 1374,

appareceu a "dansa de S. Vito", que veio misturar á tragedia uma nota macabramente comica: toda a gente desatou a dansar, com a bocca escumando e os olhos em fogo. Em 1400, todas as calamidades se associaram; o soffrimento, a que todas as almas já se haviam habituado, chegou a parecer uma delicia: a immundicie cobria a terra; os corpos decompunham-se ao sol; e os bandos negros dos penitentes uivavam o hymno da Dor, a apotheose da Tortura, os amargurados versos do *Stabat Mater*:

*Eia, Mater, fons amoris,  
Me sentire vim doloris,  
Fac ut tecum lugeam...  
Fac me plagis vulnerari,  
Cruce hac inebriari!...*

Como se vê, este anno de 1906 não é o primeiro que se apresenta carregado de furia assassina e de exterminadora maldade: não é primeiro, e — ai! da pobre humanidade! — não será o ultimo...



Os horriveis terremotos da California e do Japão, o cyclone do Haiti, a erupção do Vesuvio vieram completar o activo de calamidades que já o barbaro 1906 apresenta na sua escripturação.

Não nos demoremos em descrever o que foram esses desastres. A alma humana já está embotada, insensivel, anesthesiada pela continuidade das catastrophes: já não ha n'estas minucia que assombre, episodio que espante, particularidade que dôa. Tanto é verdade que a tudo se habituam os homens, nesta vida miseravel!...

O que nos deve consolar é que este poder de adaptação que possuímos, esta facilidade com que nos acostumamos ao infortunio, esta calma com que no fim de certo tempo chegamos a encarar as afflicções que continuamente se repetem, esta resignação que acabamos por mostrar diante das miserias que incessantemente nos férem, — são a segurança maior, senão unica, da vida

collectiva e do colectivo trabalho da humanidade. Uma desgraça nos acabrunha; duas já não nos abatem tanto; cem já nos deixam frios: — e basta que se abra um claro na serie dos males, para que, já deslembrados de todos elles, voltemos ao trabalho e á lucta, esquecendo que a vida é um continuo e constante perigo...

Se não fosse essa resignação, se não fosse esse esquecimento, — que seria da especie humana?



Veja-se, para exemplo, aquella região, formosa e martyr, do Sul da Italia.

Toda a zona, que rodeia o assassino Vesuvio, está actualmente convertida n'um acervo de escombros, devastada, assolada requeimada, destruida pelas lavas do vulcão sepultada sob um immenso e sinistro sudario de cinzas. Todas as casas que, entre vinhedos risonhos e fartos, esplendiam alli, ao claro sol da Campania, desapareceram, tragadas pelas torrentes de fogo...

E' uma tragedia, que periodicamente se repete, a trechos curtos. D'aqui a pouco, quando se houver applacado o furor titanico do vulcão, novas casas e novas plantações surgirão no mesmo lugar em que assentavam as casas e as plantações agora exterminadas pela furia do monstro. Da desgraça de agora, apenas restará uma lembrança apagada e vaga: e o trabalho incançavel dos homens continuará a animar e fecundar aquella região temerosa e hostil, até que uma nova catastrophe venha outra vez inutilisar tanto e tão nobre esforço, tanto e tão corajoso labor...

Em S. Francisco da California, tambem houve, n'estes ultimos sessenta annos, esse esquecimento da hostilidade implacavel da Natureza.

Até 1860, havia, naquelle ponto do territorio norte-americano, continuos tremores de terra.

Os habitantes, prevenidos, edificavam apenas casas baixas, de um ou dois andares, de estabilidade e firmeza bem assegu-

raças pela solidez dos alicerces e pelo equilíbrio da construção: e, assim, evitavam prudentemente os desmoronamentos.

Mas, de 1860 em diante, houve um repouso, um período de descanso e quietação no trabalho subterrâneo da região. Começaram annos a succeder-se a annos, sem que um terremoto grave viesse perturbar o trabalho e a vida da grande cidade do Pacifico. Os homens ganharam animo,—a tranquillidade estimulou-lhes a audacia; e, então, em S. Francisco, principiaram a apparecer os immensos edificios de muitos andares, affrontando o céu como torres de Babel, topetando com as nuvens,—como esse luxuoso *Palace-Hotel*, de oito pavimentos, que foi uma das primeiras edificações desconjunctadas e arrasadas pelo terremoto de agora.

Se n'estes dez annos mais proximos o sub-solo da California se conservar tranquillo, a lição de hoje será esquecida, e a cidade será reconstruida de modo a servir de prêza facil a um novo abalo sismico.



Até aqui, no Brasil, na prudente e desconfiada Minas, acabo de verificar uma prova d'essa providencial resignação e desse benefico esquecimento, sem os quaes o progresso humano e a continuidade do trabalho social seriam impossiveis.

Minas soffreu extraordinariamente com as inundações d'este 1906 maldito. Os rios cresceram, espraíram, tempestuaram, assolaram os campos, e levaram de roldão as casas nas aguas enfurecidas. Percorri agora uma extensa zona da terra mineira, e vi, com olhos nublados de tristeza, os medonhos estragos das cheias...

Pois bem! as casas destruidas estavam todas construidas a poucos passos dos rios, nos brejaes que margeiam as aguas correntes. Aquella gente sabe que os rios costumam encher, sabe que qualquer das suas cheias póde arrancar do solo as mais fortes casas como se fossem cabanas de colmo e barro: entretanto, é nesses brejaes que as casas se levantam, e é n'esses brejaes que se hão de reedificar as habitações tragadas pelo alagamento. Porque? Porque é preciso viver: a visinhança das aguas é favoravel á lavoura e á criação...

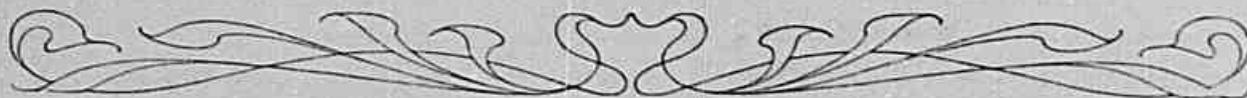


Os homens, para viver, precisam esquecer e confiar. Esquecer os perigos de toda a sorte que os rodeiam, confiar na clemencia ou no cansaço das forças hostis da Natureza. Sem esquecimento e sem confiança, a vida seria impossivel. Se vivessemos continuamente a pensar na morte inevitavel, ficaríamos, de braços cruzados, á espera d'ella, enada faríamos:—seria um suicidio moral...

Esquecer, confiar, trabalhar. A Natureza é forte, porque nada ha que se possa contrapôr á sua irresponsavel maldade. O Homem, porém, tambem é forte, porque não se deixa abater pelos golpes que recebe.

Lucta sem treguas, lucta heroica, lucta sagrada e eterna, que começou com o apparecimento da primeira manifestação da Vida na face da Terra, e que ha-de prolongar-se por todos os seculos dos seculos, enquanto o planeta possuir calor e athmosphera!...

O. B.



## O PRECURSOR

COM o aliás louvavel intuito de reivindicar para Pernambuco as glorias do primeiro pronunciamento republicano no Brasil, publicou ha annos já o Sr. José Domingos Codeceira na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (tomo 53) uma memoria, na qual enaltecendo os meritos de Bernardo Vieira de Mello, um dos principaes vultos das lutas dos *Mascates*, para a sua frente quiz passar os laureis que o legislador republicano de accordo com a verdade historica destinou a do infortunado Alfes de Cavallaria das Minas.

Por outro lado, recuando para mais remotas eras no proprio territorio mineiro a genese das idéas republicanas, espiritos innovadores foram arrancar da obscuridade o vulto historico de Felipe dos Santos, a victima da sangrenta reacção do conde de Assumar, que este no seu *Discurso Historico* apresentou como propagador de principios revolucionarios, tendentes a desagregar da Metropole a parte mais rendosa da colonia, nella instituindo um governo republicano, buscando substituil-o ao do mallogrado Tiradentes.

Nada conseguiram porém, nem creio já-mais o consigam.

Tiradentes creou fundas raizes na tradição, e á proporção que se escoam os annos, que novos estudos se fazem sobre a Inconfidencia, mais e mais avulta em sua grandeza épica esse typo de homem do povo, unico em sua rudeza e ignorancia entre tantos outros cheios de talento e illustração, mas unico tambem no enthusiasmo e devotamento á causa da patria, e que no epilogo de covardia d'aquelle drama, sobranceiramente a todos dominou, mantendo-se na primeira plana, attrahindo a si toda a responsabilidade do que se fizera, saudando com o sorriso nos labios a redempção no cadafalso infamante.

Que comparação se póde fazer entre o sertanejo mineiro, o caudilho pernambucano e o portuguez faiscador de ouro de Villa Rica?

Como equiparar a Inconfidencia ás mesquinhas lutas de *Mascates* e *Emboabas*?

Ha uma semelhança singular entre as questões surgidas, quasi na mesma época, em Minas e Pernambuco entre os filhos do paiz e os da Metropole que acorriam a empregar a sua actividade nas terras da colonia, que de longes sorriam como o *El-Dorado* lendario.

A corrente immigratoria de gente forte e cheia de energia deu nascimento a povoados

que se desenvolveram e multiplicaram, no norte com o commercio e no sul com a mineração, povoados em que predominava o forasteiro enriquecido em pouco tempo, com grave escandalo dos maioraes do paiz, a nobreza da terra, cujos bens iam ao desbarato para sustentar o luxo e a ociosidade, retalhando-se os grandes dominios territoriaes, vastissimos latifundios, que por meio de hypothecas cahiam nas mãos dos recém-vindos. Foi a prosperidade dos *novatos* em contraste com a decadencia dos antigos moradores, a causa das lutas em Pernambuco e Minas. O reinol tanto era odiado pelo nobre pernambucano como pelo fidalgo paulista. *Mascate* era o seu nome no norte, *Emboaba* no sul; foi mascateando que se formaram as maiores fortunas de então; Paschoal da Silva Guimarães o verdadeiro chefe da revolta de Villa Rica, o maior potentado das Minas, mascateando começou sua vida; da mesma fórma Manoel Nunes Vianna, o chefe dos Emboabas.

Os ciumes degeneraram em rixas na Capitania do Norte ao se estabelecer a villa do Recife, pouso do commercio, com grave damno para Olinda assento da nobreza.

Nas Minas, com a prosperidade dos forasteiros que mais e melhor exploravam os veeiros descobertos pelos bandeirantes paulistas que se limitavam a extrahir o ouro que afflorava a terra, explodiram as rusgas; o ciume que armára outr'ora a mão de Borba Gatto contra um mandatario do rei, D. Rodrigo de Castel-Branco, armou novamente a dos nobres paulistas contra os audaciosos portuguezes que por sua actividade arrancavam do solo milhares de oitavas de ouro e inficionavam todos os pontos onde elle se manifestava (1).

Sabedores do perigo que corriam, escolheram os Emboabas um Chefe, e Manoel Nunes Vianna (2) foi o primeiro Dictador arvoado na America.

(1) Ribeirão do Inficionado se chamou ao ribeirão descoberto nas vertentes da serra do Caraça por Salvador de Faria Albernaz, pelo sem numero de aventureiros que acudiram a explorar o mal se espalhou a noticia da existencia do ouro em suas areias.

(2) Manoel Nunes Vianna, aclamado em Dezembro de 1707 por seus patricios aos quaes se uniram os filhos do norte do paiz que os paulistas chamavam indifferentemente de bahianos e a todos de *Emboabas*, era riquissimo reinol filho de Vianna do Minho. A frente do governo das Minas até a vinda de Antonio de Albuquerque, prohibiu a entrada do Governador D. Fernando de Mascarenhas que intentava pacificar as Minas. Antonio de Albuquerque fel-o retirar-se para o sertão do rio S. Francisco onde possuia immensos dominios. A séde do seu governo foi no arraial de Caethè. Foi seu secretario geral Fr. Simão de Santa Thereza e Mestre de Campo Antonio Francisco da Silva. Um dos chefes do exercito do dictador era o celebre Fr. Francisco de Menezes a alma damnada dos Emboabas, frade brigão e avalentado, que na invasão franceza de Duclerc fez maravilhas com uma peça de artilheria contra o inimigo. Este frade para dar mais prestigio a Vianna, depois da batalha de Cachoeira em que os paulistas sofferam grande derrota, ungiu-o e sagrou-o á vista de todo o povo como governador das Minas.

Não ha pois negar, foi devido a bem mesquinhas causas—orgulho, ambição, despeito e inveja—que se deram os acontecimentos de Pernambuco e Minas que hoje se intenta elevar com o injustificado proposito de roubar á Inconfidencia a importancia que lhe damos, a Tiradentes o titulo de Precursor.

E entretanto, fossem exactas essas asserções que motivos de orgulho teriamos por ver figurando como heróes essas pallidas figuras de Bernardo Vieira de Mello e Felipe dos Santos Freire? Aquelle grandemente antipathico, typo de soldado aventureiro e sem escrupulos que fazia do mister das armas simples negocio; este comparavel aos mais modernos capangas de que se servem os chefes politicos para a moralisação das urnas.

Bernardo Vieira de Mello tem sobre a sua memoria uma innapagavel mancha. Elle e seu filho o Alferes André Vieira—outro heróe d'essa luta—foram os autores da morte do Morgado João Paes Barreto e da mulher do segundo D. Anna de Faria Souza, assassinada com tão barbaros requintes que as chronicas da época se referem horrorisadas ao facto, ainda decantado pela musa popular (3).

(3) Dizem as chronicas da época que estando gravida D. Anna, aguardaram somente que ella tivesse o filho, e mal isso se deu, propinaram-lhe veneno no proprio caldo de gallinha que a sua dieta exigia; apesar de applicado diversas vezes não produzindo effeito o veneno, chamaram um visinho barbeiro e o fizeram abrir as veias da infeliz moça com os instrumentos de seu officio; e como, ou por ter sido mal feita a operação ou por qualquer outra causa o sangue por si mesmo estancasse, o Alferes e sua mãe passando-lhe ao pescoço uma toalha, e puxando um por cada ponta a estrangularam.

Por essa occasião se espalhou entre o povo a seguinte producção poetica que bem demonstra o quanto foi impressionada a alma popular pelo tragico acontecimento.

\*Xacara funesta á morte de D. Anna de Faria Souza :

### DECIMAS

Nesta fria sepultura  
Jaz no verdor dos seos annos  
Um sol, de amor por enganoso,  
Uma estrella sem ventura;  
A todos causa amargura  
Pezares tão desabridos.  
E sentem compadecidos  
Neste lastimoso assumpto  
Quanto padeceo por junto  
Em cinco lustros compridos.

Recreio foi de seos pais  
Com aplauzos de formosa  
Mas asimilhou-se á Roza  
Pois pagou tributos taes:  
Foram nella tão ignaes  
Suas raras perfeições  
Com tão bellas proporções  
Tanto garbo, tanto asseio,  
Que era da vista um enleio  
Doce irman dos corações.

Quando adulta (oh sorte escassa)  
Intentão seos paes casal-a  
Soube o fado desvial-a  
Para tão triste desgraça;  
Certa afeiçãõ a embaraça,

Que foi para seo castigo,  
Pois sempre encontra o perigo  
Quem foge ao paterno agrado  
Comprando por tal peccado  
Ter ao ceo por inimigo.

Passarão mal quatro annos  
(Pois não sei se os passou bem)  
Que sempre foi um desdem  
Paga de amores profanos;  
Porque a memoria tiranos  
Pensamentos gera e cria  
Cuidando a outrem faria,  
Ou fará quanto lhe fez  
E paga um amor cortez  
Com tão baixa vilania.

E assim sem cauza o consorte  
(Quem algum dia tal crera!)  
Homem então hoje fera  
Lhe machina crua morte;  
A triste em lance tão forte  
Se lamenta lacrimoza  
Dizendo: Virgem piadoza  
Amparaí uma innocente  
Filha sim pouco obediente  
Forem nunca errada espoza.

Mal se crem verdades puras  
Onde a vingança conspira,  
Desculpa excessos da ira  
Com erradas conjecturas  
Mil aparentes figuras  
Forma a fantezia errada  
Ve-se a vista equivocada  
Mil vezes no que se emprega  
Quanto mais paixão tão cega  
Que muitas vezes é nada.

Com notavel sofrimento  
Passou vinte sete dias  
De oprobrios e tiranias  
Sem ter pauza o seu tormento;  
Os prodigios cento a cento  
Com elles o ceo convida;  
Nada move a endurecida  
De uma sogra deshumana,  
Eleita esta tigre hyrcana  
Para ser sua homicida.

Oh! Peitos vis, que ordinarios  
Da innocente sois algozes,  
A que crimes por atrozes  
Vós resististes contrarios;  
Deos desherda aos temerarios  
E detesta aos dissolutos;  
Porque estes taes como brutos,  
Em absurdos se recreião,  
Mas dos males que semeião,  
Colhem merecidos fructos.

Emfim nos ultimos dias  
Do segundo catrozeno  
O não obrar o veneno  
Que a força das tiranias  
Lhe deo logo as sangrias,  
Novamente lhe signala  
Mas não quiz dezamparal-a  
O sangue abertas as veias,  
Oh! Cordeira que vozeas  
E a ninguem teu balo abala!

Já se vio ser instrumento  
Para viver e cheirar,  
Aqui só cheira a matar  
Do cheiro o apercebimento;  
Parece ter fundamento  
O misterio que o moveo;  
Assim o supponho eu  
Pera mostrar desta sorte  
Que tinha cheiro na morte,  
A que vai reinar no ceo.

Quarta prova se lhe ordena  
Largando a redea ao desejo  
Que por não manxar o pejo  
A suspende a minha pena,  
Mas vendo que a não condena  
Queres tu Gezabel fera  
Persistindo mais austeramente  
Ser a infame matadoura  
Pera ser com tua nora  
A mais iracunda Nera.

De Deos o quinto preceito  
A não matar nos ensina,  
Outra vez se determina  
A fazel-o com efeito  
Da por perdido o direito  
Com que o amor a enganava,  
Anna em prolixo tão brava  
E vendo que espirar pode  
Fervorosa a Deos acode  
E em lagrimas se lava.

Sente de seo pai injuria  
Nos irmãos culpa a tibieza  
Pois por lei da natureza  
Não devião por incuria,  
Deixal-a em tão grave furia ;  
Mas não tendo quem lhe valha,  
Suspiros ao vento espalha  
Repetindo enternecida,  
Si espero a morte por vida,  
Vestir-me quero a mortalha.

Toma o habito e se alinha  
Curioza mão, mas honesta  
Por ser pera o tempo esta  
Libré a que lhe convinha  
Esta seja a gala minha,  
Mil vezes foi repetido  
Este é preza do vestido  
De que se namora Deos,  
Si por cauza de outros meos  
Foi de algum modo ofendido.

A um Christo abraçada então  
Companheiro inseparavel  
Se publica miseravel,  
Pedindo exforço e perdão.  
Meo Deus de meo cora ão  
Lhe diz, amparo de afflictos  
Temores tão inauditos  
Tantas penas sejam pagas  
Por vossa divinas chagas  
Senhor meo de meos delictos.

Com taes palavras na boca  
Pedindo ao senhor, que a valha,  
Na garganta uma toalha  
Lhe lança a tirana louca,  
Grave furor a provoca  
Tendo por afronta sua  
Que seu odio não conclua  
Com tal vida espira aqui ?  
Olha que tens contra ti  
Deos irado a espada nua.

Só daquelles de hombro adusto  
Vai ao sepulcro sem pompa,  
Porem da justiça a trompa  
Atroa que cauza susto.  
Deos que no obrar é justo,  
E' juiz e é fiscal  
Castiga e premeia igual  
Dando o que mais nos convem,  
Com que não espera bem  
Quem obrou tão grande mal.

Um seo vizinho barbeiro  
Capitão e adulador,  
Foi este o maior trahidor  
Naquelle lance postreiro,  
Este cruel carniceiro

Tristes figuras estas para uma posthuma glorificação !

O proprio Sr. Codeceira na memoria citada diz «*ter Bernardo Vieira de Mello no Congresso dos nobres Pernambucanos proposto que se sacudisse o jugo portuguez, adoptando-se uma forma de governo como a veneziana ou se entregassem aos polidos e guerreiros francezes, preferiveis aos grosseiros e ingrattissimos mascates*».

Singular patriotismo, por sem duvida! A forma de governo de Veneza, que queria adoptar Vieira de Mello, era justamente a que podia servir aos orgulhosos fidalgos pernambucanos que só assim rehaviam o perdido predomínio. Governo aristocratico-olygarchico, era o povo opprimido, eram os ricos mercadores á mercê dos poderosos.

E por isso se nota que o povo, o verdadeiro povo sempre esteve ao lado dos *mascates*. Era Camarão com os seus indios, eram os Henriques, era a arraia miuda emfim, sempre predisposta a se revoltar contra a prepotencia dos magnatas.

Os guerreiros do lado dos nobres foram escravos e apaniguados seus, criminosos que achavam homisio nos engenhos e sempre promptos ás bulhas com a mira no saque dos armazens dos ricos mercadores portuguezes.

Nada ha pois de nobre e elevado nessas lutas de Pernambuco. E todas as chronicas da época nol'as fazem ver taes como na realidade foram, rugas entre credores quiçá pouco pacientes e devedores remissos (4) indignas

Feito algoz desta innocente  
Tão cega e barbaremente  
Ajudou a dar-lhe a morte,  
Que aconselhou ao consorte  
Fosse morta a delinquente.

*Calamidades de Pernambuco* succedidas desde o anno de 1707 até o de 1715.

*Rev. do Inst. Hist.*

(4) ... Este em summa é o Recife: o principal objecto da emulação (por não lhe chamar odio) dos moradores de Olinda, e da maior parte dos filhos da terra; sendo a causa o verem que vindo os filhos de Portugal que nelle habitão pela maior parte pobres, e por não perdoarem o trabalho, chegaram a adquirir pela sua industria (a que elles chamão roubos) os cabedaes que os filhos do Brasil pela sua ociosidade (por não dizer preguiça) costumão desperdiçar; e considerando depois disto que de força se hão de valer delles para o seu remedio, tanto de fazenda como de dinheiro, e de tudo mais que necessitão (porque entre os paizanos não acham este prestimo) como não medem os gastos pelos cabedaes que possuem sinão pela dezordem de seus appetites, ajuntando dividas sobre dividas e fazendo-se remissos na paga,—vem a resultar depois de venderem os postos que occupão e ficarem sem bens por penhorados nelles, tornarem a raiva dessa sua incuria aos recifenses a quem devem; e como a indigencia lhes não fa'a perder os brios, tem por menoscabo de sua fidalguia não o deverem, mas sim a violencia com que por justiça os fazem pagar; e assim em todas as cousas que podem, procurão por todos os caminhos ainda illicitos que o Recife e seus moradores não vão em aumento, machinando-lhe como machinarão tantos trabalhos, e por seu respeito a todo o Pernambuco que só a piedade de Deos podia acudir, como acudio a tantas miserias como no decurso desta narração veremos.

*Calamidades de Pernambuco. Ob. cit.*

de glorificação, como indigno Bernardo Vieira de Mello do título dado com toda a justiça a Tiradentes — de *Precursor*.

O episódio dos *Emboabas* encontrou finalmente o seu historiador na pessoa do Dr. Diogo de Vasconcellos.

A Historia Antiga de *Minas Geraes* é com effeito um precioso livro para as tradições mineiras.

Nelle se encontra traçado por mão de mestre o quadro das lutas entre paulistas e emboabas, sem que reste um unico ponto obscuro. E por sua leitura se chega á conclusão de que a revolta de Villa Rica nada mais foi que o ultimo echo das rixas dos *Emboabas*. Foram seus chefes Paschoal da Silva Guimarães, o maior potentado das Minas, que dispunha de mais de 2 mil escravos e capangas e cujos cabedaes foram o maior auxilio nas primeiras lutas (5) o Sargento-mór Sebastião Xavier da Veiga Cabral, heróe da Colonia do Sacramento, o ex-Ouvidor Manoel Mosqueira Rosa, e finalmente Felipe dos Santos Freire, simples rancheiro dotado de singular faculdade oratoria, o homem de que se serviram os outros para insuflar a plebe á revolta, todos elles portuguezes.

Ao lado do Conde de Assumar e prestando-lhe todo o auxilio do seu prestigio, armando os seus escravos e agregados estavam os paulistas de maior influencia no districto das Minas.

Eram o Coronel Raphael da Silva e Souza, o Tenente-General Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, Paulo Rodrigues Durão, Luiz Borges Pinto, Luiz Tenorio de Molina, o Capitão de Cavallaria Francisco Rodrigues Villarinho, o Capitão de Ordenanças Antonio Ramos dos Reis, Jeronymo Pedroso de Barros (6) e outros, muitos que conservavam bem vivo o despeito e o odio contra os Portugue-

(5) Paschoal foi preso e enviado a Lisboa pelo Conde de Assumar. Ali, tão bem agiu o seu ouro que alem de ser posto em liberdade, intentou ainda um processo contra o Conde, e mal deste si não succedesse a morte do caudilho *emboaba* no decorrer do mesmo. Havia sido o mais activo auxiliar de Manoel Nunes Vianna e assim o descreve o Conde "... officioso e malevolo, modesto e refochado, brando e vingativo, disfarçando affrontas mas hypocritamente fazendo o mal".

(6) Jeronymo Pedroso de Barros, foi um dos provocadores das lutas entre paulistas e *emboabas*. No Caeté, onde residia, por sua altivez e arrogancia quasi houve grave conflicto, frustrado graças á prudencia de Manoel Nunes Vianna.

*Hist. antiga de Minas Geraes.*

zes que havendo intentado expellir das Minas, os tinham vencido nos combates de Sabará e Cachoeira e praticado o nefando morticínio do *Capão da Traição* em que tão tristemente se celebrizou Bento do Amaral Coutinho, morto depois no Rio de Janeiro quando foi a invasão de Duguay-Trouin.

Não ha motivos pois, tanto em Pernambuco como em Minas, para, enaltecendo os motins de 1710 e 1720, tentar substituir a aureolada figura do heróe-martyr da Inconfidencia pelas tão apagadas de Bernardo Vieira de Mello e Felipe dos Santos.

Idéas verdadeiramente republicanas só appareceram em Minas no ultimo quartel do seculo XVIII quando os moços filhos da Colonia iam a velha Europa colher com a instrucção os ensinamentos dos grandes cerebros que promoveram a revolução franceza.

E no sequestro dos bens dos Inconfidentes observar-se-ão arroladas pela justiça na bibliotheca do Conego Luiz Vieira da Silva que estava franca a todos os intellectuaes de Villa Rica, as obras de Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Condillac, que não se comprehende bem como tivessem escapo á vigilancia da policia do Vice-Rei, que tão severas ordens tinha sobre os livros que podiam entrar nos dominios da Corôa Portugueza.

E naturalmente se concluirá quaes poderiam ser os assumptos dos *conventiculos* que se realisavam ora na casa de um, ora na de outro, nelles tomando parte as mais cultas mentalidades do Brasil de então.

Sabe-se que Tiradentes era tido em conta de doido por andar de porta em porta a falar de separação e de republica, pedindo a uns e outros que lhe traduzissem trechos da Constituição Americana, exemplar que lhe dera Alxares Maciel ao chegar da Europa.

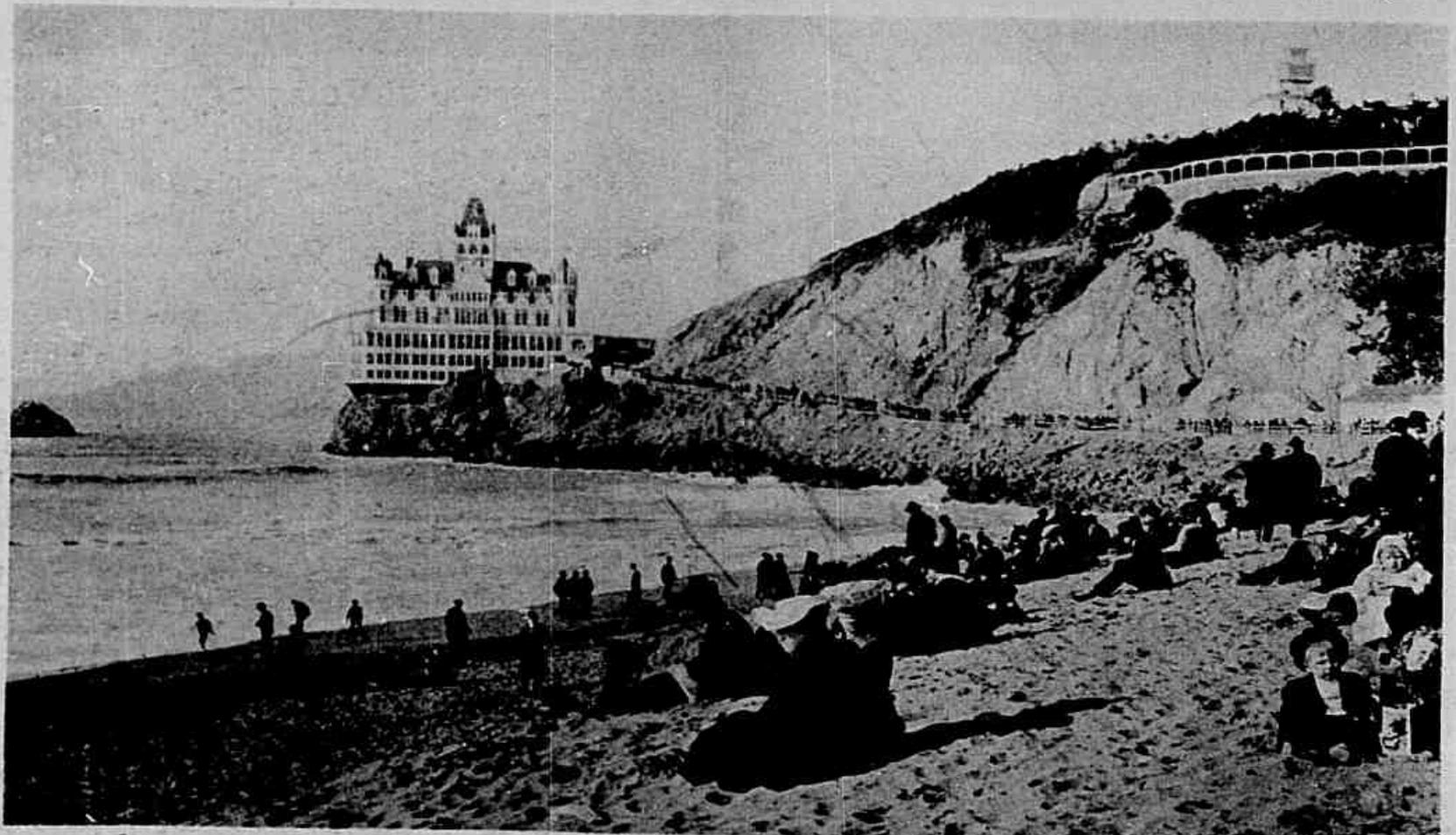
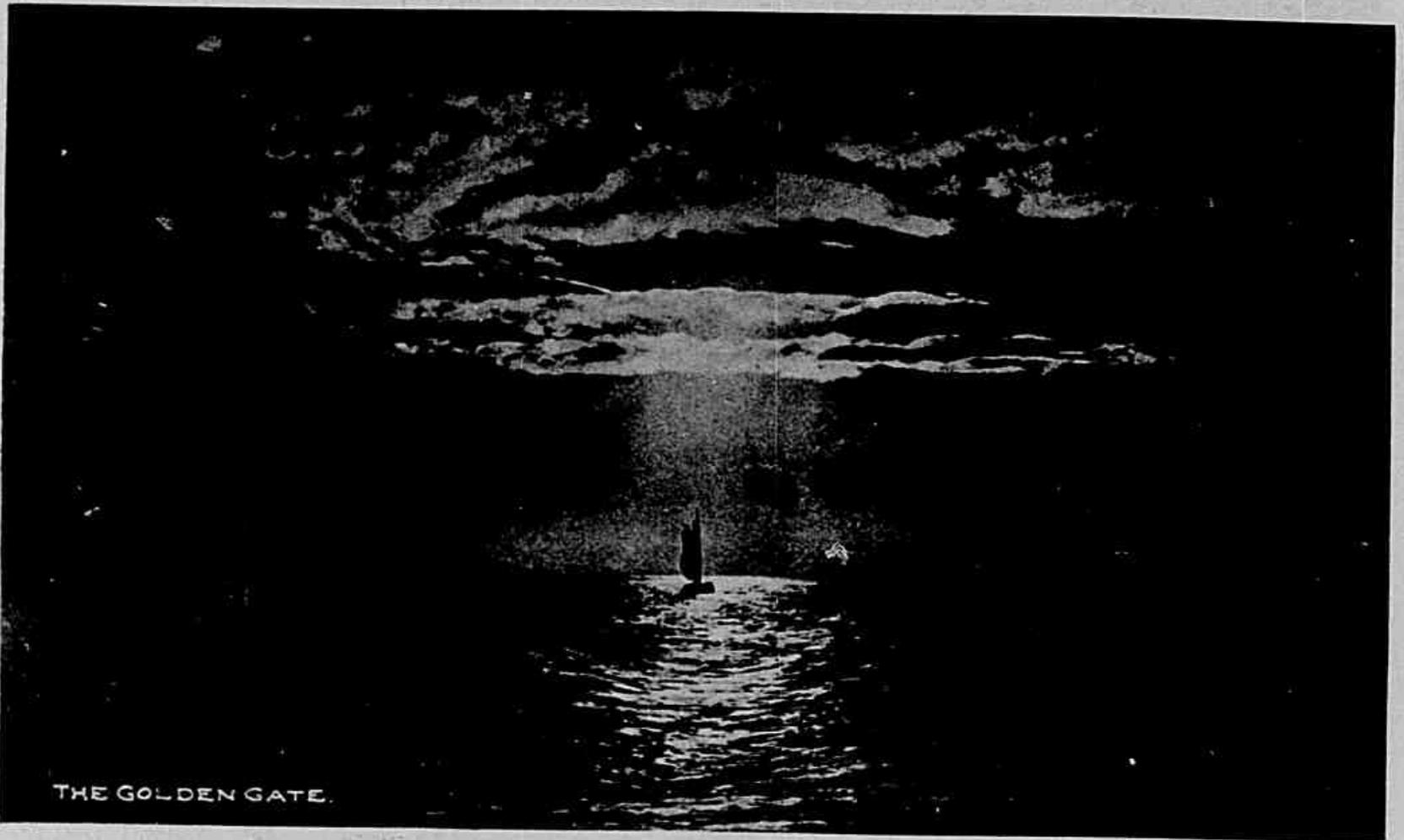
Esse vulto de ingenuo entusiasta por uma nobre causa é para os republicanos a encarnação do povo. Ignorante, devotado, sincero e a um tempo virilmente decidido, no cadafalso a sua figura attinge a sobrehumanas proporções.

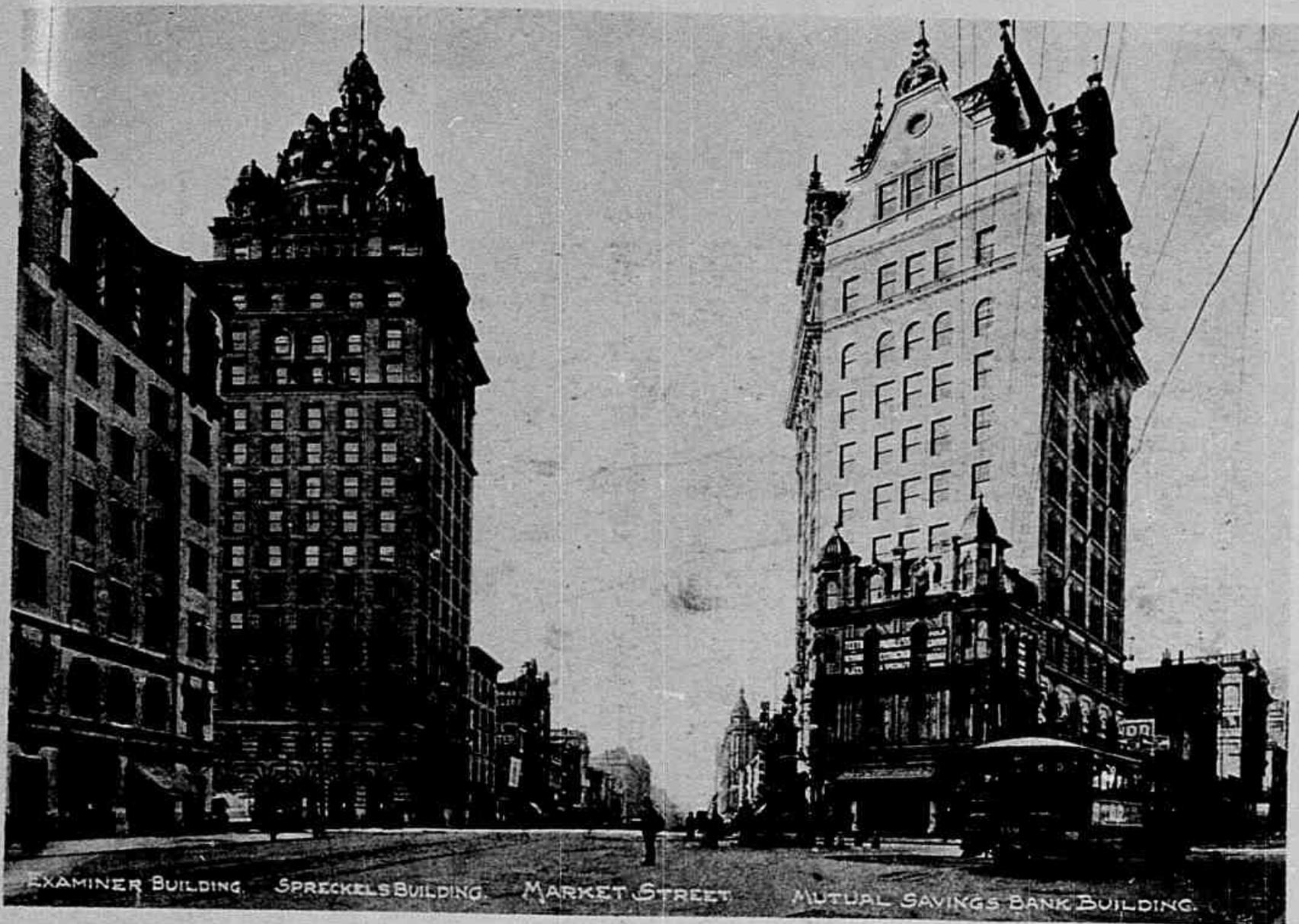
E jamais se apagará, diminuirá mesmo a irradiante aureola que o circumda, por mais esforços que o tentem. Essa grandiosa figura hoje erecta na praça de Villa Rica em que para exemplo e desagravo, o tempo consumiu sua cabeça cravada em poste infamante, é com razão o orgulho de Minas, ainda hoje, zelosa de suas tradições, o santuario da Democracia.

Rio, 21-Abril-906.

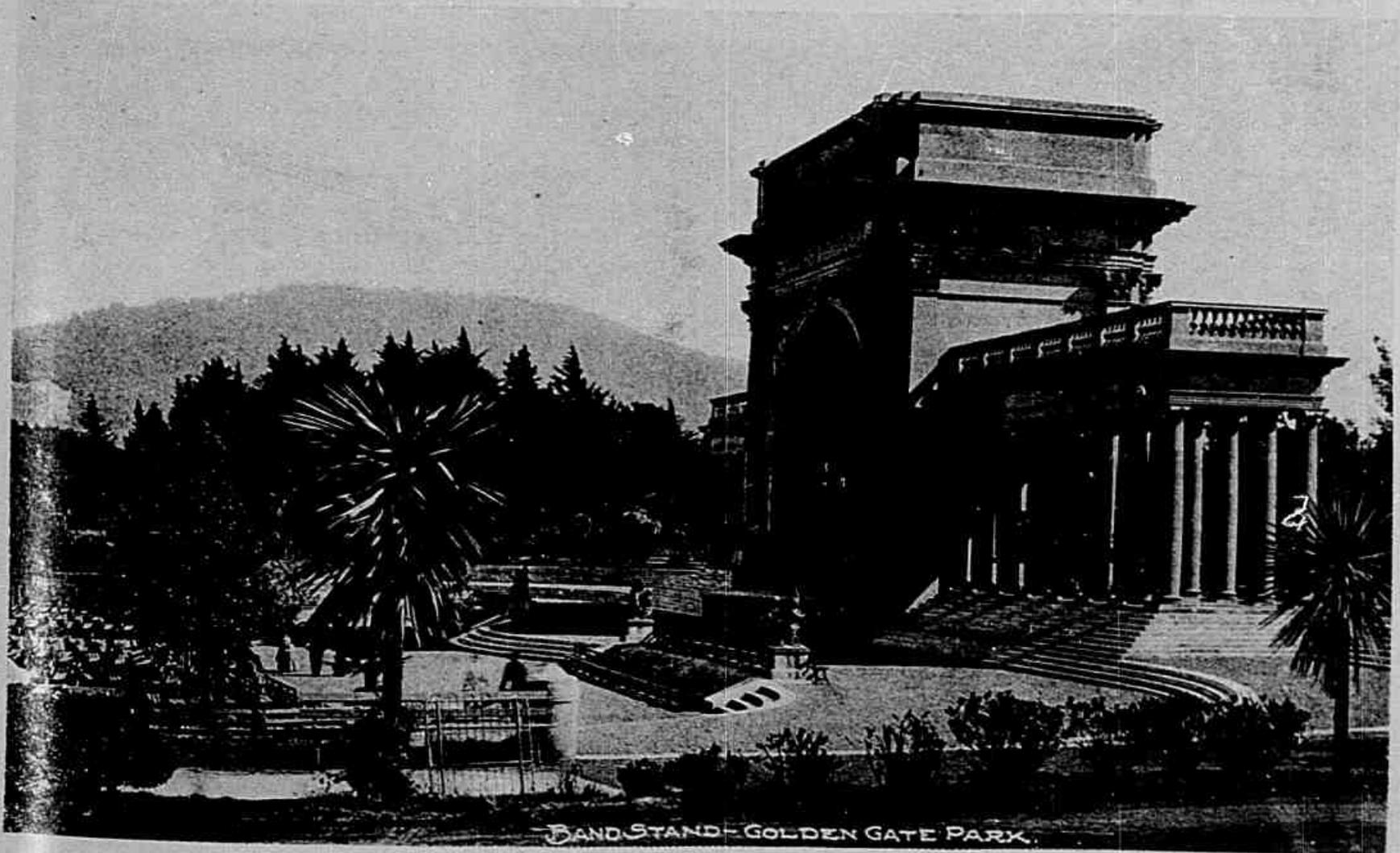
MARIO BEHRING.

# O QUE FOI S. FRANCISCO DA CALIFORNIA

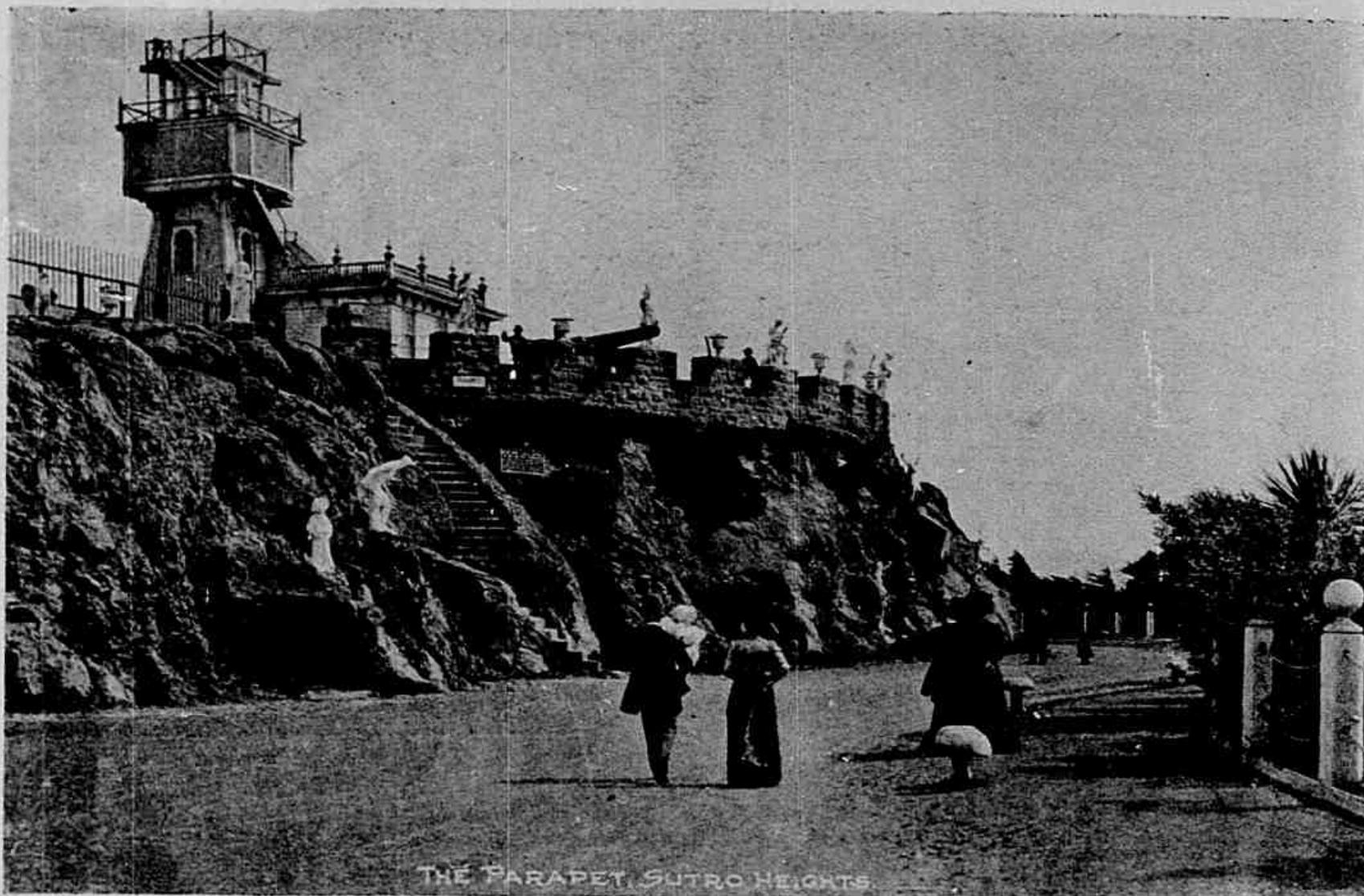




EXAMINER BUILDING SPRECKELS BUILDING MARKET STREET MUTUAL SAVINGS BANK BUILDING



BANDSTAND - GOLDEN GATE PARK.

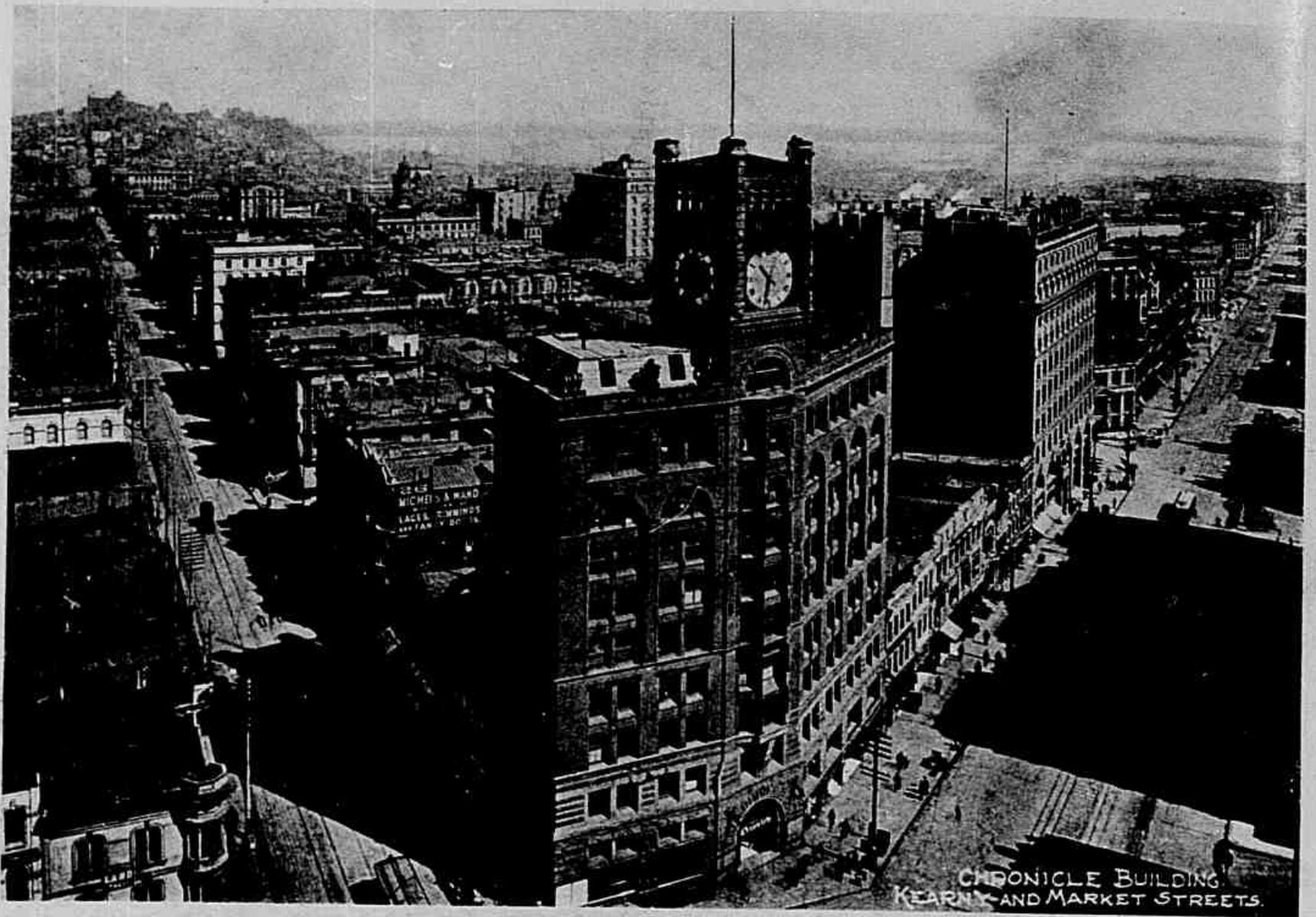




INTERIOR - SUTRO BATHS.



MARKET STREET, EAST FROM PIONEER MONUMENT.



CHRONICLE BUILDING  
KEARNY AND MARKET STREETS.



DENGES, CAL.



MAIN DRIVE - GOLDEN GATE PARK.



# O RIO DE JANEIRO DE OUTR'ORA

Subsidios para o saneamento da cidade pelo Dr.  
Pires de Almeida

I

Pouca, muito pouca elevação offerece a cidade acima do nivel do mar; e, ainda assim, essa elevação é devida a atêrros.

Dizendo quasi ao nivel do mar, tomamos ao pé da lettra a phrase, porquanto—como é sabido—o sólo da cidade, em geral, não soffreu grande alteração, pois tâes atêrros limitaram-se simplesmente ao enxugo dos pantanos. Estudos feitos no seculo passado comprovam o que vimos affirmando (Ordens Régias do Senado da Camera.—Informações prestadas sobre os chãos e rechões d'esta Cidade por intermedio de Luiz Vahia Monteiro, ao Governo Geral da Metropole, em 7 de Julho de 1726).

Em tempos mais proximos, novos estudos têm provado, não só essa baixa de nivel, como até em certos pontos—a sua inferioridade para com o do mar. A obra de esgôto das aguas pluviaes deixou de ser feita no 3º districto, que abrange os terrenos da praia Formosa ao Cajú, por esse motivo.

Ao raiar o seculo passado, a futura Côrte do Imperio já se achava desenvolvida, e toda a cidade velha edificada, bem como a maioria dos edificios publicos ainda ha pouco n'ella existentes; sessenta e poucas ruas formavam a trama que estendia-se do terreiro do Paço ao campo de Sant'Anna, hoje Praça da Republica; d'ahi para cima raras eram as casas urbanas, e rarissimas as ruas traçadas; a actual rua Frei Caneca formava apenas a estreita estrada de Mataporcos que, bifurcando-se na extremidade, seguia um ramo para o Valle do Andarahy, e o outro para a estrada real de Minas o qual mais tarde denominou-se Caminho de São Christovão.

A rua do Visconde de Itaúna existia sómente até a actual Rua Sant'Anna; a praça 11 de Junho só depois de 1815 é que se formou sobre o atêrro que fez recuar o canal até o logar, mais ou menos, onde ultimamente esquadra ainda a pequena bacia com escadarias, destinada ao serviço do mallogrado mercado de fructas e peixe.

A rua de S. Pedro da Cidade Nova, como até ainda ha bem poucos annos se denominava, poucas casas contava, e—do alinhamento da actual rua Sant'Anna, antiga das Flores, por dêante, prolongava-se por meio de um atêrro ainda por concluir, pois é sabido que—quando D. João VI e sua real comitiva recolhiam-se de volta do theatro ou das frequentes festas de Igreja, para a Quinta da Boa-Vista, collocavam-se lanternas equidistantes para evitar que os sótas encaminhassem erradamente os animaes para o tr-medal, que era então vastissimo; por esse facto ficou, por algum tempo, cognominado aquelle caminho—o das Luminarias.

Pela planta da cidade mandada levantar, em 1808, por D. João VI, a qual, gravada pelo artista Silva, foi reproduzida, em 1812, na Impressão Régia, vê-se que o regimen das aguas por esse tempo levava ainda verdadeiros riachões até as partes mais centraes da cidade.

O mangal de S. Diogo dominava quasi desde a base da montanha granitica, que—ainda hoje—conserva esse nome, até o arrayal de Mataporcos, beirando o môrro—então conhecido por Barro Vermelho, e hoje de Santos Rodrigues.

O Sacco de S. Diogo formava largo gôlpho que recebia as agôas do Rio Comprido, e de uma série de riachos que enredavam-se desde a rua de Matacavallos e Invalidos até a embocadura desse mesmo gôlpho. O riacho

que passava entre a estrada de Mataporcos e a rua do Areal, hoje Barão de Paranâpiacaba, então já em parte edificada, atravessava a dos Invalidos, e recebia as agôas do môrro de Santo Antonio por meio de uma valla que corria os quintaes dos quarteirões formados entre as ruas Visconde do Rio Branco e do Senado.

A lagôa da Sentinella apresentava-se então já muito delimitada, mas ainda existia; e pela sua configuração no mappa, que ora apresento, vê-se que os seus dominios outr'ora estendiam-se por todo o territorio em que se desdobrava aquella trama de riachos, que outra cousa mais não era do que o systema de esgôtos naturalmente impôsto pela necessidade dos atêrros das edificações feitas até o anno de 1808.

A maior parte da cidade, quer velha, quer nova, foi construida sobre os antigos pantanos. Quasi todas as ruas e largos não passaram primitivamente de grandes agoaçães, grandes e pequenos charcos que, com o tempo, se fôram aterrando e mal alinhando.

Quando da praia de Martin Affonso, Santa Cecília ou Vermelha, hoje da Saudade, a povoação foi transferido para o môrro de S. Sebastião ou do Castello, primitivamente denominado collina de S. Januario, communicava este com o de S. Bento por um isthmo, quasi sempre submergido pelo préamar; o primeiro cuidado, pois, do alcaide-mór, foi mandal-o elevar por atêrro. Este isthmo é actualmente a rua 1º de Março.

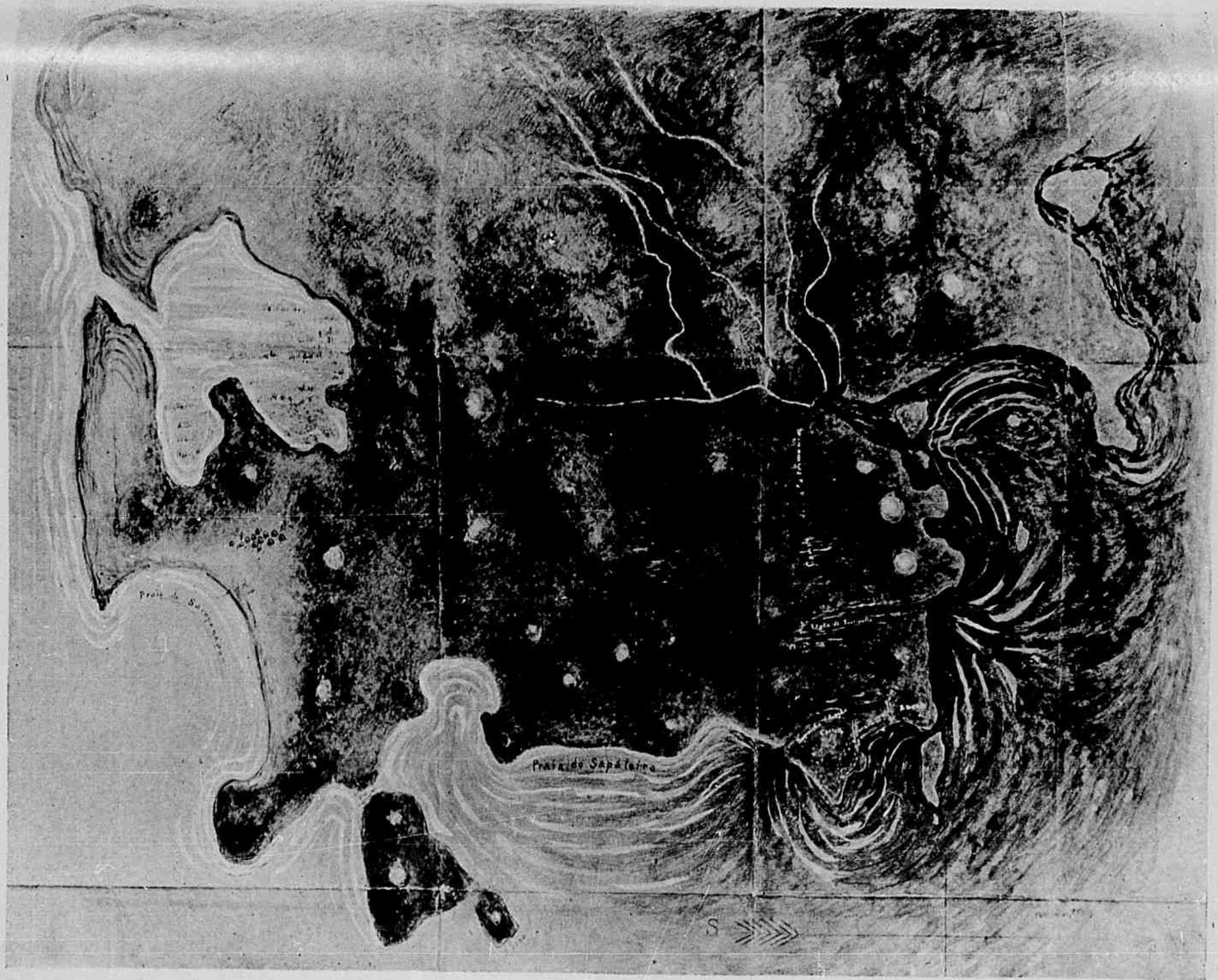
O immenso pantano, do qual a cidade occupa uma parte, estende-se ainda hoje até a serra ainda hoje chamada do Mar, proximo a Belem. Comprehende bacias e apertados valles, em grande parte totalmente afogados.

Na origem da cidade, o mar batia o flanco direito da rua 1º de Março,—o outro lado era occupado pelos brejais. Na parte d'além do môrro de S. Bento, as agôas cercavam quasi completamente os morros até a Praia Formosa, frequentemente transformando os em ilhas. A bahia do Rio de Janeiro penetrava até o Rocío Pequeno, hoje Praça 11 de Junho, onde terminava em lameirões cobertos de páos-mangue, os quaes—por sua vez—estendiam-se sobre o chão actual das ruas Frei Caneca, Lavradio, General Caldwell Barão de Paranâpiacaba, Praça da Republica e Praça Tiradentes, aos quaes devem reunir-se os da base do môrro do Castello, de Sant'Antonio e de S. Bento, quasi a tocar também os da Conceição e do Livramento; innumerous cajueiros e pitangueiras cobriam-lhes as partes arenosas que conservavam-se a descoberto por mais tempo, formando ás vezes cerradas mattas, onde as myrtaceas disputavam o terreno aos espinhosos cactus. Diversos crustaceos entre os quaes enormes goyamús, refugiavam-se debaixo das raizes dos páos-mangue, que só os altos éstos cobriam completamente. As lagoas taes como a da Sentinella, e Boqueirão que cobriam toda a area da Carioca, Guarda-Velha, Ajuda, eram—na verdade—muito piscosas, porém tão infestadas de jacarês que tornaram-se quasi inacessiveis.

Entre os primeiros moradores do Rio de Janeiro notavam-se muitos pescadores; por commodidade de sua industria e facil communicação do outro lado da bahia com o centro da população pela rua da Quitanda e do Marisco, estabeleceram mui juntas umas das outras, e suas choças de sapé, postas sobre estacas, onde atracavam as canôas, formando então uma rua que ficou sendo a dos Pescadores, actualmente Visconde de Inhaúma.

Pouco e pouco os moradores da cidade foram aterrando, estabelecendo ao mesmo tempo vallas para escoamento das agoas; os jesuitas, os beneditinos e os frades das demais ordens monasticas alcançaram, nesses trabalhos; e assim se abriram novas ruas, edificando se vastos e solidos conventos.

Ao instante da invasão de Duguay-Trouin, na rua 1º de Março concentrava-se talvez metade da população, embora já existissem em começo algumas ruas adjacentes, taes como a actual da Alfandega, as dos Pescadores e Quitanda do Marisco; a cidade propriamente dita era limitada por extensa valla que, do Largo da Carioca, estendia-se até o mar; nas margens dessa valla alinhavam-se



REGIMEN DAS AGUAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO 1585-1600 DEPOIS DE 15 DIAS DE SÉCCA

mais tarde uma rua que recebeu a denominação da sua primitiva serventia, *rua da Valla*, indo-se entroncar na antiga do Aljube ou Prainha. Havia, além d'isso, já algumas *chacaras*: todos esses terrenos, porém, habitados ou não, eram conhecidos sob a denominação geral de **Campo**.

Vê-se por aquella singela, mas veridica explicação official, do que então entendia-se por cidade, e que só d'ahi em diante, 1793, começou ella a estender-se, traçando-se as ruas, que se foram apresentando um pouco mais bem alinhadas da Valla para cima, prolongando-se as que actualmente tem as denominações de S. Pedro, General Camara e Hospicio, até a dos Andradas, a qual era já de largura regular e recta, formando-se em seguida os *rocios* do General Osorio e de S. Francisco de Paula, cujo magestoso templo começou então a edificar-se.

Desde 1722 lançaram-se fintas ao pôvo para calçar as ruas, obrigando-se os proprietarios a pagar o lagêdo pôsto na testada de suas casas (\*); assim, pois, ao entrar na segunda metade do século XVIII, já tinha o Rio de Janeiro as principaes ruas calçadas, e certamente niveladas para dar escoamento ás agoas pluviaes. Ora, como —por esse tempo— ainda existiam grandes pantanos, e até a famosa lagôa da Sentinella, é bem provavel que

(\*) Archivo da Prefeitura Municipal, Ordens régias de 1690 1755\*

esses calçamentos, umas vezes derivassem as agoas para o mar, e outras para aquelles pantanos: eis a razão do incongruente nivelamento das nossas ruas e praças, que por tanto tempo alagava a cidade ás menores chuvas, e que—ainda hoje—apesar da canalisação subterranea— não dá tao prompto escôamento como seria para desejar.

Só muito mais tarde começou-se a aterrar um pantano excessivamente infecto, proximo ao mar, no lugar chamado Boqueirão. Pantano mixto, já n'aquelle tempo era por esse facto considerado mais pernicioso que os demais; e tantas fôram as queixas e tão patentes as graves epidemias alli reinantes, que o vice-rei teve de pôr de lado todos os outros melhoramentos, ordenando aquelle atêrro com a maior presteza; custou isso a morte de cerca dos dous terços dos degradados e indios mansos empregados n'aquelle serviço. Sobre esse pantano, o benemerito vice-rei Luiz de Vasconcellos mandou plantar o chamado Passeio Publico. Data dessa época, e por aquella causa, o nosso primeiro regulamento de hygiene.

Quando nos preocuparmos da composição do sólo, voltaremos ao arruamento, demonstrando que rarissimas são as ruas que não estão sobre a antiga vasa ou na visinhança de aterrado agoaçal ou lamarão.

DR. PIRES DE ALMEIDA.

## 638!!!... Gasparoni

«*Struggle for life... insurance!*» — é a divisa d'este homem activo, inquieto, febril, trepidante, electrico, ubiquo, universal, que realisa o milagre de multiplicar o tempo, trabalhando quarenta e oito horas durante um dia de vinte e quatro, em prol d'*A Equitativa*.

Gasparoni é ubiquo, dissemos. Parece mentira, mas é verdade. Já varias vezes tem acontecido isto: A administração d'*A Equitativa*, no seu escriptorio central, recebe cinco communicações telegraphicas, assignadas — *Gasparoni*, participando o contracto de cinco seguros de vida. O primeiro telegramma vem de Paquetá, o segundo de Copacabana, o terceiro de Jacarepaguá, o quarto de Irajá, o quinto de Guaratiba: e todos elles foram expedidos á mesma hora, no mesmo minuto e no mesmo segundo... Como se explica isso? não se explica, nem se discute, admite-se, porque é verdade, e porque, como diz Hamleto a Horacio, «ha na terra e no céo muitas cousas que a nossa van philosophia não conhece.»

Gasparoni conhece toda a gente: desde o chefe do Estado até o mais obscuro calceteiro, desde os magnatas das finanças e das letras até os mais humildes trabalhadores da cidade e da roça. E' ubiquo e é universal. Locomove-se com tal rapidez, que parece ter azas, anda tanto, falla tanto, trabalha tanto, que parece ter dentro do corpo o maravilhoso mecanismo do *motu-continuo*; é um homem que tem corda para toda eternidade; é um relampago com braços e pernas! E é tão forte a corrente de sympathia, que se desprende d'esta

creatura phenomenal, que ninguem lhe resiste; Gasparoni já não pede *seguros*, — os *seguros* vão a elle, naturalmente, irresistivelmente, como a limalha de ferro vae ao iman, e como as agoas dos rios vão no mar.

Assim se explica que todos os homens que conhecem Gasparoni são segurados d'*A Equitativa*; e, como Gasparoni conhece todos os habitantes do Rio de Janeiro, *A Equitativa* já quasi não tem livros em que possa registrar os novecentos e noventa e nove mil segurados.

Nas vespéras dos *sorteios*, é que a actividade electrica de Gasparoni se exarceba, se desdobra ao infinito, e chega ao auge. No dia do *sorteio*, quando a Sorte vae dando cinco contos de réis (uma fortuna, caramba!) a cada um dos seus favorecidos, — cada um dos favorecidos abençôa Gasparoni, saúda Gasparoni, abraça Gasparoni, beija Gasparoni, escangalha Gasparoni á força de amplos, de shake-hands e de salamaleks.

Ora, succedeu que, este anno, a Sorte, que nem sempre é céga e irresponsavel, disse aos seus botões (se é que a sorte tambem usa botões na roupa): «Tenho dado tantos cinco contos de réis a tantos segurados de Gasparoni... porque não hei-de dar agora cinco contos a Gasparoni?» Foi dito e feito! Andou a roda, e Gasparoni (que tambem é segurado d'*A Equitativa*, porque achá que a boa justiça e a boa previdencia devem começar por casa), viu a sua apolice sahir da urna, e ouviu o seu nome gritado e aclamado pelos rapazes da imprensa que fiscalisavam o sorteio... Irra! tambem alguma vez havia de ser favorecido pela sorte quem já fez tanta gente ser favorecida por ella!



... é o-homem, cujo retrato (bastante favorecido) damos nesta página da *Kósmos*. Quem não conhece Gasparoni? quem não gosta de Gasparoni?...

... deixemol-o em paz, — se é que algum dia pode ficar em paz um homem-automovel, um homem-vulcão como elle. E fechemos esta noticia com uma indiscreção: Gasparoni está machinando

a construcção de uma aeronave maravilhosa, em que partirá brevemente, para segurar n'*A Equitativa* todos os habitantes de Marte e dos outros planetas, — sendo provavel que, depois dê um pulo ao céu e um outro ao inferno, para entregar apolices d'*A Equitativa* a todos os santos da cõrte celeste e a todos os diabos da cõrte infernal...

# CREPUSCULOS



BELLO HORIZONTE

Os crepusculos de Napoles, essa poesia melancholica do céu da Italia, tão decantada pelos *touristes*... eu não sei o que póde ter de mais sorprendente e de mais admiravel que a do céu de Bello Horisonte, nas tardes formosas de Julho e Agosto. Ainda agora, depois de grandes e demoradas chuvas, o céu da capital mineira, limpo e claro, com as transparencias características do bom tempo que voltava, revestiu-se de novas e purpureas galas, como que saudando os chilros renascidos da passarada alegre.

Só quem já se extasiou diante da maravilhosa riqueza das tintas de seus crepusculos, ora fantasticos e rubros, como si fossem chammas que se levantassem, ao longe, sanguineas e quentes, do seio de uma grande massa em fusão de oiro bem vivo, ora ternos e suaves, de todas as côres iriádas, que se fundem umas ás

outras em tonalidades melancholicas, formando raios de magestoso resplendor, poderá bem comprehender a immensa poesia que se derrama em nossa alma, na hora magica das recordações e das saudades...

Parece que nessas tardes, a desigualdade da transparencia do ar, embora puro, para todos os raios tintos das diversas côres que nos envia o sol, accentua-se mais, reflectindo, de preferencia, os raios azues que dão ao céu a sua côr característica mais commum e que se nos apresenta, em geral, tanto mais carregada e forte, quanto mais alto nos achamos sobre o nivel do mar. O sol, approximando-se da linha do horizonte, os seus raios têm de atravessar, para que cheguem até nós, camadas densas da atmosphaera e despem-se, cada vez mais, de sua côr azul; no céu do occidente presenciamos, então, todas as tintas intermediarias entre o amarello vivo de oiro e vermelho.

Na bella capital mineira o estado da atmosphera, principalmente nos mezes de Junho e Agosto, permite-nos o spectaculo de verdadeiras apotheoses crepusculares que duram, ás vezes, 40 e mais minutos, passando, de momento em momento, por mutações rapidas que encantam e deslumbram ao observador.

Os arcos anticrepusculares, vermelhos vivos, do céu oriental, elevando-se para o zenith, á medida que o sol some-se no horisonte, ora apparecem-nos nitidos e brilhantes, no azul bem puro onde brilham, pouco a pouco, as primeiras estrellas, pontecendo, aqui e ali, ora somem-se no céu coberto de uma tinta purpurea e bella, unindo-se ao crepusculo por meio de faixas de côres verde e lilaz, produzidas pelas superposições do amarello oiro e do amarello vivo sobre o azul celeste.

Para reproduzir e fixar semelhantes crepusculos, a fantasia de um pintor consciencioso poderia comprometter a verdade do quadro e a authenticidade do spectaculo; só a photographia, para quem conhece os effeitos da luz e das côres sobre a chapa sensibilizada, poderá dar uma pallida idéa

de todas essas bellezas e encantos. Sobre a silhueta da cidade, já mergulhada em sombras, pairam nuvens de um vermelho forte, de fôgo, em confusão fantastica, orladas de amarello vivo de oiro, sobre um fundo onde se combinam as côres amarello desmaiado, lilaz, alaranjado, verde, azul, púrpura e violeta, com todos os seus matizes; e, outras vezes, do horisonte vasto, a perder de vista, por traz da colina triste onde está collocado o cemiterio, irrompem largas columnas de fogo que se dobram para traz, como que impellidas por uma forte e mysteriosa força, cercadas de filetes doirados e brilhantes; ao longe, em plano longinguo, vê-se o multicôr, onde appareceram, mais tarde, as ultimas estrellas.

Hora magica das recordações e das saudades!... como eu bem comprehendo e sinto toda a immensa poesia que brota de teus crepusculos admiraveis, fantasticos e rubros, como si fossem feitos de chammas que se levantassem ao longe, sanguineas e quentes, de um incendio occulto e mysterioso!...

FIDÉ YORI.

(Josaphat Bello).



## Era uma vez...

Um lar de gente pobre,  
 Pobre gente christã de vida obscura  
 E sentimento nobre,  
 Que a feia Sorte, quasi sempre avára,  
 Por um capricho extranho collocára  
 No pequenino Valle da Ventura.

E para lá chegar andava a gente  
 Pelas areias brancas do caminho  
 Dos que a Ventura gosam, predilecto;  
 E o mesmo Sol clemente  
 Que abria a Rosa e fecundava o Ninho,  
 Era o Sol que cobria aquelle tecto.

Não havia o rigor dessas vermelhas  
 E longas tardes de feroz Estio,  
 Nem a velhice branca dos Invernos;  
 Arvores, Céu azul, ventos galernos,  
 Aguas sonoras de um pequeno rio  
 E a tristeza dos bois e das ovelhas,

Esta era toda a Natureza obscura  
 Do pequenino Valle da Ventura

## II

Lá dentro desse Lar sereno, havia  
 Uma vida de simples e modesta,  
 Toda feita de paz e de agasalho.  
 Era uma vida honesta,  
 Cheia do Bem e cheia da Alegria  
 Dos que vivem do Amor e do Trabalho.

Nunca da Magua as duras garras,  
 Magua vulgar, ligeira e branda,  
 Sombra de qualquer Dor,  
 Perturbaram a paz dessa morada,  
 Que abria, á tarde, ao longo da varanda,  
 A sombra perfumada  
 De um jasmineiro em flor,  
 Para asylo do Sol e das Cigarras.

Era um Casal de alegres e felizes...  
 Lá dentro a calma e o Amor; a Luz cá fóra  
 Desdobrada na gloria dos matizes  
 De um lindo Sol e de uma linda Flora.

E assim vivia aquella gente obscura  
 No pequenino Valle da Ventura.

## III

Um dia... Havia Sol e era Janeiro,  
 Mez em que o Sol mais loiro brilha  
 E a Terra é mais sadia.

Um dia,  
 Encheu-se a paz desse viver caseiro  
 Da linda graça da primeira Filha.

Certo, não cabe  
 Na limitada suggestão de um Verso,  
 A traducção da extranha melodia  
 Do rythmado balançar de um berço...

Só quem tem filhos sabe  
 Avaliar esta Alegria.

E ao novo encanto que esse Lar guirlanda  
 E que cantando trouxe  
 Nova fonte de Amor para o Casal,  
 Deram o doce,  
 O lindo nome imperial  
 De Yolanda.

Era feliz aquella gente obscura  
 No pequenino Valle da Ventura.

## IV

Para aquelle Casal de Alma encantada,  
 Era o melhor de todos os thesouros  
 Desta Vida de sombra tão expêssa,  
 O thesouro de luz dessa cabeça  
 Aureólada  
 Da longa mèsse de uns cabellos louros.

Nasceu no loiro mez do Sol radioso,  
 Cujo caminho Flora altiva junca  
 Da alegria das Flores e das Aves.

Se era linda...  
 Nunca na Terra mais garboso  
 Encanto de Olhos tão lindos, tão suaves  
 Se viu ainda...  
 Nunca.

E a Vida ria e tudo se alegrava  
 Quando, no seu passinho incerto, de aza,  
 Por alli passava  
 Como o Anjo tutelar daquella casa.

Era o encanto daquella gente obscura  
 Do pequenino Valle da Ventura.

## V

Um dia  
 Em que Ella andava a rir á Vida, á tóa,  
 (Nem sei como célebre  
 Todo o negro pavor desta Agonia)  
 Veio a Febre  
 E matou-a.

Certo não cabe  
 Num pobre Verso simples, incolor,  
 A traducção desse cruel Tormento,  
 Nem a grandeza desse Sofrimento.

Só quem tem filhos sabe  
 Avaliar tamanha Dor.

Ninguem mais viu aquella gente obscura  
 No pequenino Valle da Ventura.

MARIO PEDERNEIRAS.

# Martyr christã

Meu coração não espera mais  
senão ultrages e dores. Desejei  
mas em vão alguém que se compa-  
decesse de meus males; procurei  
consolação e as não encontrei.

Ps. 63.

**P**ELOS vidros da janella, via-se, lá fóra, no Azul desbotando a sua seda de velario immaculado, a claridade esmorecida e dolente do crepusculo invernall estagnar-se pouco a pouco em traspassante algidez polar. Uma aérea melancolia pairava na vasta sala tapetada, esquecido interior de opulencia e arte onde, outr'ora, um apaixonado romantico que perdera a sua Dama num desastre, numa desgraça, viera para sempre occultar-se, e onde, agora, um nevrosado do Espirito, de uma candida limpidez d'alma, se refugiava tambem, dentro desse asceterio seguro, como um monge em um claustro, para isolar o seu sonho de artista e a sua paixão ethereal fugindo ás escravisantes exterioridades da Vida e á lama envenenadora do convívio mundanal.

Uma paz absoluta, como a que fluctúa e coalha, perennemente, sob as abóbadas de um cárcere, povoava de austero silencio esse recanto socegado, cheio de uma celeste doçura de benção e espiritualidade, como a nave de um templo latino em celebrações do ritual, toda aromada pelo incenso que arde e se espirala fumosamente dos thuribulos de prata, elevando ao Céu, em rôlos alvos como jasmims, uma assucenal procissão d'Almas, adejando serenamente, com a sua pureza de luz estellar, em demanda das Paragens Azues desejadas.

Ahi, num murmúrio crystalino de rézas que seus labios esfiavam com unção e piedade, o nostalgico exilado das turbas, olhos pousados além, no alto Espaço distante, onde se abria, como uma mortalha de virgem, toda uma melancolica florazão de lilazes, ajudava a bem-morrer esse dia, deixando pender tristemente a melancolica cabeça sonhadora sobre o baixo espaldar velludoso de um divan de Damasco.

Uma tenuissima poeira de treva fundia-se em torno, silenciosamente, sobre os móveis e *bibelots* Renascença onde se destacavam um alto contador de acajú esculpido sobre o qual pousava o pequeno e precioso grupo do cão, a côrça e a Diana, de Jean Goujon, e nume-

rosos é admiraveis pratos, em faiança, de Bernard de Palissy, que pareciam estranhos sóes e luas mortas constellando, d'alto a baixo, as paredes forradas de Gobelins. Vasta pulverisação de nankin cahia já, em denso véo funerario, dos angulos do alto tecto, em cujo centro cavava-se monumentalmente uma funda abóbada ou zimborio, e que, espargindo-se pelos recantos longinquos, os occultava pouco a pouco á visão, ennoitando-se numa vaga oppressão de pesadello e numa tétrica e desoladora solidão de Campo-Santo, onde, dir-se-ia, começava a vagar, invisivel e sem frémito, como entre crêpes fluctuantes, a ronda phantastica das Almas Penadas, que descem, em cortejo soffredor, á hora calada e morta da Meia-Noite, a peregrinar sobre o vasto marnel da Vida Terrena, penitenciando-se assim, longamente, para a Grande Purificação.

Mas pelo fundo zimborio estrellado de broquéis e symbolos, cintado á base de um largo áro de vidros multicôres que vertiam para o interior uma vaga luz de espectro-solar, e pela arcada das elevadas janellas gothicas, vestidas d'alvo com finissimas *étamines* de brancura boreal, entrava ainda um clarão opalino e suave que esmaíava docemente, em lactescencia vaga, para os recuados confins da rica e ampla sala, illuminando a meio tom, as grandes telas, suspensas aos muros engombe-linados em largas molduras de ouro, como gigantescos rasgões de luminosa verdade pictural, abrindo, á plena luz meridiana, para a fragil e angustiosa Vida Humana e para a soberba e immensa Natureza immortal.

Errava então no ambiente um perfume campesino e suave á boa-noite e a cravo, um vago ciciar de novenas ao longe, no Reco-lhimento de S. João, á encosta verdejante de umas collinas baixas, manchando o horisonte com a sua silhueta ondulada e a lembrarem um acampamento de caravana quando os dromedarios pacificos, agachados submissamente, gozam o repouso desernevante das longas caminhadas. Na visinhança, uma voz feminina e débil, carregada de nostalgia e de maguas inconsolaveis de amor, de certo a de alguma Noiva trahida ou abandonada, cantava veladamente, da sua funda soledade, uma *romanza* gemedora de Tosti, onde suspiros e supplicas anciosamente passavam, desattendidos e desamparados, numa continua convulsão de lagrimas. Ouvia-se um soluçar amoroso de balladilhas d'HEINE, rythmicamente evulado de cytharas gementes tangidas por artisticas mãos musicaes, o offegar angustioso de uma alma de sonhador, acorrentada á Materia e infindamente torturada pela saudade do Azul, onde a sua illusão construira morada, entre as camandulas de ouro dos Astros, como num refugio paradisiaco de venturas sonhadas...

Mas a luz vespertina coalhava e se detinha na sala, em alvura de luar repontando sobre a toalha algida de um lago, diluída e doce como as primeiras tintas d'alvorada. E nessa meia-tinta crepuscular de opala, tirando d'alma uma prece immaterial e desenrolando em nosso espirito a Via-Lactea da Esperança, das Chimeras e dos Sonhos, cruzavam Recordações e Saudades, evocando amorosas scenas felizes de estancias passadas, em que houvera entrevistas romanticas, mãos e braços enlaçados, labios pousados sobre labios, corações palpitando um para o outro, cabeças ardentemente roçando-se, olhos em gozos ideaes. E foi á brancura suggestiva desse derradeiro clarão delongado de occaso que a grande tela de LA ROCHE se destacou, como nunca, em pinceladas de genio e num conjuncto magistral, desnudando, ao Sentir e á Observação contemporanea, um dos episodios caracteristicos, emocionantes da vida convulsa e perdida do Imperio Romano—a Martyrisação dos Christãos—com um extraordinario poder de psychologia e espiritualidade.

Sob essa illuminação vespéral, perdurando calmamente, quasi miraculosamente, por instantes incontaveis, e parecendo tecida de uma tenuissima urdidura de neblina e prata, em cujas malhas luminosas corressem vibrações de mandolinos e pétalas desfolhadas, elle lentamente rezava e gozava, no seu mysticismo insondavel, uma longa *Avé-Maria*, tomado da bem dita pacificação e cultualidade que descem, depois de tumultos e desesperos amargos, sobre o coração desilludido e ferido dos Affectivos e dos Grandes Mentaes. A esse fulgor jasminal de luz, povoado de espiritos invisiveis como os Campos-Santos e os Templos, apenas se lhe escoou nos labios murmurosos a ultima phrase abstracta da oração, poz-se a fixar vivamente, a pupilla em extase, a fronte unvida de um clarão constellar, o formoso painel transcendente, abrindo á luz de um bello occaso sereno para a existencia de um Povo ha dois mil annos passada e contando-nos eloquentemente, psychologicamente, em traços e tintas, um dos aspectos da sua historia, de dentro de um largo enquadramento de ouro como estranhamente emmolurado em sol.

E nessa contemplação deliciosa de analyta e de crítico, erguido a toda a altura do Pensamento e do Raciocinio, abysmado na profundeza de uma meditação psychica, inteiramente arredado da rude materialidade das coisas e só vivendo de subjectividade e de espiritualidade, ia detalhando, com intimo jubilo transcendente e um mysticismo d'Arte doce e sonhador, a vida desventurosa, cortada d'espinhos e dôres, cheia de barbaros supplicios, mas ao mesmo tempo envolta em pureza, resignação e graça ideal, de Lecênia—a *Martyr*

*Christã*—nobre donzella romana, de dezoito annos, filha do senador Helvidius Priscus, exvalido de Domiciano e afeiçãoado aos Christãos, que se convertera a JESUS e á sua Grande Doutrina apenas ouvira, um dia, a palavra persuasiva e ineffavel, prometedora da Eterna Consolação de um outro Mundo melhor, de PEDRO, simples pescador de Galiléa, e do genial e sublime PAULO, de Tarsus, o que lhe valera a morte affrontosa no Circo, logo após a do pai e o consequente lançamento do seu cadaver virginal ás aguas barrentas do Tibre que o levaram para o Mar... A soberba tela immortal revivia alli, como através de um fôsko clarão de Legenda, toda a tristissima verdade desse conhecido episodio da formidanda Tragedia da Christandade...

Era na Italia, nas altas costas da Lucania, banhadas pelas aguas azues do Laüs Sinus, ás vezes terrivelmente revoltas aos ventos rijos de oeste como um largo e sinistro mar. Negras rochas escarpadas erguiam-se, ali, numa agglomeração de cristas rudes e ásperas, rendilhando-se no ar em curvas e agulhas vivissimas, onde pousavam ou esvoaçavam, agora, continuamente, bandos de corvos marinhos, e onde, outr'ora, em os nebulosos e remotissimos tempos da submissão de toda a Peninsula á Roma, sobre os campos juncados de cadaveres das Batalhas Samnitas, os supersticiosos Generaes romanos, triumphantes do inimigo, ouviam, cheios de terror anímico, passar, rolando no ar soturno, altas horas da noite, o côro lugubre e phantastico das *Larvas* e *Lê-mures*, chorando os pobres prisioneiros tornados então escravos... Fendas e furnas infernaes cavavam-se na enorme mólle granitica, em que as ondas vinham despedaçar-se, em incessantes explosões d'espuma, detonando atroadoramente, em symphonias brutaes. No alto, entre nuvens negras, como num fundo de Camara Mortuaria, havia a claridade algida de um luar presago. Cirrus e nimbus, em *plissés* esparsos ou largos apanhados de sudario, orlavam-se todos de uma luz nevoenta e livida. Debaixo, do horisonte, ascendia lentamente uma barra de treva espessa, superpondo-se, em acirrados planos angulosos, á muralha, ainda mais negra, da penedia brava. O Mar, na sua infinita e rasa planura liquida, faiscava, sob a Lua, numa Via-Lactea de opala, e tinha, nas zonas de escuro denso, longas dobras d'ardentia.

Destacava, a um quadrante, sob um sendal d'escumilha, o casco recurvo de uma Galé, desmastreada e vasia, vogando ao acaso contra as saliencias penhascosas de um perfil dentado de cabo, em relêvo sobre os longes nevosos, como o dorso monstruoso de um crocodillo basáltico, a cujo carcomido sopé espadanava, em cachão, o gêsso fluido das espumas. Proximo, arrastava nas vagas a tulle

translúcida e argentea do albornoz de Diana, Rainha da Noite, passeando poeticamente nos seus domínios do Azul com as suas alvas, eternas vestes virginaes de noiva, a cuja esparsa rutilação lyrial um bando olympico de Sereias cantava, ineffavelmente, as marulhas balladas do Mar, que arrebatam os Marinheiros sob as velas enfunadas.

O sympathico idealista hypnotizava-se, inebriava-se na funda contemplação do grande quadro genial, de um effeito de claro-escuro inexcedível, inaudito, extraordinario, onde pincladas originaes e ineditas, com tintas dispostas e esbatidas em conjuncto singular, tinham conseguido erear um tragico e expressivo scenario de Supplicio e Calvario, cheio de reflexos brancos d'astros extinctos e de encinzados tempestuosos de marinha austral, enlaçando-se e confundindo-se, furiosamente, em torvelinhos de borrasca. E todo se entristecia, em crises de mysticismo piedoso, ante aquella noite sinistra de execução criminal, abrindo-se numa arripiante lividez de necropole a um plenilunio de horas mortas, phantasticas, illuminando nebulosamente vinganças e crueldades fataes. O que, porém, mais o prendia áquella vida colorida e quasi mental da Tela, cantando épicamente uma estancia emocionante e convulsa da incomparavel Tragedia Christã, eram as transparentes ondas marulhas e calmas do Laüs Sinus catanico, estendendo-se, com um quasi inconcebível poder de naturalidade e verdade, sobre toda amplitude do primeiro plano, e em cujo arfar espumoso e doce como coxins de velludo e rendas onde havia um immenso e fulgurante achamalotado de prata, o cadaver tristissimo de Lecênia, a bella filha de Helvidius Priscus, ia boiando, boiando, os cabellos negros esparsos como estranhas meadas d'algas, o alvo capicio jasminal de virgem collado estheticamente ás puras fórmas venusinicas e um resplendor de sol em torno á frente, de altissima formosura romana, livida, fria e de alabastro, sob a rigidez da Morte...

E, numa viva acuidade critica, sob o crepusculo suggestivo daquelle poente invernal, chegava psychicamente á culminancia creadora do Grande Quadro, ao nucleo radiante a que tinham convergido todos os poderosos esforços estheticos do alto e inspirado Artista, que deixára o pó do Mundo após legar immortalmente a sua Obra suprema á admiração serena e justa da Posteridade e da Arte.

Mas o corpo lyrial de Lecênia ia boiando, boiando na mansidão das vagas, cercado de um cortejo de Ondinas cantando as litánias do Mar, acompanhando até á Final Extincção aquelles tristes despojos terrenos, de onde a Alma ha muito se desprendera e voara, num leve adêjo luminoso de pureza astral, para o seio extasiante e eternal de Deus, força augus-

ta e ineluctavel em que se circumscrevera no Mundo todo o seu sonho e acção e em que se apoiaram, sempre, como em poderosas columnas de bronze, a sua crença e o seu amor, irradiações immateriaes e divinas do Ideal e da Chimera que a illuminara com a incomparavel promessa e o supremo galardão da Outra-Vida, da Graça Perenne e do Paraizo Celeste que eterna e indestructivelmente se libram num recesso delicioso do Azul, entre o brilho solar das Constellações.

Tinha as mãos amarradas, dispostas em cruz sobre o peito, num tal arrôcho de execução assassina que dir-se-iam cortadas, scindidas aos braços a que pertenciam; mas a sua grande perfeição e alvura, apesar das cordas que as enlaçavam, prendiam irresistivelmente o olhar ás suas linhas transcendentis de escultura mystica. O seu talhe esvelto e fino immobilisava-se numa geral rigidez cadaverica e lembrava, assim branco e loução, sob a Lua, fluctuando no carvão fluido e ondulado das aguas, um desses nevados florões de asucenas, lyrios, jasmims a que os efeminados floristas romanos, costumavam dar, caprichosamente, com as suas mãos industriosas e artisticas, aspectos e fórmas humanas de Meninas ou Moças, e com que se enfeitavam os cysnes do mar das galés de guerra nas fantasticas festas fluviaes do Tibre, florões que, sob os tumultuosos e terriveis embates, abalroamentos e rostradas da famosa naumachia gigante que feéricamente coroára a derradeira noite do triumpho de CESAR, se despegavam dos costados recurvos dos triremos vencidos, sinistramente illuminados pela luz sangrenta das fogueiras e fochos, e rolavam silenciosamente ás aguas negras do Rio Latino onde iam boiando tristemente para o Oceano, ao plenilunio albente, como pobres Virgens sacrificadas á lascivia e á gloria do heroe incomparavel, vencedor de Pompeu, dominador da Hespanha e das Gallias, do Egypto e da Assyria, dictador e senhor absoluto de Roma e do Mundo... O seu perfil niveo e doce, de um contorno vaporoso e immaterial de Visão, parecia uma estranha navêta de bruma, talhada em fórmas humanas. E o sorriso paradiziaco e ethéreo, que ungia a curva em flecha dos seus labios violaceos e gelara numa angelitude e pureza celestes aos dilacerantes, innominados supplicios pagãos, era como um silente mas expressivo, piedoso e vago agradecimento á Maldade Humana, que, partindo para sempre os laços que a prendiam á Terra, abria-lhe, num deslumbamento e num enlêvo, os pórticos de ouro luminosos da Bem-aventurança!

Nas suas faces ineffaveis, que pareciam esculpturadas sobre uma lápide de Campo-Santo, congelara-se, numa infinda e imperturbavel serenidade, a ultima expressão de castidade

lyrial em que se envolvera e voára para o Céu a sua casta, e derradeira e sentidissima prece. As suas palpebras brancas, de uma maciez de pétalas e que tinham tão deliciosamente aureolado, em Vida, com os longos cilios de azeviche, o arrebatante encanto fulguroso dos seus negros olhos liguros, onde ardiam astralmente, num eterno mysticismo, a Esperança e o Sonho—estavam agora cerrados para sempre...

Mas um halo nebuloso e nevado de ethérea claridade enluarava-lhe paradiziamente a fronte sonhadora, onde, até ao Derradeiro Instante, os pensamentos mais sinceros, e fervorosos, e puros eram só para o divino e arrebatador JESUS DE GALILÉA e para as delicias incomparaveis e immateriaes da Ultra-Vida-Ideal. Os longos e densos cabellos de seda negra do Lacio immersos, em parte, sob o bello dorso, e, em parte, fluctuando á flor d'agua como estranhas meadas d'algas navegantes, formavam um manto velludoso de largas dobras luminosas, que as Ondinas afagavam e beijavam com os seus pequeninos, murmurosos labios d'espuma. O capicio albente, como uma véste immaculada de Primeira Communhão, de Juramento de Monja ou de Santo Noivado, a envolvia luminosamente numa escocia d'espelhim, boiando em préguas fôfas e tremulas na marinha ondulação ciciosa que a ampla esteira láctea da Lua argentava de gélica bruma suave...

Na eburnea e virginal serenidade da sua face morta, não havia nem o mais tenue sulco de um rictus: o supplicio, acceito e sofrido com inteira e profunda resignação, santificação e stoicismo, que são a força inquebrantavel e eterna dos que andam pelos brancos caminhos da VERDADE e da CRENÇA, conservara-lhe a setinidade louçã da adolescencia e uma sublime, infinita espiritualidade. A execução monstruosa e tremenda apanhara-a enlaçada mysticamente aos largos braços amparradores do grande Symbolo Christão. Após gyrar, dolorosa mas remidoramente, pelo immenso lodaçal da Vida Terrena, sem jamais se

macular, pairando sempre muito acima das Paixões e dos Vícios, como uma Columbina ideal, eis que vem o furor assassino dos Perdidos e Loucos render-lhe a suprema apothose, fazendo-a ascender, pela Perseguição e o Martyrio, ás Paragens Azues adoradas. Assim a sua linda carnação original que sofrera serenamente, stoicamente, sem o mais leve queixume ou o mais leve ai, todas as flagellações e torturas, deixando alli, sobre as mansas aguas brilhantes do Laüs Sinus catanico, um exemplo edificante e bemdito, accendendo como um ramo de Esperança ás tristes Almas sem Oriente ou sem Guia, através do terrivel labyrintho do Mundo:—«Vinde, vinde, Irmans! Aqui está o verdadeiro caminho da Salvação, da Redempção e da Graça!...»

E o sympathico e idealizado Sonhador enlevava-se, num extasis de gozo transcendente, á medida que seus olhos hypnotizados e desvendadores, de uma acuidade psychica admiravel e intensa, se immergiam, mais e mais, no seio narrador e mental dos Contornos e das Côres, do Conjuncto e das Minucias da Grande Tela feliz, vivendo e fulgindo genialmente, triumphalmente, para toda uma eternidade artistica. Envolvia-o, cada vez mais, uma Nebulosa de Illusão e Phantasia, embandando-o, acariciando-o, unguendo-o, na vasta e rica sala Renascença, aos derradeiros clarões fugidios da melancolica luz crepuscular, toda laivada de mortos lilazes e lyrios...

Depois, a Noite cerrara de todo. E desde logo sepultaram-se os Aspectos num acarvoado sinistro, apenas manchado tenuemente pelos altos rectangulos da vidraçaria, retendo ainda aligidamente o ultimo rastilho prateado da luz vespéral que fugia...

Foi assim que, nesse longo entardecer de Inverno em que a Terra se embuçava, com frio, no seu alvo burel de neblina, e pairavam no ar Presagios e Melancolias, se abriu para elle, sob um clarão de Estrella guiadora e bemdita, a Via-Sacra purificadora do seu Idealismo...

VIRGILIO VARZEA.



## CERAMICA DOS INCOLAS

DO

### RIO GRANDE DO SUL

TAREFA ardua, assás arrojada e de grandes responsabilidades, será por certo esta de estudar, ainda que perfunctoriamente, o estado de adiantamento da arte dos ceramistas indios do Estado meridional e seus artefactos a nós legados, possuindo-se pequeno cabedal para estudos ethnographicos a compulsar, defficientes collecções para d'ahi tirar-se deducções relativamente seguras, exiguos conhecimentos adquiridos em curto lapso de tempo e, de resto, tratando-se de um simples estudo de amator, como o que estas letras firma. Tem sido a ceramica prehistorica em todos os paizes cultos do orbe, objecto dos mais aturados estudos archeologicos feitos por summidades scientificas, podendo-se por ella aquilatar a cultura dos povos antepassados e que remontam a longiquas éras. Entremos resolutamente no assumpto e façamos a golpes de phrases e em breves linhas uma delineação da ceramica prehistorica do Rio Grande do Sul, dando conjunctamente á estampa alguns artefactos de prisca idade que no genero reputamos mais salientes. Inquestionavelmente, de todos os specimens collectados dos selvículas e que figuram presentemente em collecções de amadores e os das montras do nosso Museu Estadual — «Julio de Castilhos» —, representam os artefactos de ceramica das numerosissimas nações antochithones que aqui habitaram lugar saliente, e diremos mesmo primacial, as peças de barro trabalhadas pelos incolas do extremo sul do Brasil. Em these, muitissimos caprichosos os ceramistas da America Meridional; assim é que conhecemos desde as rudimentares vasilhas de barro, toscas, dos nossos incultos indios até os artisticos vasos communicantes e silvadores do Perú, de que nos deu succinta noticia o illustrado professor Dr. Domingos Sergio de Carvalho em erudito trabalho n'um dos ultimos numeros

da primorosa revista *Kósmos*, os rimacs, idolos dos Peruanos e os bellissimos artefactos de ceramica dos sumptuosos necroterios da Marajó. Na arte do oleiro estavam relativamente em estado de progresso os nossos gentios quando foram, pela força de circunstancias, coagidos a abandonar nossas selvas, porém muitissimo distanciados ainda nos seus coevos do Brasil septentrional. Para affirmar cathegoricamente o que acabamos de asseverar, ali estão as preciosissimas collecções de ceramica expostas á curiosidade publica e para estudos, nos «Museu Nacional», do Rio de Janeiro e «Goeldi», do Pará, enriquecidos com artefactos dos necroterios ou *mounds-builders* do Pacoval. Ahí apresentam-se em real destaque as urnas zoomorphicas, anthropomorphicas, insignes pela sua custosa morphologia, rodellas, estatuetas, preciosos idolos, urnas cinerarias ou tumulares onde se veem esculpidas figuras com formato de saurius, chelonios, e outras com formato de pequenas antas, jabotys, bancos e perolas de terra-cota, bobinas interessantissimas, enfim um alluvião, verdadeiro arsenal de preciosos objectos fabricados pelos oleiros do Norte. Boa parte das peças que aqui mencionamos foram completamente ignoradas pelos nossos selvículas e nenhuma dellas foi até hoje collectada, e os cachimbos, aqui encontrados, de finissimo barro, são rudimentares, quasi que exclusivamente do fabrico dos Indios sul americanos. As bellissimas tangas, *babal-Foluim vites*, de ceramica, com formato de um triangulo isoseles, ligeiramente recurvas, destinadas a cobrir as partes genitales das mulheres indigenas, foram tambem pelos aborigenes sulistas inteiramente desconhecidas.

Esses raros e bellissimos objectos symbolicos, fabricados de barro, são ordinariamente ornados de correctissimos desenhos lineares, os mais regulares e interessantes, e em cada vertice descobre-se um pequeno orificio para ahi introduzir-se o cordél e assim ser empregado o adorno que era preso ao cerigulo feito de fibras.

Está patente e não ha o menor ponto de paridade entre os ceramistas da Marajó com os oleiros aborigenes austraes, isso devido talvez ás condições de vida, influencias climatericas da zona torrida, que como consequencia trazem o amor e o luxo, ao passo que os

nossos aborígenes do Sul, viviam acossados pela inclemência de frígidas temperaturas e rígidos pampeiros. Das nossas içaçabas ou camucis, pelo seu volumoso tamanho, algumas deveriam ser destinadas a urnas funerárias e as pequenas, simplesmente empregadas como ossuários. É possível que em determinadas tribus fosse o morto dado á sepultura em certo lugar e mais tarde seus despojos recolhidos a esses bellos vasos prehistoricos. Em algumas tribus nortistas, o morto era collocado em uma rêde, immerso n'agua e d'ali só retirado uma vez consumido pelas vorazes piranhas, e logo após seus ossos eram religiosamente guardados em vasos recamados de lavores e com artisticos arabescos.

Os indigenas da nação «Macuchys», sepultavam seus manes dentro de cascas de pau d'arco, Ipé, *tecoma*, *chrysantha*, braços estirados e mãos unidas ás pernas e os da tribu *crichanás* inhumados de pé, na cavidade de algum vetusto tronco e envolvidos na sua propria rêde. No fabrico de alguidares, cobertos de fina pasta branca ornados com arabescos vermelhos, são exímios esses indigenas e os seus artefactos, fabricados artisticamente, são vidrados com a resina do Jatahy—*hymenaea courbaril*. Frequentemente, como affirmam diversos sabios ethnologos, as urnas ossuarias da Marajó tem o formato de dois cones superpostos e as de *Counany* são de fórmaz zonarias, munidas de testos, e a parte inferior com orificios dispostos symetricamente. Os Cammúcis de Maracá de ordinario representam um cylindro ou tem a fórmula tubular e são cobertos por uma tampa chata. De todas essas peças, içaçabas, a que vimos nos referindo, acha-se em real destaque a que demos a estampa Fig. 1. Foi essa bellissima urna encontrada no nosso Estado, na costrada Lagoa dos Quadros, em um sambaquy das proximidades da Fazenda do Sr. Constantino Alves da

Rosa. Encerrava ella um craneo e alguns ossos que, desastadamente foram destruidos pelo supersticioso Sr. Constantino Rosa, que julgou tal achado de mau presagio. Remonta a tempos d'antanho esta bella içaçaba que mede 2,<sup>m</sup>5 de circumferencia, 0,<sup>m</sup>80 de altura, 0,<sup>m</sup>030 na espessura de suas paredes e encontrando-se 0,<sup>m</sup>77 de diametro interno. Notavel pela sua morphologia, esse bellissimo specimen será capaz de, facilmente, conter em seu bôjo umas seis fangas de grãos. Pela parte exterior está ella revestida de fina pasta de barro branco, caprichosos desenhos lineares; linhas rectas, quebradas, meandros e parallelas em côres vermelhas cobrem-na emquasi toda superficie. O sambaquy ou ostreira *post-columbico*, que

conheço de *visu* e *in persona*, onde foi achado esse precioso artefacto, talvez unico em todo o Rio Grande do Sul, pelos seus lavôres, volume e perfeição, pertence a grande série de necropoles funerarias, preciosos monumentos archeologicos que se levantam bordando esses estendões de interminaveis savannas de areias banhadas pelo Atlantico,



Fig. 1

que formam as regiões praias do Rio Grande do Sul, terreno ubere em reliquias indigenas.

Guardavam os indigenas da tribu os *Botocudos*, as cinzas de seus manes em pequenas conchas ou matulas e algumas vezes os seus mortos eram mettidos acorados, na posição do feto no ventre materno, e o corpo ligado com fortes liames. Entre o grande numero de utensilios de barro que figuram no nosso Museu como alguidares, potes, panellas, sendo que alguns mal comportariam, em seu bôjo, cinco dedos apinhados, damos aqui a estampa a um reduzido numero, pela exiguidade de espaço. Fig. 2.

Os nossos aborígenes fabricavam esses vasos preparando antecipadamente pequenas cordas de barro com tres palmos de comprimento, faziam no sólo uma pequena cavidade e, com

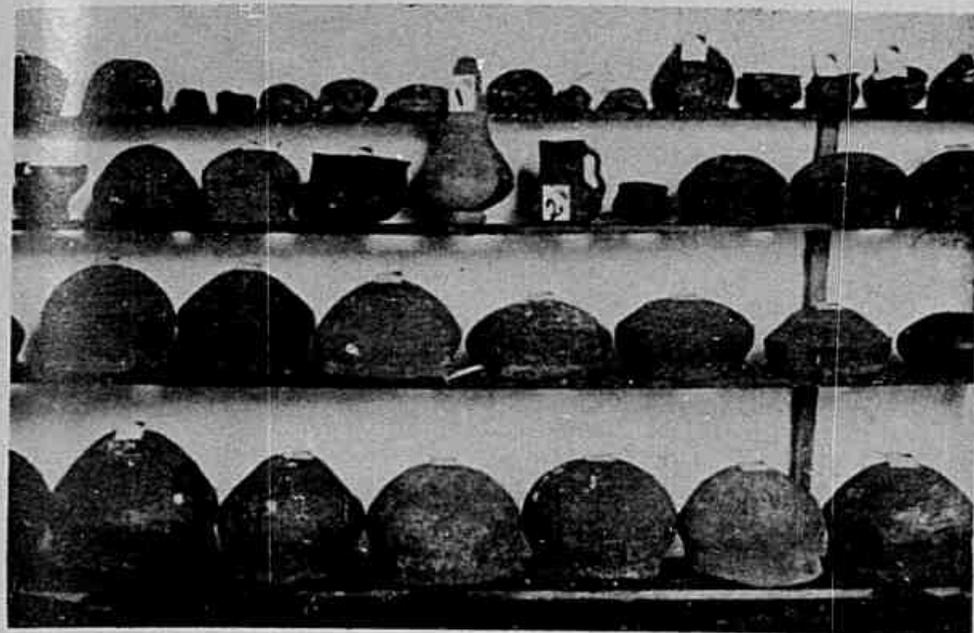


Fig. 2

as mãos humedecidas iam superpondo as camadas, procurando dar a fôrma que desejavam ao artefacto tendo o cuidado de continuamente alisar o vaso pelas partes interna e externa com os conhecidos polidores de panellas.

Causa estranheza que, dos numerosissimos artefactos de ceramica, panellas, que deviam ser empregadas no uso domestico para o preparo de alimentos, em nenhuma se encontre na parte externa do fundo signaes de fuligem ou queimada pelo fogo lento e sim este ligeiramente tanado. Asseverou um conhecido ethnologo rio-grandense que tinham as panellas este formato pela vantagem de apresentar mais superficie ao fogo e serem facilmente collocadas nas tres pedras que naturalmente formariam



Fig. 3

o fogão. Um outro não menos erudito e respeitado archeologo patricio affirma que as substancias venenosas destinadas a hervar as settas eram guardadas em minusculos vasinhos de barro, porém, isso carece de prova e cremos que os aborigenes desta parte do Brasil não conheciam as virtudes toxicas do *Urary*, semelhantes talvez aos pequeninos representados na Fig. 3.

Não menos interessantes e curiosissimos são os cachimbos, que representam a joia dos oleiros australes, verdadeiras peças d'arte feitas do

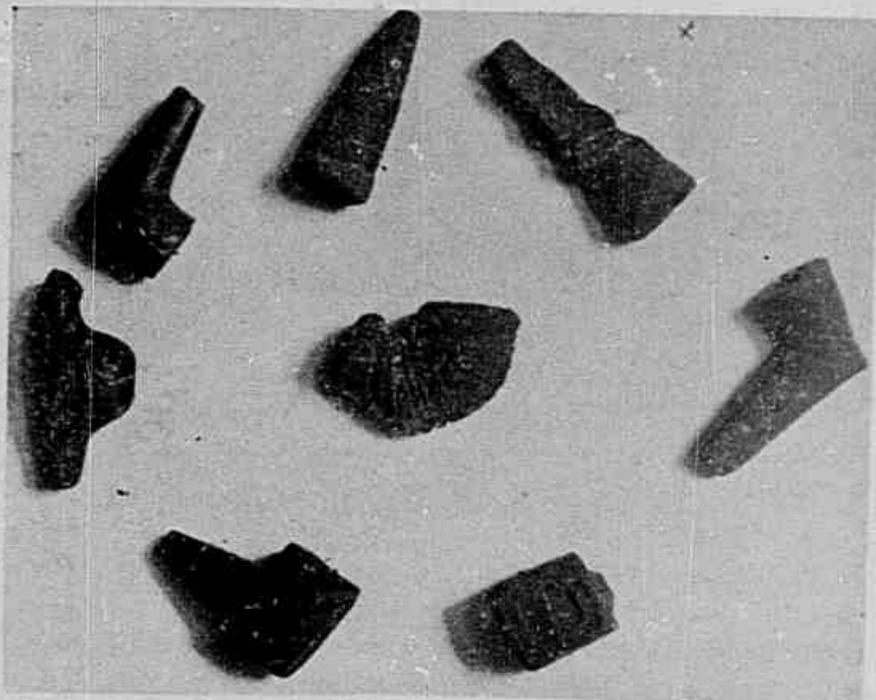


Fig. 4

mesmo material das igaçabas, sendo preferido somente o barro finissimo, isempto de pequeninos seixos. Esses preciosos artefactos representados na Fig. 4, têm sido, quasi que exclusivamente, encontrados em sitios roteados nas nossas colonias e especialmente em terras surribadas, assim é que nessas regiões de mattos recentemente talados são elles frequentes.

Esses primorosos objectos como conjunctamente damos á estampa alguns mais curiosos são de fôrma cylindrica ou de parallelepipedos uns, rectangulares outros e, como peça verdadeiramente rara, representamos



Fig. 4-A

aquí a imagem de um, anthropomorfo, que pertence as ricas colleções de um amigo amador e está elle representado na Fig. 5.

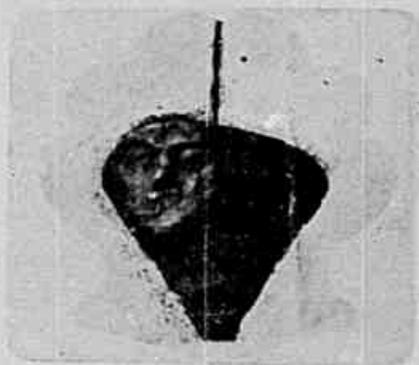


Fig. 5

Falta, a esta peça que tem na abertura da chaminé 4 1/2 de centímetros, no rosto esculpido a saliência de pomulos, supercilios longos, proghatismo natural e pronunciado, cenho carregado, gilvazes ou tatuagens com que, de ordinario eram embellezados os ca-

chimbos anthropomorphos e outros caracteristicos de trabalhos indigenas que representam a arte vetusta do oleiro aborigene.

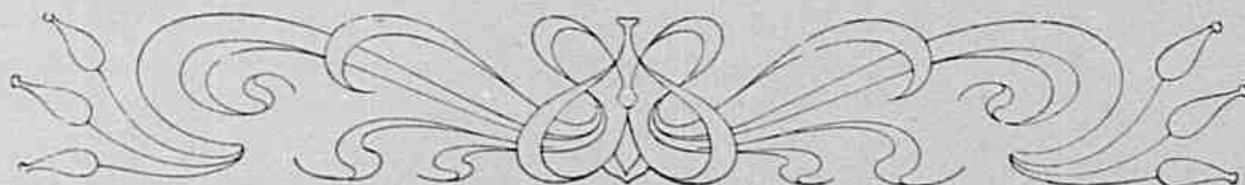
Relativamente são de recente data os cachimbos encontrados no nosso territorio, sendo que alguns notaveis ethnologos contestaram a existencia desses preciosos specimens no Rio Grande do Sul, afirmando que o homem dos sambaquys do Brasil Meridional não conhecia o cachimbo.

Como accessorio indispensavel usavam os selviculas uma pequena taquarinha na parte opposta do receptaculo, pois de outro modo não poderia ser empregado devido ao calor do fogão e mesmo na embocadura de taes artefactos não se vê a menor marca de dentes e d'est'arte era elle utilizado.

Eis em rapidas letras o que serviu de pabulo a este ligeiro trabalho aqui inserido, o que estudamos na litteratura archeologica e ethnographica a respeito da ceramica indigena em geral do Brasil e especialmente do Rio Grande do Sul, que ha alguns annos dedicamos aturados estudos e observações e qual o valor da ceramica prehistorica.

OCTACILIO BARBEDO.

(Membro do 3º Congresso Scientifico Latino Americano e correspondente do Museu Nacional do Rio de Janeiro.)



## ○ TRIGO ○

**P**OR todo o vasto Eden espalhou-se, maravilhado e risonho, o olhar do primeiro homem. Viu as florestas frondosas, em cujas franças rendilhadas esgarçava-se o nevoeiro da manhã; viu as campinas alegres pelas quaes numerosos rebanhos se apraziam; viu os montes de encostas de velludo; viu os rios claros, largos, retorcidos em meandros, discorrendo por entre margens de hervaças floridos e acenoso arvoredos; viu as fontes borbulhando em bosques apraziveis.

Animaes de varias especies cruzavam-se pelos caminhos—leões de juba altiva, elephantes monstruosos, antilopes e corças, leopardos e gazellas e aves de plumagem branca ou de pennas variegadas, junto a ribeiras tranquillias, vogando em insulas de flores, pousadas em ramos ou atravessando os ares, alegrando com o seu concerto o silencio grandioso.

Os fructos offertavam-se nos galhos, as flores desfaziam-se das petalas recamando a alfombra e esparzindo o aroma pelos ares.

O homem, ainda incerto, ia e vinha, ora parando á beira das aguas que o reflectiam, ora chegando á ourela dos bosques, sahindo ás varzeas, mudo, em extase contemplativo.

Deus, que de longe o assistia com o seu olhar, achava-o perfeito, airoso e forte, digno de ser o senhor do mundo e de todas as creaturas.

O sol ardia estivo e, de toda a terra exuberante, exhalava-se um hausto quente, uma respiração abrazada que amollecia e adormentava.

As folhagens encolhiam-se, murchando; as flores pendiam languidas nos caules; os animaes refugiavam-se nos bosques ou penetravam as furnas tenebrosas; as proprias aguas desciam lentas, com preguiça, sob a irradiação caustica da luz que refulgia tremulamente no azul diaphano.

Deus errou em passos lentos pelas silenciosas veredas e toda a pedra que os seus pés tocavam fazia-se luminosa, com rebrilhos faiscantes e cores admiraveis—era aqui um seixo que se ensanguentava em rubi, ali um calhão esverdeando-se em esmeralda, outro tomava um colorido flavo ou roxo e, mirificamente, iam-se todos transformando e adquirindo côr, desde o tom lacteo de opala até o esplendor ceruleo da amethysta, ao limpido fulgir do diamante ao lampejo solar dos prazios amarellos. As areias faziam-se de ouro, rutilando, como haviam ficado no leito do correjo em que o Senhor, depois de haver

plasmado o homem com o barro sanguineo, lavou e refrescou as mãos beneficadas.

Foi-se o Creador encaminhando a um campo que ondulava e sussurrava á aragem e que era um trigal. Nelle entrando, sem que as pombas e as calliandras se assustassem, a frescura convidou-o ao repouso.

Deitou-se e os trigos fecharam-se suavemente formando um ninho aromal e sombrio onde o somno foi agradável.

Já as roxas nuvens annunciavam o crepusculo quando, ao suave preludio dos rouxinões, abriram-se os olhos divinos. Deus, que gozara a delicia do somno, ergueu-se. Então, mansamente, uma voz meiga elevou-se no campo louro:

— Senhor, que vos não pareça de vaidoso a minha requesta, não é por orgulho que vos falo, senão porque me sinto por demais miserando na grandeza da vossa criação. Fizestes a arvore sobranceira dando-lhe o tronco, dando-lhe os ramos, vestindo-a de folhas, cobrindo-as de flores e ainda a carregais de fructos; as suas frondes altas topetam com as nuvens. Aos que não destes grandeza e força ornastes com a graça mimosa da flor; só eu, pobre de mim! fui esquecido por vós. Quando vos vi chegar para mim tive vexame de receber-vos, tão pobre sou! trigo misero.

Era o trigo que assim falava.

Parou o Senhor a escutal-o e, compadecido das suas palavras, estendeu a mão abençoando-o:

— Agasalhaste o meu somno com a pobreza, trigo tenro e fragil, deste-me generoso abrigo e resguardas-te-me do sol. Não fique memoria na terra de uma ingratição d'Aquelle que mais a detesta e, para que o exemplo sirva e aproveite, abenço-te e amercêo-te com a força e com a Graça.

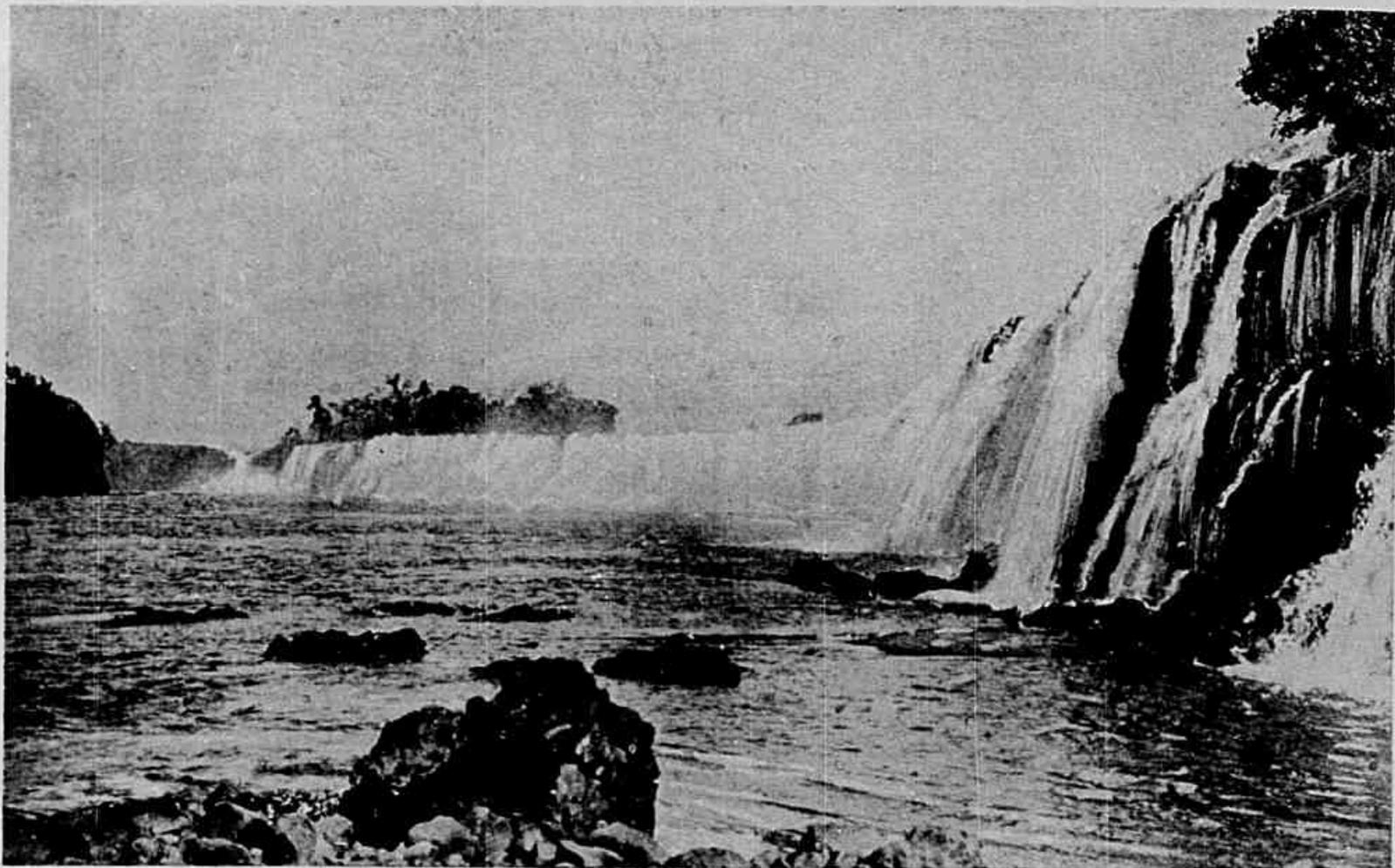
Fraco, darás o alimento essencial; misero, encerrarás em ti o mysterio divino—serás o pão e serás a hostia e assim, com a tua fraqueza, supplantarás a arvore mais vigorosa e com a tua humildade serás maior que o sol

No teu seio desabrocharão as papoulas e dentro em pouco a flor virá annunciar-te a espiga e a espiga dará a farinha branca que será força nos homens e sacrario da minha essencia. Assim Deus, engrandecendo-os, responde á esmola dos pequeninos.

Disse e contente, mais com o que fizera ao trigo do que com a criação de todo o universo maravilhoso, ao clarear da lua, quando os rouxinões cantavam, remontou ao ceu entre anjos que foram, em córos, pelos ares claros, apregoando a sua omnipotencia e a sua misericordia.

# CACHOEIRA DOURADA

(IGNOTA MARAVILHA)



**G**OIÁS é por excellencia, no Brasil, a privilegiada região das mais bellas cachoeiras —privilegios, aliás, que sómente virá gozal-os no futuro.

Esta asserção, apesar do nada que se sabe da geographia das regiões interiores do paiz —e nem se quiz nunca saber—é até certo ponto superflua, pleonastica, porque tudo está a indicar.

Basta ver no mappa que é das escarpas do planalto goiano que tombam e correm as arterias sem conta que nas direcções norte, léste e sul levam seus contingentes de vida aos tres maiores systemas fluviaes nossos—o do Amazonas, o do S. Francisco e o do Prata.

Uma das suas mais lindas cataractas, a do Itiquira, formada pelo rio desse nome ao des-

pejar-se nas depressões abruptas do famoso Vão do Paranan, mede 120 metros de altura, caindo toda a massa liquida na vertical—rolando pesadissimos caixões que se desfazem em espumas lá embaixo, echoando na immensidade do profundo valle; outra, do rio do Somno, a da Fumaça, assim chamada do espesso nevoeiro que d'ella se levanta, passa por uma das maravilhas do Brasil Central, no depoimento dos sertanistas que a têm visitado naquelle vastissimo e bravo deserto dominado pelos indios Canoeiros e Cherentes.

E' tambem ainda nas terras goianas que no dizer de Elisêe Reclus o soberbo Tocantins tem a secção heroica do seu curso—todo «de viravoltas, corredeiras e cachoeiras.

Outro magestoso rio que desce do planalto central abrindo passagem á força por entre



rochedos na grande extensão de seu curso é o Parahyba, rio característico da região interior do Brasil, e por consequência encachoeirado.

N'elle é que se admira a formidável CACHOEIRA DOURADA—uma das mais deslumbrantes perspectivas do mundo.

Ahi o Parahyba tem já recebido os seus grandes afluentes, rio das Velhas, Verissimo e Corumbá, este vindo dos Pyrinêos Goianos.

Nos confins de Goiás e Minas, e por outro lado só conhecida dos sertanejos posteriormente á publicação da *Chorographia Brasílica* do padre Ayres de Casal, não admira que esse raro thesouro, essa maravilha da natureza seja ignorada ainda dos nossos geographos...

O Dr. Ed. de Oliveira Martins, distincto clínico no oéste de S. Paulo, acaba de visitá-la e escreve: «E' a Cachoeira Dourada o sitio mais bello do Brasil, e a mais linda queda d'agua brasileira; é muito pouco conhecida por ser caminho raramente procurado visto ser cercada á esquerda por uma enorme região de mata virgem espessa em terreno roxo».

São accordes com estes dizeres os de outras muitas pessoas que a conhecem, entre ellas

o engenheiro inglez James Mellor e o Dr. I. Paes Leme.

E' que nenhuma outra queda d'agua offerece nem mais vasto, nem mas importante panorama: 1200 a 1500 metros de amplitude sobre 12 a 15 de altura, mais ou menos.

Nessa consideravel extensão a cachoeira é dividida por um estreito promontorio—extremidade de uma ilha que lhe fica á jusante e rasga-lhe a meio a brancura do lençol das aguas em dois pedaços, fazendo d'elles duas télas—uma voltada para a Goiandira (margem goiana), outra olhando para o lado de Minas, ambos de fascinante belleza.

Estes dois trechos porém se confundem n'um unico, devido á densa e constante evaporação que de toda a cachoeira sobe sempre, formando arco-iris ás vezes que lhe batem os raios solares.

Vista á distancia, quando pelas manhãs do sertão o sol nascente brilha nos pincaros mais altos ao redor e desvenda o encantamento do valle do grande rio ensombrado de compacta materia que lhe cobre as ribanceiras, dir-se-á que o estranho iris que arqueia sobre a gigantesca catadupa se transforma em auroras polares, violando assim as leis geographicas

em pleno coração do Brasil, no mais singular contraste com aquella natureza inter-tropical e ainda no esplendor paradisiaco.

Imaginaí, rio acima, atraz dos larguissimos pannos de linho alvo da cachoeira, a mais encantadora ilha ostentando ao lume d'agua a prodigiosa e variegada flora primitiva do sertão. Lembra um phantastico camalote sustentado pelas prateadas columnas d'agua e sempre em despenho do procelloso abysmo essa ilha fluvial, em cujos bosques, povoados de surpresas, o homem não sabe que mais admirar: si a delicadeza nos matizes das orchidéas, si o colorido vivo de floridas lianas pendentes do frondoso arvorio, formando arcadas de verdura com desenhos e festões como nos estuque-lustres, si as fórmias varias dos vegetaes, si finalmente a variadissima avifauna alacre que enche o espaço de harmonias, pela manhã e á tarde.

A minha penna não divaga, não phantasia—nada precisa exaggerar tratando das riquezas perdidas das matas do Paranaíba, onde ha em abundancia baunilha, gengibre, ipecacuanha, madeiras de lei de todas as qualida-

des inclusive a formosa imbúia do Paraná e as mais apreciadas.

Refere o citado Dr. Paes Leme que ha ilhas ao redor da cachoeira que são jardins de baunilha e gengibre, e que nas matas adjacentes, da mais legitima terra roxa, «se encontram innumeros cafeeiros produzindo, cujo plantador fôra o proprio Paranaíba, que em suas enchentes acarretou das lavouras de Minas, na Mata da Corda o precioso grão, o qual depositado alli germinou sem amanho».

O que, porém, tem feito mais conhecida e procurada a magnifica quéda foi sempre a prodigiosa quantidade de peixes nella encontradiços, principalmente o dourado.

Dizem alli os pescadores que si os peixes se conservassem immoveis, tantos quantos se agglomeram ás bordas da cachoeira, pisando sobre elles um homem passaria o Paranaíba a pé enxuto,

Finalizando esta ligeira noticia, eu penso no futuro sem par do paiz que no meio de tantas riquezas outras nem ao menos sabe quantos Niagaras possue.

HENRIQUE SILVA.



## Feitiço contra Feiticeiro

**C**HRISTOVÃO Gregorio de Miranda era humilde negociante, no Recife, em 1848, quando estalou a revolta praeira. Casára-se havia dois annos com d. Marcellina de Jesus Teixeira, filha unica de um portuguez rico, opposto ao enlace da filha com quantas forças tinham teima e brutalidade. Para privar o novo casal de herança, chegou o casinurro a doar em vida os quantiosos cabedaes ás obras pias e ordens terceiras de Pernambuco. Mezes depois do casamento de Marcellina, ella perdeu o pae, de uma apoplexia fulminante. Partiu o portuguez para o outro mundo, e, se para a viagem do além é mister azas, o velho Alberto Nunes, commendador de Villa Viçosa, emprehendeu a excursão ao paiz mysterioso, que não restitue viajantes, nas azas de uma praga contra a filha e o genro.

Christovão entrou a lutar pela vida, com o amor de Marcellina humanado n'um filho, o pequenino Vicente. No combate de 2 de Fevereiro de 1849, entre forças legaes e praeiras, Christovão, alheio a partidos, viu-se alvo de uma bala cega nas ruas do Recife. Agonizou dias, cerrando os olhos em plena lucidez, podendo vêr bem os que deixava no mundo, a mulher sem tecto, o filho sem amparo. Quanto deve soffrer quem morre assim!

Marcellina quasi endoideceu. Do dia para a noute ficou de cabellos brancos, o leite seccou-lhe aos peitos.

Ninguem acompanhou Christovão ao cemiterio. Em dias de revolta os medrosos retraem-se, os especuladores correm ao vencedor. Tolo é quem morre em dias taes. Marcellina comtudo só largou o cadaver quando elle rolou á cova pelos degrãos de sua dôr.

Regressando á casa achou-se no mundo só e pobre. Tinha duas tias em Cabrobó, á margem do S. Francisco, mas era mais facil o S. Francisco deixar de correr do que perdoarem as irmãs do pae de Marcellina, portuguezas ferrenhas e somiticas.

A viuva começou a esgotar os poucos recursos da lojinha do Christovão. Como fôra prendada, recorreu á costura, embora com vexame, passando a serviçal de muitas das antigas amigas. Entrou a coser nas casas, a jornal, deixando o pequeno Vicente aos cuidados de uma visinha caridosa. Quanto lhe

custava passar o tempo sem o filho! No domingo, dia de descanso, para os dedos, para o coração, Marcellina ficava horas esquecidas a tratar do Vicente, a ensinar-lhe tolices, a ouvir-lhe as bobagens, a sacudir, entre risadinhas de criança, as tetéas, os quimbembéques do pescoço infantil entre os quaes pompejavam duas figas de ouro, presente da madrinha. A manhã de segunda-feira parecia a Marcellina mais pesada do que as outras manhãs da semana...

Vicente cresceu com robustez e mostras de intelligencia, muito agarrado sempre ás saias maternas.

Na escola primaria quiz distinguir-se e distinguuiu-se. Teve força de vontade para cegar num instante a ignorancia do alphabeto, das quatro operações, da doutrina christã, com grande espanto do mestre-escola, Anacleto de Barros Petra, habituado a madraços dispostos aos estylos da preguiça, gazeta á aula, licções mal decoradas, collas, desculpas constantes, armas sempre reluzentes de uzo no arsenal dos vadios. Mestre Anacleto teve de confessar que o discipulo sabia tanto quanto o professor cuja sciencia era restrictissima. Sentiu-se humilhado e, á primeira travessura do pequeno Vicente, expulsou-o inexoravelmente da escola, declarando que era pena merecer tal castigo quando justamente o professor ia ensinar-lhe cousas novas, portuguez, latim, arithmetica superior. A mentira é qualidade especifica da impudencia.

Como a aula de mestre Anacleto era a unica gratuita da cidade, Marcellina poz Vicente de aprendiz numa officina de carpinteiro, esquivando-o a habitos de ociosidade, factaes a ricos quanto mais a gente sem eira nem beira.

As necessidades, as privações communs estreitavam mãe e filho em doce abraço de illimitada confiança. Vicente tinha em grande mercê os conselhos maternos. Marcellina, para não deixal-o peraltando com os outros aprendizes, ia leval-o á officina de manhã, trazendo-o de lá á tardinha. Vicente, como é costume nesta idade, não se revoltava contra a vigilancia materna, que o expunha aliás a dichotes dos companheiros adiantados em altanerias e vicios. O brio de Vicente pleiteava com a pureza dos costumes. Aos domingos, Marcellina e o pequeno sahiam a passeio, depois da missa. Ora iam a casa de algum conhecido, onde Vicente fazia rabinices com a gente de sua idade, ora percorriam os arredores do Recife ou iam a Olinda, tumulo do Recife no cemiterio do passado. A's vezes acontecia que mãe e filho, de bolsos a tinir, mal trajados, paravam diante de alguma casa de caridade em cuja parede uma placa de marmore trazia em lettras d'oiro esta inscripção solemne de benemerencia suspeita:

*Esta Casa de Caridade  
foi  
erigida a expensas do  
benemerito e generoso  
irmão provedor jubilado  
Commendador Alberto Nunes  
para amparo da viuvez e da  
orphanidade.*

*Tribue mihi bone Deus amorem tui, odium  
mei, zelum proximí, contemptum mundi.*

Era indispensavel pedir em latim para o commendador portuguez o amor divino, o odio de si proprio, o zelo pelo proximo, o desprezo do mundo, enquanto Marcellina e Vicente passavam pela placa de marmore, cabisbaixos e necessitados, olhando para o nome do pae e do avô, para aquellas palavras latinas incompreensíveis, magestosas, falsas, dignas de vingança do Céu.

Findo o passeio, no principio do mez, Marcellino e Vicente compravam farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos para o prato de sua predilecção, o ambrosô, comida pernambucana cujo nome se approxima do manjar da gente do Olympo. Vicente adorava tambem as bolas, levando a chupar com delicia e economia as pequenas pelotas de assucar endurecidas ao fogo, como se fossem os mais delicados *marrons glacés*. Mas bolas... Só nos dias de festa, de grande festa.

Vicente foi se fazendo homem, largando a officina de carpinteiro aos dezoito annos para empregar-se no serviço das barcaças que transportavam assucar e algodão para as provincias limitrophes. Como era excellente carpinteiro, Vicente tornou-se em breve um desejado auxiliar dos mestres das barcaças, habil na reparação de estragos do mar grosso, mais profissional do que marinheiro. A principio serviu n'uma pequena barcaça, d'estas que se chamam *derrama-molhos*, talvez por serem canôas de embono, muito estreitas, Pouco se demorou Vicente a bordo da *Flor do Vento*.

Além de maltratar a maruja, dando-lhe a comer só bolão de angú, mestre Pacifico Archanjo mostrava-se um brutamontes, um lingua suja, possuidor de obsceno vocabulario capaz de fazer corar n'uma enfiada de frades de pedra os mais afastados d'elles. Pacifico mettia por toda a parte o seu nariz de calunga. Arqueadinho sobre duas pernas curtas, com a ca'a cheia de pipocas syphiliticas, oriundas de visitas aos calojis da mais baixa ralé feminina, mestre Pacifico bebia como uma esponja, desde o romper do sol, sem milagrosamente ficar ébrio de todo em todo. Tinha guéla e estomago caldeados.

N'uma manhã de Julho, chovendo a pótes, mestre Pacifico entendeu, no seu juizo alcoolico, prover a substituição de um mastro de

gororoba da *Flor do Vento* por um mastro de sapucaia. A tripolação cumpriu a ordem, mestre Pacifico soltou em cima d'ella as riquezas de sua pornographia, cortada ao meio pela facada de um marinheiro menos prudente. Enquanto mestre Pacifico se restabelecia no hospital, onde era constantemente visitado pelos que tanto offendera, Vicente procurou outro emprego, dissuadido de continuar na *Flor do Vento*. Alistou-se então na barcaça *Corta Mares* cujo chefe offerencia a antithese de Pacifico. O mestre Pedro da Circunsição era alegre, sobrio, porém um camafonge de marca maior: camafonge dizem no norte, moleque dizemos nós no sul.

Ladrão como rato, consumia n'um alcance os cobres dos beocios, assim como os guabirús sobem em cima da mesa e devoram n'um apice o queijo, os restos do almoço, quando os donos da casa, levantando-se agastados do repasto, foram fazer carinha alegre ás visitas na sala.

Circunsição agradou-se logo de Vicente. Acompanhava-o por toda a parte, e, na época de carnaval, a pretexto de jogar limas de cheiro em moças da vizinhança, conseguiu introduzir-se em casa de Vicente, agradando-se de Marcellina a ponto de pedil-a em casamento. Vicente foi ás nuvens. O mulato Circunsição não se enxergava. Com aquella carapinha (exaggeros de odio por cabellos crespos) queria mulher branca. Ora fosse primeiro passar lima nos beiços de palmo e meio, afilar o nariz, endireitar as orelhas e depois voltasse. Não havia por ali tanta mulatinha para casar com elle...

Circunsição do polo do amor passou ao do odio, perseguiu Vicente a ferro e fogo. Vicente teve de sahir do Recife, mudando-se para o Alto São Francisco onde, a força de trabalho economico, suado, conseguiu comprar uma *barca*. Adquiriu uma barcaça de boa dimensão, embora já velha, arranhou-a, poz-lhe uma tolda nova adornou a prôa com a figura de um xexéo, obra de talha grossissima, e fez-se vareiro. Entrou Vicente a subir e a descer a parte baixa do S. Francisco, entre Piranhas e o mar, carregando rapaduras ou bruacas de sal.

Entrou a viver o nosso Vicente a existencia mourejada do vareiro cujo serviço é penoso não só pela constancia do labor, como pela forte correnteza do rio, aggravada por um calor inclemente. Vicente conheceu as feridas no peito produzidas pela vara. O vareiro, com o fim de impulsionar ou sustentar a barca, carece, não raro, ficar com o corpo horizontalmente estendido sobre as coxias da embarcação, apoiando-se nos dedos dos pés, com os hombros na extremidade da vara. Exercicios tão forçados produziram em Vicente grandes feridas nos peitos, junto aos braços.

Curava-as sollicita Marcellina, untando-as com gordura de carne de porco, quando Vicente vinha em casa de torna-viagem.

Marcellina, de longe, conhecia a chegada de Vicente na barca *Filha do Rio*, Vicente mandava tocar a bozina de chifre para a mãe escutar e preparar-se para recebê-lo no barranco. A bozina enchia os echos como enchia os portos onde chegava ou os pontos do S. Francisco onde a *Filha do Rio* cruzava outras barcas. A saudação vinha de igual a igual, pois as canoas e ajoujos eram forçados, pela pragmatica naval ribeirinha, a saudar as barcas, que lhes não deviam a menor correspondência de cortezia.

O piloto Vicente trazia sempre presentes para a mãe, festejava-a, reinando entre ambos o mesmo affecto, cioso na egoistica ternura.

N'uma das viagens de Vicente, a bozina da barca soou quando já a *Filha do Rio* vinha muito perto da casa. Marcellina pensou «como vem o Vicente distraído, ter-lhe-á succedido alguma novidade?» Saliu apressada a receber o filho. A pouca distancia viu a barca, fendendo o rio como que a custo, sem a pressa de chegar. Na prôa não vinha mais esculpido o xexéo, a figura de prôa era agora outra, uma moça enfeitada com collares e adornos de barro pintado.

O coração bateu mais forte em Marcellina. «São historias de mulher, reflectiu ella, presagamente, as pernas curvando um pouco, a fronte com ligeiro suor, Vicente desembarcou com o rosto um tanto annuviado. Marcellina leu-lhe saudades nos olhos, calou-se. De tarde, quando o filho dormia a sêta, despedidos os outros vareiros, Marcellina desceu o caminho tortuoso e foi a barca amarrada na barranca. Ardia de curiosidade, sentia um fogo intimo que tomava por dôr e era raiva de ciúme. Revistou a tolda da prôa, onde morava o filho, e achou uma fitinha de mulher; revistou mais, com os dedos tremulos, a garganta secca, descobrindo um retrato grosseiro. Se olhares incendiassem photographias, o retrato teria ardido na mesma hora.

Alli estava a rival, o monstro, sim, porque d'aquelle momento em diante Vicente não lhe pertencia mais, bem sabia, bem adivinhava. A photographada era uma moça de mediana estatura, bonita, airosa, tão airosa que Marcellina o reconheceu. Marcellina olhou para o rio, teve impetos, de atirar-se n'elle para cortar maguas.

O S. Francisco corria magestoso, sereno, junto ao arvoredado umbroso da casa de Marcellina. Um grande silencio parecia descer com as aguas para o mar immenso, avido de receber o Mediterraneo brasileiro.

Marcellina compoz o rosto, voltou a casa onde já achou desperto o Vicente. «Oh! senhora mãe que foi a Sra. fazer lá em baixo!»

perguntou Vicente. «Saber que tu usas de comportas com tua mãe.» «De comportas... E quem lhe disse tanto?» «Um retrato que achei na tolda.»

Marcellina mediu o filho. Um rapido olhar de colera luziu nos olhos de Vicente. Marcellina sentiu-os immisericordiosos. «Ora, Sra. mãe, a fazer coisas de criança, então um homem é de pão ou ha de casar com alguma perdiz.» «Casar, já fallas em casar, em deixar tua mãe.» «A senhora não será sempre a dona da casa.» «E com quem queres casar?» «Olhe, Sra. mãe, não se zangue, eu lhe conto.»

Vicente narrou a Marcellina o seu amor como se estivesse aos pés de um padre. Bem absolvido estaria elle se fôra lei da amizade, o ser sincero. Vicente, fallando, não tornava a si do encantamento de tratar da amada ausente, senão veria o semblante materno angustiado e colerico.

N'um dos pontos do rio onde tocára a barca, Vicente conhecera Luzia Sapority, moça, bem branca, de vinte e tres annos, orphã de paes, a cargo de uma familia numerosa.

Luzia tinha olhos negros, participando do céu na pureza e do inferno nas tentações, um rosto cheio, tez morena de jambo, a bocca graciosa, vigiado o sorriso affavel pela fieira de uns dentes alvissimos. Os cabellos de Luzia lambiam-lhe o calcanhar, soltavam-se em ondas sedosas, finas, macias á vista. O collo tumido, os pés, as mãos delicadas, o pescoço de cysne, acabavam a obra da belleza n'aquella mulher verdadeiramente seductora, feita não para ser a consorte de um vareiro.

Vicente e Luzia amaram-se rapidamente; mal a scentelha brilhou o incendio nasceu. Vicente, ao partir, pediu Luzia em casamento, sem nem sequer se lembrar do acolhimento ou da annuencia de Marcellina. O capitão Feliciano Tropa, padrinho e protector de Luzia, informou-se dos costumes do vareiro e deu-lhe a moça por noiva, com grande amuo das filhas do capitão, que tinham Luzia por confidente, aia e mucama.

Marcellina ouviu Vicente com desdenhoso silencio. «Pois, meu filho, disse por fim, articulando as syllabas, tu não te casas.» «Ora esta, Sra. mãe, e então por que?» «Porque casar é muito sério, não se vae casando com a primeira dona que se topa. Ha muita mulher no mundo para explorar os homens.» «Sra. mãe, Sra. mãe, Luzia não me explorou.» «Sabes lá, meu filho, as tenções d'ella? Pois nós não viviamos tão bem, tão socegados, tu não podias ao menos esperar para casar que tua mãe fechasse os olhos?» Mas, Sra. mãe, eu já tenho perto de trinta e cinco annos...» Vicente e Marcellina fallaram largo tempo, azedaram-se, distanciaram desejos, acabaram altercando.

Dia por dia, hora por hora, ou em discussões, ou em silencios hostilmente hypocri-

tas, mãe e filho acharam-se separados pelos amores de Luzia, a «intrusa», como só a chamava Marcellina, agoniada a cada uma das viagens em que Vicente voltava mais enamorado, só fallando na «Sapority do inferno», segundo a mãe ciumenta.

Vicente marcou o casamento. Marcellina, por acinte, recusara-lhe a sua presença. «Não vou assistir a tua desgraça. Homem casado, homem enterrado. Ah! meu filho, tu bebeste bicha com algum preparado...» «Minha mãe, como se abusa do sangue d'um christão! Eu seria capaz de ir pescar um camurim e comel-o vivo só para não ouvir coisas d'estas.» «Dize o que quizeres, Vicente, não vou ao teu casamento; seria mulher para fazer uma desfeita a tua noiva diante do altar de Nossa Senhora. Se eu conhecesse todos os Padres, nenhum te casava.»

Quando Vicente partiu para ir desposar Luzia, Marcellina não o acompanhou ao embarque. O filho veio tomar-lhe a benção, ella fingiu dormir. Vicente parou por instantes a ver se o somno era ou não fórma de fingimento, por fim acedjou a sua velha adormecida, interrompendo cansaços.

Luzia recebeu o noivo com doce amargura: «então eu não apostei que a tua mãe não vinha. Ella não me póde tragar; no fundo, Vicente, são ciumes. Se tu me amares... Nada mais peço, o resto...»

O casamento foi modesto e alegre. Um bando de moças acompanhou a noiva á igreja da villa mais perto. O prestito foi rio abaixo. Na frente ia o barco de Vicente levando a noiva, muito airosa no vestido branco, castamente risonha. De um barco para o outro trocavam-se pilherias. «Então, Camerino, não estás com inveja? Oh! Serafina, breve é o teu dia.» «Meu, não, respondia a interpellada, ruborizada, mas sem perder de olhos o namorado.» «Sim, sonsinha, vá enganar outros.»

Chegados á villa, noivos e convidados buscaram a egreja, já de tapavento aberto, o altar alumiado ao fundo, muita gente curiosa pela nave. Na sacristia paramentava-se o Saturnino Miliquen, ex-secretario do bispado de Olinda, mandado allí a ares de exilio por ter esmurrado um maçon que o desfeiteára na via publica.

Só a endireitar o cirio que as mãos de um sachristasinha punha aos pulos, projectando luz instavel sobre o livro do celebrante e os rostos dos noivos o padre Saturnino dirigio aos nubentes as perguntas do estylo. Vicente mal pôde dizer o «eu Vicente, recebo a vós Luzia por minha legitima mulher, como manda a Santa Igreja catholica, apostolica, romana.» Sentia-se feliz e ansioso, contente e apprehensivo, entre a imagem florescendo amores de Luzia e o vulto materno orvalhado de lagrimas.

O parochio fez uma pratica exaltando o matrimonio, sendo interrompido na peroração por

ganidos lancinantes. Um cachorro indiscreto recebera um pontapé e sahindo ás pressas o pobre animalejo a curtir dores no capim viçoso do largo da igreja.

Finda a cerimonia, o padre dirigiu aos nubentes um banal «sejam muito felizes e criem seus filhos para bem», enquanto o padrinho, muito engasgado e vermelho, entregava a esportula a sua reverendissima e uns cobres ao sacristão.

A *Filha do Rio* trouxe Luzia a casa de Vicente. No desembarcadouro nem sombra de Marcellina. O casal encontrou-a dentro de casa, como se o filho e a noiva não chegassem.

«Sra. mãe, está aqui minha mulher,» disse Vicente um pouco acanhado. Marcellina estava sentada, sentada ficou, a tratar da crueira de uma gallinha, observando com mais attenção o tumor secco da cabeça do bicho do que a nora, linda aliás no seu vestidinho de ramagens azues. «Bons dias, sinhá dona,» resmungou a cabo de algum tempo.

Vicente e Luzia enfiaram pelo corredor e foram para seu quarto. Não ousavam fallar. Luzia encostou a cabeça no hombro de Vicente e poz-se a chorar, lagrimas compridas, magoadas, silenciosas.

Marcellina não desmentiu o seu proposito, desfeiteou a nora quanto pôde, mormente á hora das refeições. Vicente confessava-se vencido, com uma cara de quatimirim cahido no quixó. Quando elle fallou de ir embora, Luzia agarrou-se-lhe ao peito. «Vicente, eu quero ser tua escrava, mas não me deixes aqui, tua mãe me mata, prefiro comer tacos de pedra a ficar aqui.» Vicente pateteou. Não contava com esta, tinha de solver o conflicto entre as duas partes do seu coração. A não ser a desgraça de não ter cahido no gotto da sogra, nada se podia increpar a Luzia. Ella e Marcellina passavam caladas o dia inteiro enquanto Vicente andava por fóra. Mas isto não podia continuar, as ferias nupciaes do vareiro prolongavam-se; o dinheiro ia tendo o destino da agua em cesto. Quem quer comer sambongo, compra côco e mel de furo.

Vicente achegou-se á mãe: «Sra. mãe (e coçava a cabeça) eu preciso ir ganhar a minha vida pelo ouco do mundo e então precisava tambem que a Sra. não maltratasse a pobre de Luzia, visto ella não ter culpa de nada.» «Pódes ganhar campo a tua vontade, mas fica sabendo que o arroz não cacheia por vontade.»

O coitado do filho quedou perplexo, com um capituluvio nas idéas escaldadas. A mãe desmedia-se de vez. Não havia senão deixal-a, ir embora com a mulher. Quanto isto lhe custava! Doloroso o lance, obscura dedicação, d'essas dedicações que se não palmeiam no theatro do mundo. Lançando lagrimas, Vicente expoz a sua mãe o triste dilem-

ma, ou ficar sosinha Marcellina ou amoldar-se ás condições conjugaes do filho. Marcellina preferiu ficar sem Vicente. «Saio do canto á margem do rio, vou para qualquer lugar, não te assustes, fica com a tua mulher, serei mãe com o filho enterrado vivo.» Marcellina arranhou-se n'uma casa dos arredores e Luzia, tímida e boa, ficou no canto. Vicente deixara-se de viagens longas, e, não raro, ia a bordo o seu capataz em lugar d'elle. «Cahio no calor da saia, derreteu-se todo», diziam os vareiros. Vicente ficava muito em casa, junto de Luzia, sahia apenas para ir visitar a mãe, a uns quinhentos metros, ou para ir a caça. N'um dia venatorio esperou-o Marcellina, saudando-o com ar affavel. Ha muito Vicente não via assim o semblante materno. Vicente não coube em si de satisfeito. «Ora, graças a Deus, que a Sra. mãe vae tomando juizo», pensou com os seus botões, que aliás não eram muitos.

Marcellina explicou ao filho a resolução que tomara de ir morar com o casal. Vicente deu um pulo de onça acuada, tal a surpresa da proposta. Marcellina engarapara-lhe a boca. Oh! viver socegado, trabalhando, entre a mãe contente e a mulher feliz, todos os tres fechadinhos em casa como gallinhas quando vão para o mercado no garajão trançado.

«Quero ir para a tua casa, Vicente, porque te presto um grande serviço.»

«Um serviço e grande, senhora mãe?»

«Sim, Vicente, tua mulher te engana. Ah! bem eu te avisei, filho.»

Vicente quasi foi ao chão.

«Luzia... Luzia... Qual, Sra. mãe, a Sra. está malucando. Ou a Sra. retira o que disse ou eu me afogo n'algum maceió depois de ter morto Luzia e o homem.»

«Não precisas tanto. Mostro-te o facto, tu a deixas e vens morar commigo.»

«E elles fazem de mim seus mamulengos?» perguntou Vicente alludindo ao theatrinho de bonecos conhecido por aquelle nome em Pernambuco e ali muito apreciado.

«Não, paneiro roto e mulher que não presta, deitam-se fóra.»

«Mas como é que a Sra. sabe de tanta cousa e eu de nada sei? O timbú acouca os ovos e o dono do ninho, quietinho, hein?»

«Quando saes de casa entra um homem. E' um antigo namorado de Luzia. Chama-se Pedro Ticum.»

«Luzia nunca teve namorado, disse-m'o ella, soube na casa do capitão quando casei.»

«Mulher quando quer casar faz como filho de gato quando sae da mãe, encolhe as unhas. Que te havia de dizer o capitão? Eu sei de tudo, eu não gostava de Luzia, indaguei. O Pedro entra quando saes, á tardinha salta a janella, mal chega a hora de voltares. Elle é da minha altura, do meu corpo, o demonio de longe até se parece commigo.»

Vicente quedava acabrunhado, com umas pedras no coração e chumbos na mente.

«Pois eu vou ver a pintura, Sra. mãe. Previno a Luzia com dois dias de antecedencia e ponho-me a espiar a scena. Ah! mas se bispo o homem, bato fogo logo.»

«Não faças tal, queres ir acabar teus dias na cadeia do Recife? Vem morar com tua mãe velha. Sim, juras?»

«Está bom, Sra. mãe, levarei as mãos abandonando.»

Vicente, quando chegou em casa, fez um immenso esforço para não estrangular a Luzia, um esforço ainda maior para supportar-lhe as habituaes caricias. Luzia notou-lhe por fim o mal estar.

«Que tens, Vicente? Voltaste do matto com uma cara!»

«Pudéra, não achei um bicho em quem atirar. Mas garanto-te que qualquer dia d'estes saio a caça e mato um bicho de sustancia.»

Vicente fez tudo direitinho como combinou com a mãe. Luzia não desconfiou do ajuste. Vicente poz a espingarda ao hombro, sahiu pelo terreiro a fóra, assobiando. Na volta do caminho olhou para traz, Luzia não estava mais na porta.

«Já correu de contente», pensou o matuto, posta a desconfiança dentro do ciume. Deu volta pelo matto, collocou-se em posição de ver a casa. Meia hora passou-se, duas ou tres vezes Luzia veio ao terreiro.

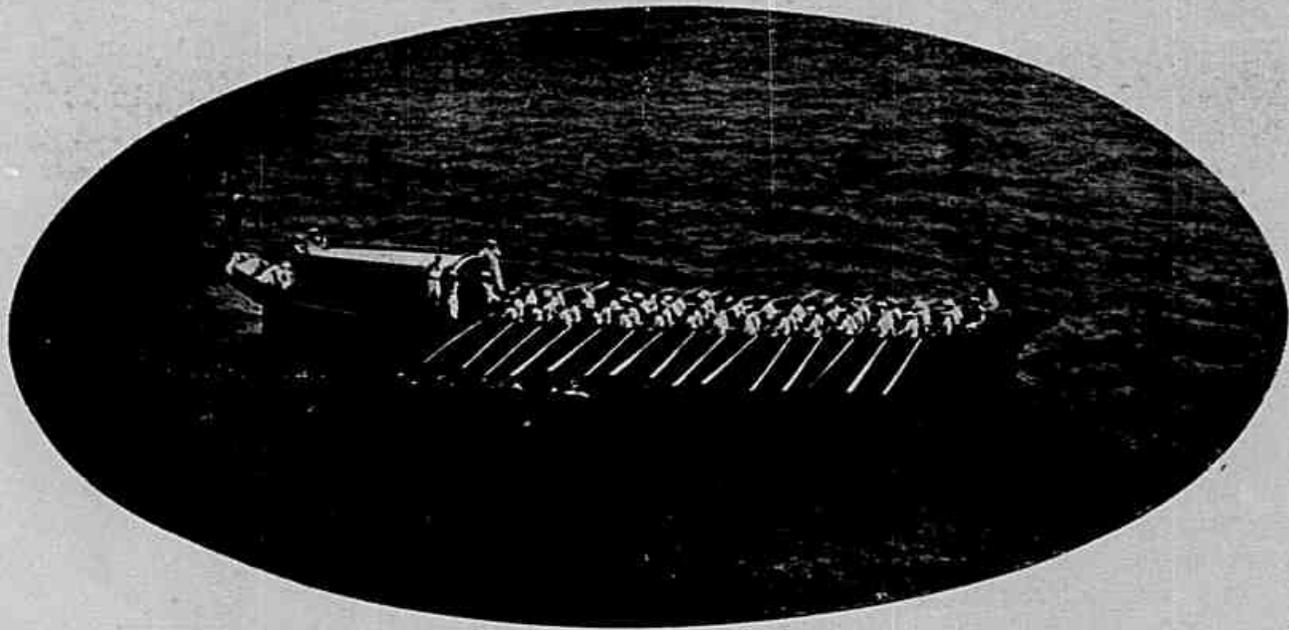
«Está espiando», pensou o marido. Afinal, a tarde foi descendo. Vicente já desanimava. Sentia fome e sede. Decidiu sair da tocaia. As sombras vinham cahindo, rolando precipitadamente sobre a morte do crepusculo. Um vulto negrejou perto da casa. Vicente mal o podia distinguir. Era um homem de estatura meã, cheio de corpo, chapéo desabado, com um capote comprido. A passos cautos aproximou-se da casa, chegou até uma janella aberta, ia galgal-a, uma perna já para o lado interno, quando um tiro soou.

Vicente viu o homem tombar como uma massa e veiu correndo como um louco, pondo ao chão a couce d'espingarda quanto ramo lhe interceptava a passagem. Chegando ao terreiro de casa, disposto a esborrachar Luzia, Vicente encontrou-a ajoelhada junto ao cadaver do homem, interrogando-lhe as feições, apalpando-lhe os membros. Deu um grito de fêra, arrojou-se contra a mulher. Luzia ergueuse a meio e gritou angustiada, com os braços esmagados pelo matuto:

«E' tua mãe, Vicente, vestida de homem para me perder...»

ESCRAGNOLLE DORIA.

# O REGRESSO DO CARDEAL-ARCEBISPO



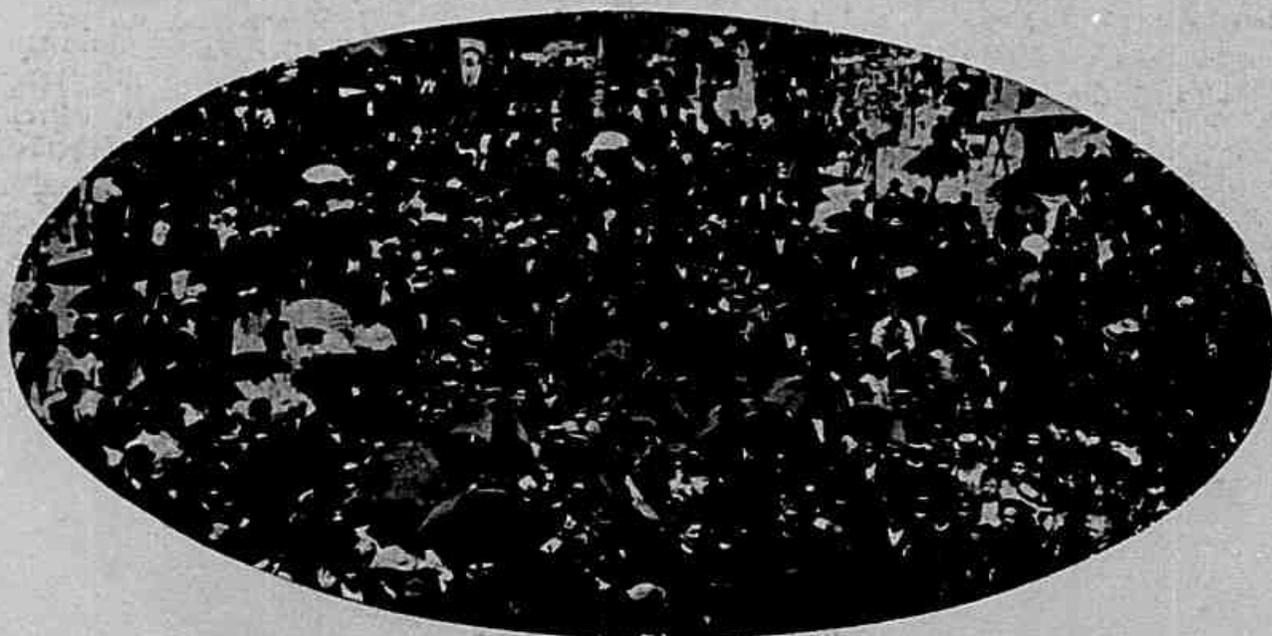
O GALEÃO D. JOÃO VI



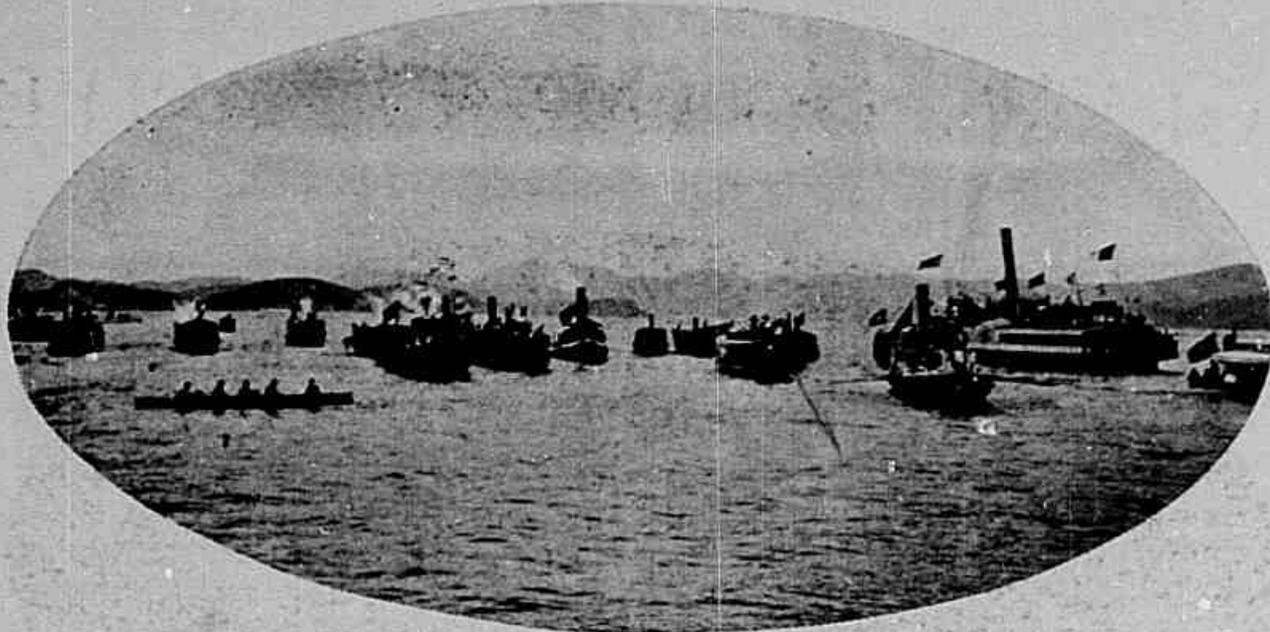
O DESEMBARQUE: OS PRIMEIROS CUMPRIMENTOS



ARCO TRIUMPHAL NO CAES PHAROUX



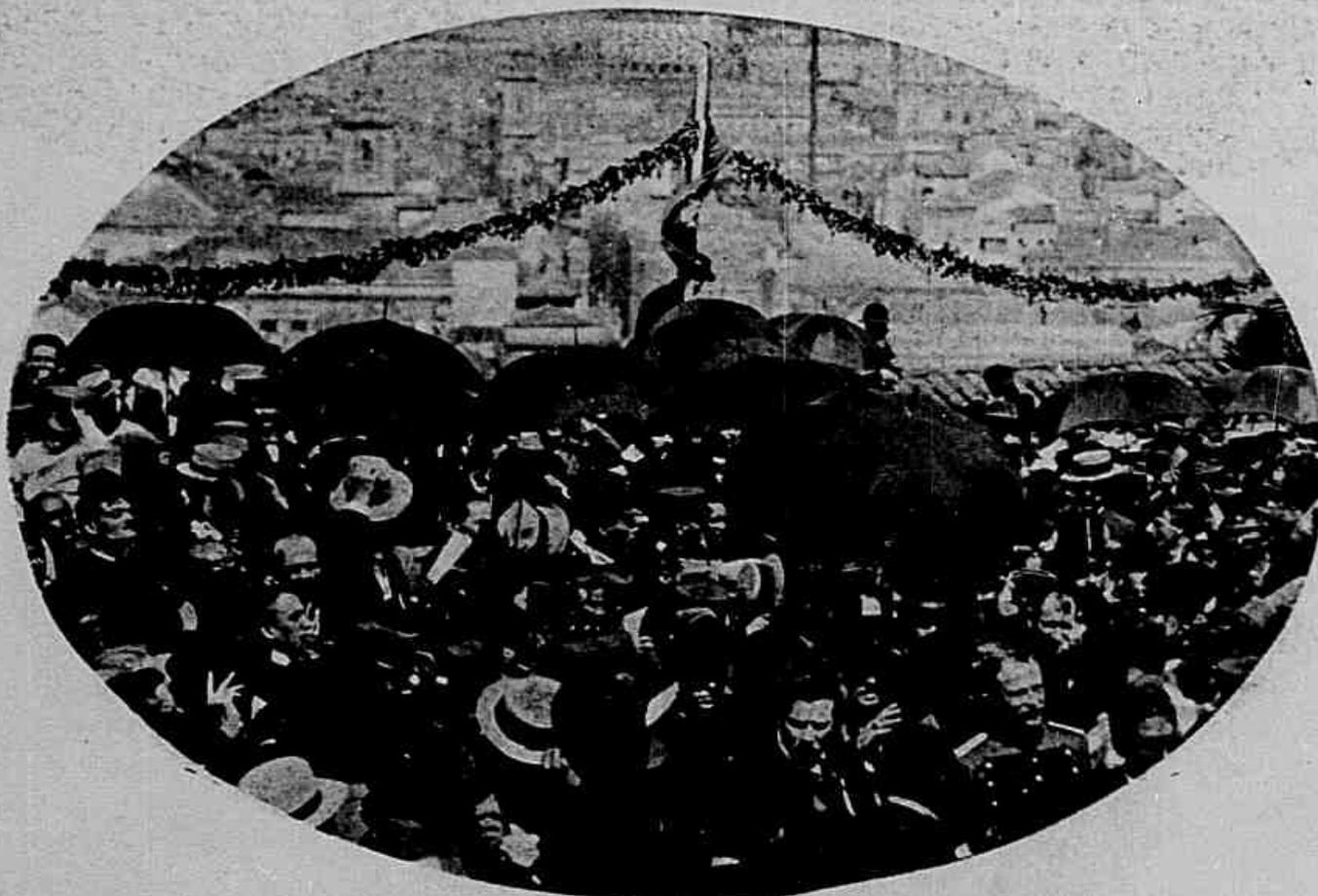
NA AVENIDA CENTRAL: S. EM. ACOMPANHADO PELO POVO



ASPECTO DA BAHIA: A FLOTILHA



CHEGADA NO CAES PHAROUX



SUBIDA DO MORRO DA CONCEIÇÃO

## UM ENSAISTA PERNAMBUCANO

© SR. ARTHUR ORLANDO

*Ensaaios de critica*, por Arthur Orlando, Recife, 1904. *Novos Ensaaios* pelo mesmo, Recife, 1905.

O Sr. Arthur Orlando, nome muito menos conhecido e afamado do que merece, é daquelle grupo de juristas e publicistas que se pódem chamar de discipulos de Tobias Barreto. Por mais que o deseje, não consigo ter a admiração extraordinaria e menos a estima literaria que em certos meios parece obri-gatoria por este pseudo philosopho, alcunha-do não sei porque, de teuto-sergipano. Não posso, entretando, furtar-me a reconhecer que não seria um homem vulgar o professor que conseguiu angariar tão grande (e em alguns quasi fanatica) admiração e estima de espiri-tos do valor de Sylvio Roméro, Graça Ara-nha, Souza Bandeira, Clovis Bevilaqua e Ar-thur Orlando, sem falar dos menores, mas ainda consideraveis. Só o facto de taes homens se confessarem discipulos de Tobias Barreto (junto ao deste ter aprendido allemão sósinho e sabel-o como, parece, ninguem mais o sou-be aqui) força afinal o meu apreço por elle. Da sua obra de escriptor, que conheço toda, não posso mau grado meu dizer o mesmo, que nunca lhe pude perceber a excellencia. Mas ter feito taes discipulos já é uma grande obra.

Desses, diz-se, passava por dilecto o Sr. Arthur Orlando, a quem o mestre honrou ex-cepionalmente encarregando-o de prefaciar-lhe um livro, as *Questões Vigentes*. Esta pre-ferencia, honrosa ao atilamento de quem a dava, era certamente merecida, não só pela consonancia do discipulo com o mestre e fi-delidade á sua doutrina, se este acaso alguma tinha, mas pelo valor pessoal e proprio do preferido. Mas, como de todos os discipulos, ao menos dos melhores, de Tobias Barreto póde dizer-se, o que na realidade lhe deve o Sr. Arthur Orlando é, e cumpre reconhecer que não é pouco, a preocupação, o interes-se, o amor das questões philosophicas, das idéas geraes postas em circulação e applica-das a todos os dominios do pensamento hu-mano pelas philosophias do principio do se-culo passado, o positivismo comtista, o evo-lucionismo spenceriano, o criticismo neo-kan-tiano e o monismo hœkeliano, e outras equi-valentes correntes espirituas do tempo. Por-que de facto fôï este o serviço de Tobias Barreto á cultura brasileira, chamar a nossa attenção, despertar o nosso gosto, estimular a

nossa actividade para fórmãs de pensamento diversos daquellas que ainda aqui vigoravam quando já começavam a ser obsoletos e ana-chronicos nos paizes donde derivavamos o nosso. E, principalmente, fazel-o com um ly-rismo, um entusiasmo, uma exhuberancia e eloqueucia, improprios sem duvida de taes de-bates, mas particularmente convinhaveis a um meio jovem, e inapto para julgar e escolher. Valeu mais a fascinação do mestre facundo e caloroso que o merito da doutrina, que os discipulos não podiam ainda discernir, mas que para moços tinha o maior dos encantos, o da novidade.

Desse grupo talentoso e sympathico um dos que logo se revelou capaz, si não de su-jeitar as concepções do mestre ou antes aquellas que elle mais prezava (pois que pro-prias é duvidosa as tivesse) a uma censura aprofundada, ao menos de estudar mais a fundo e com animo menos submisso ao doutrinari-smo da escola, o pensamento geral (não ousou dizer a philosophia) que a inspirava, foi por ventura o Sr. Arthur Orlando. Só a sua modestia, a sepa-ração que a vida na provincia estabelece entre os homens de pensamento e estudo do nosso paiz, a falta de editores e a escassa dessemi-nação das revistas e congeneres publicações nacionaes, fazem que este nome, aliás sabido e prezado de um largo circulo intellectual, não seja tão conhecido e estimado em todo o Brasil culto, como sem duvida merecia sel-o.

De proposito escrevo do Brazil culto, refe-rindo-me áquelle, infelizmente ainda muito li-mitado circulo, que além do romance, do con-to e do verso, lê e aprecia obras de erudição e estudo, estima cogitações philosophicas, ainda quando estas, como é aqui o caso com-mum, apenas divulgam ou reproduzem, com mais ou menos habilidade, os resultados do saber ou do pensamento estrangeiro, e pensa que a propria literatura de imaginação não dispensa a cultura do espirito.

O Sr. Arthur Orlando não é um philoso-pho ou siquer um pensador original, seja como criador ou expositor de um systema, seja como critico pessoal de qualquer das syntheses philosophicas do nosso tempo, mas não é tambem um mero repetidor por palpi-te e sem criterio dos pensadores estrangeiros, com quem sympathisa ou com os quaes se acha em affinidade.

O que diminuirá, ou antes limitará, sem-pre aos olhos da critica desapaixonada, o pa-pel de Tobias Barreto, como agente da nossa cultura num dado momento do nosso desen-volvimento historico, é que a sua acção foi estreitamente pessoal, e só se exerceu de fa-cto num ramo restricto daquella—restricto e secundario—o direito, e num grupo limitadis-simo de individuos, os seus discipulos imme-diatos. A sua obra escripta, pouquissima re-

percussão teve no paiz fóra do centro da região escolar onde abrolhou, e essa foi principal, si não exclusivamente, de ordem jurídica e entre juristas. Qual o valor real da obra jurídica de Tobias Barreto, e da sua acção no direito brasileiro, não sei eu dizer, e é pena que algum dos seus discipulos, em vez de nos falar dessa obra e de sua influencia com interjeições encomiasticas e phrases admirativas, se não tenha dado o trabalho de nol-a mostrar por um severo estudo de ambas.

No prefacio das *Questões Vigentes*, ora reproduzido como um dos *Ensaio de Critica* o Sr. Arthur Orlando tentou uma apresentação critica de Tobias e sua obra. O seu estudo, porém, mais uma vez prova que não é nos prefacios que havemos de ir buscar informações fidedignas e apreciações imparciaes dos autores. E estas palavras, exageradamente encomiasticas, de um louvor sem nenhuma proporção nem medida, que abrem esse estudo, dizem sobejamente a sua inspiração e tom geral, muito mais de elogio incondicional que de critica e exame desapassionado de uma obra e de um autor que, parece, mereciam analysados com outro criterio: «As *Questões Vigentes* são mais alguma cousa do que um livro notavel, escripto com saber e arte por um vigoroso pensador, que é ao mesmo tempo um brilhante escriptor: são um monumento para a literatura brasileira, symbolisam as successivas e multiplas manifestações de uma penna magistral, estereotypam a psychologia de uma natureza genial, constituem uma obra tão grandiosa como a alma de Tobias Barreto em seu movimento progressivo, em suas diferentes metamorphoses, livrando-se das cadeias e convenções correntes e elevando-se as mais altas regiões do pensamento em que dominam como reis no espaço e no tempo os Lucrecios, os Dantes, os Shakespeares, os Gøthes».

Não creio que nunca nossa raça, de si hyperbolica e descomedida, levasse tão longe a hyperbole. Compreendo que em annos mais verdes, e sob a immediata influencia de Tobias, o Sr. Arthur Orlando houvesse escripto, sob color de critica, este dithirambo, mas que o tenha reproduzido agora, na madureza do seu bom espirito, e tal qual, não percebo, e não me parece desculpavel.

Como todos os discipulos de Tobias Barreto, o Sr. Arthur Orlando é um jurista. O direito, porém, não é a principal, ou se quer a dominante das suas preocupações espirituales. Mais fundamente lhe interessam os assumptos mais propriamente sociologicos que juridicos, e destes principalmente, os aspectos philosophicos. Ainda ás questões sociaes, moraes, ethnologicas, de philosophia scientifica, e até ás de literatura e esthetica, todas encaradas á luz da mais moderna philosophia e com accentuadas preocupações philosophicas, atten-

de elle de preferencia ás de pura jurisprudencia, que se debatem entre os nossos inumeros leguleios.

Quando porém acerta de tratar de uma destas, fal-o sempre de um modo distincto, que não é nem a exposição em estylo empolado, ericado de citações dos publicistas europeus em voga, da nossa immoderada bacharellice, nem o rançoso arrazoado, na velha tecnologia juridica latino-lusitana, dos discipulos dos Mellos e Lobãos. Encara-as sempre antes como problemas de philosophia social que como estreitas questões de direito.

E' disso exemplo o seu ensaio *Mão Morta*, no seu livrinho *Novos Ensaio*, o ultimo que publicou. Nessas curtas paginas, concisas e precisas, sustenta o Sr. Arthur Orlando que a Constituição federal brasileira, ao contrario do que é geralmente ensinado e aceito, não aboliu as leis de mão morta. E sem paixão nem azedume, antes conservando a serenidade de um pensador desinteressado, pronuncia-se contra a liberdade, a seu ver demasiado lata e perigosa, que se vai dando em nosso paiz, ás associações religiosas para adquirirem patrimonio.

Rapida, mais sufficientemente mostra o que foi em todos os tempos o monachismo, dentro e fóra do christianismo, pois o monachismo não é um phenomeno exclusivamente christão, e como por toda a parte elle abusou sempre, prevocando contra si medidas do poder publico. Indica depois, tambem succinta mas exactamente, como «sob a fórmula anachronica da *mão morta*, a propriedade immovel é fonte fecunda de grandes embaraços á prosperidade geral» e como «o Estado não póde deixar de se preocupar com a existencia das associações religiosas, por que na esphera do direito são as pessoas moraes que occupam o lugar mais proeminente».

Estudando as differentes theorias do *processus* social, conclue o Sr. Arthur Orlando que «a sociedade em geral não se compõe de individuos e sim de communhões, é uma confederação de associações, figurando entre ellas a familia, a igreja, a communa». Tal é, com effeito, a theoria hoje com visos de mais verdadeira, e talvez a mais bem aceite dos novos sociologos, e fundada num estudo positivo das agglomerações humanas em todos os estadios da civilização. Assim, logicamente conclue o pensador pernambucauo: «se o direito não se desenvolve se não por nucleos sociaes, por unidades collectivas, por entidades corporativas, não se comprehende que o Estado, destinado a tornar effectivo o direito, conserve fóra da esphera das suas funcções a Igreja, o typo mais perfeito e acabado da associação—possuindo em si e por si, conforme a expressão de Leão XIII todos os recursos, que são necessarios á sua existencia e á sua acção».

Fazem os positivistas orthodoxos, aqui capitaneados pelo Sr. Teixeira Mendes, um grande cabedal da distincção da separação dos dous poderes, temporal e espiritual. Para elles a questão debatida pelo Sr. Arthur Orlando versa sobre materia espiritual, em que o poder temporal não póde intervir. Este responde-lhes que «o importante no caso não é distinguir o espiritual do temporal — distincção aliás capciosa, sem realidade objectiva, quanto conciliar a nacionalidade com a catholicidade». E após considerações da mesma ordem fundadas no seu conceito scientifico da natureza do Estado, conclue: «De accordo com os principios em que se baseia a função social do Estado, a Constituição Federal Brasileira garantiu a todos os individuos o direito de se associarem e se reunirem livremente, e em relação aos crentes em confissões religiosas o de exercerem publica e livremente seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, mas isto sem que o Estado houvesse abdicado de sua função social».

Previendo que o seu pensamento poderia ser interpretado como uma manifestação do antigo regalismo, observa ainda o nosso autor: «A Constituição federal brasileira, reconhece a função social do Estado (esta função, segundo o Sr. A. Orlando, funda-se na lei organica pela qual ao mesmo tempo que se dá a especialização das partes, realiza-se a integração do todo) e nem podia deixar de fazel-o, attendendo a que tal função não é uma volta á antiga omnipotencia do Estado, mas o resultado de uma longa evolução, em virtude da qual o Estado e o individuo deixam de ser considerados como elementps rivales, e passam a se afirmar como termos correlativos da personalidade juridica».

Não sei o que diga desta concepção do Estado. Não estando longe de concordar com os que duvidam da legitimidade do Estado, e o negam, custa-me a aceitar por boas tanto as razões do Sr. Arthur Orlando, como as daquelles a quem elle se oppõe; mas aceita a existencia do Estado tal qual o temos, e parece impossivel não acceital-a, pois que a soffremos; e a theoria do Sr. Arthur Orlando é a que menos repugna aos meus sentimentos de republico.

Essa theoria applica-a elle com rigorosa logica ao caso particular da nossa Constituição relativo á mão morta, e são de ler e meditar as paginas breves mas vigorosas na sua simplicidade, em que combate os que, com o principal commentador daquella, o Sr. João Barbalho, sustentam a abolição total entre nós das leis de mão morta.

Nos *Ensaíos de Crítica* (Recife, 1904) ha, nos oito estudos que formam este desgracioso volume, tres que entendem com o direito, mas um direito acompanhado de philosophia, con-

siderada cada questão pelos seus aspectos sociologicos. São *O adulterio*, em que o autor conclue pelo divorcio, «como a unica sancção contra a infidelidade conjugal», *A pena entre os hebreus*, serio, embora succinto e rapido exame da legislação criminal hebraica, feito quasi directamente da Biblia; *O Crime*, em em que expõe, infelizmente com nenhuma originalidade, antes sempre aborreado a opiniões e conceitos alheios, e caindo no precalço das citações em barda, em cujo amontoado desconnexo e incoherente sentimos a incerteza do pensamento proprio. Como os da sua escola, o Sr. Arthur Orlando dá ainda exagerada importancia a locubrações pseudo-scientificas, mas que pelo seu arrojo e falsa novidade são proprias para impressionar os nossos espiritos, mais avidos de novidades e extravagancias do que preparados para não as aceitar sinão a beneficio de inventario, quero dizer após exame e critica. Este é, como não me canço de repetir, o defeito que mais affronta o candido leitor nos nossos philosophos, pensadores e publicistas, e também criticos, que em vez de philosopharem, pensarem, criticarem com o proprio fundo, feito certamente no estudo dos outros, mas digerido e assimilado, e, portanto, transformado em saber proprio, e no resultado das suas proprias meditações, observações, experiencias, cogitações, elles por via de regra philosopham, pensam, escrevem, criticam ou scientificam, com citações, pensamentos, opiniões, palavras alheias, de sorte que mais são uns phonographos que propriamente autores das obras que publicam. E o nosso publico, ignaro e nescio, enganado pela repetição deste systema praticado até por aquelles que a fama apregôa de mais talentosos e sabedores, acabou por tomar a abundancia das citações por criterio de illustração e sciencia. Não é, felizmente o Sr. Arthur Orlando, dos que mais abusam dellas, mas é infelizmente ainda um dos que dellas usam com escusada prodigalidade.

Conta-se que numa celebre discussão juridica perante certa commissão do nosso parlamento, ouvindo o mais sciente talvez dos interlocutores, a cada momento citar opiniões de autores francezes, inglezes, allemães, italianos em materia de codificação do direito patrio, zangou-se um irritadissimo, e tambem bom sabedor dessas coisas, antigo parlamentar, conhecido pelos seus repentes, e gritou-lhe que acabasse com tanta citação, que elle (o citador) valia tanto ou mais que os autores que citava, que alguns até lhe seriam inferiores, que desse sua opinião propria, assás autorizada. Não me sinto competencia para gritar a mesma cousa ao Sr. Arthur Orlando, e aos que aqui, e são quasi todos, abusam das citações, ou por desarrazoada modestia, e é o caso de alguns, ou por alarde de sabem-

ça, como é o caso da maioria, ou também por penuria de opiniões e concepções próprias, que é o caso de quasi todos. Repito, não é o Sr. Arthur Orlando dos mais derramados em citações, e mesmo no uso dellas, é dos não muito numerosos aqui em quem se descobre, um pensamento proprio, estudos que são mais que leituras rapidas, e meditações pessoaes, mas ainda assim cita muito mais do que seria de necessidade e bom gosto.

Dos seus *Novos Ensaio*s (Recife, 1905) um livrinho que se me affigura em progresso sobre aquelle maior volume, e melhor revela capacidades philosophicas (da philosophia como synthese das leis geraes das sciencias) o mais notavel capitulo é o da *Concepção nova da materia*.

Não ha ainda cincoenta annos, um instante na vida da humanidade, que a concepção da materia, nunca tornada bem clara e precisa, repousava no principio aceito como um dogma de que nada se perde e nada se cria, isto é, que os corpos transformando-se, isolando-se ou combinando-se, mudando de aspecto e de manifestações, conservavam entretanto o mesmo peso. A materia, segundo essa concepção, era uma substancia inerte e indestrutivel. Para os physicos e para os mechanicos tal era o conceito inconcusso, um axioma da sua sciencia, completado pelo equivalente de que a energia permanece sempre a mesma, apenas transformando-se.

Os physicos modernos revolucionaram a segurança destas concepções, com as suas descobertas da radio-actividade, e a idéa classica da materia actionada pela força, substituiram a justamente contraria de que si a materia é um receptaculo de energia, esta energia apenas se manifesta com a destruição da materia.

São estas novas concepções que expõe o Sr. Arthur Orlando, com sufficientemente conhecimento do assumpto, embora não faça si não vulgarisar as lições de Le Bon, Crookes, Faraday, Kelvin, e outros physicos que são os principaes autores e ensinadores dellas. O Sr. Arthur Orlando não ousa pronunciar-se abertamente sobre esta nova concepção da materia, mas não é difficil descobrir que no intimo elle, embora reconhecendo-a ainda expressamente como uma hypothese, aceita-a já como exacta. Eis como termina o seu interessante estudo:

«A hypothese do desvanecimento da materia pela desarticulação dos atomos (pela acção da radio-actividade) em elementos intermediarios entre o ponderavel e o imponderavel póde não ser verdadeira, mesmo porque em rigor não ha hypothese verdadeira nem falsa; porém será a mais fecunda, porque está mais de accôrdo com os factos, e o valor de uma hypothese se deve medir não tanto pela sua exactidão quanto pela sua utilidade».

Entretanto, ao menos fóra do dominio da physica e da mechanica, entram a apparecer contradictores da concepção nova da materia, que tão sympathica parece ser ao Sr. Arthur Orlando. E só para não cair no peccado das citações e por me não metter em seara que me não pertence, fujo á tentação de trasladar para aqui as contradictas que em nome da psychologia oppõe o Sr. Alfredo Binet aquelles physicos e mechanicos no seu recente livro *L'Ame et le Corps*. Para o notavel professor da Sorbonna, as theorias mechanicas da materia, esquecendo que esta é apenas um excitante do nosso systema nervoso, e só nos é conhecida pela percepção que por elle della temos, não são mais que symbolos. Elle não duvida siquer dizer que «quando nos convencemos que o nosso conhecimento do mundo exterior se limita a sensações, não logramos comprehender seja possivel especular, como fazem os physicos, sobre a constituição da materia». A Sr. Arthur Orlando não póde escapar o valor destas razões.

Mas eu creio que estas especulações não são ainda para nós, nol-as veda formalmente a deficiencia da nossa cultura geral e scientifica. O nosso insufficiente ensino superior, que para justificar o sacrificio que a nação faz com a sua manutenção, deveria ser o factor da sciencia nacional, o promotor e autor de locubrações culturaes ou de investigações originaes, tem-se limitado apenas a ser, durante perto de um seculo de existencia, o méro reproductor, o simples repetidor sem personalidade, nem talento — que é a arte de descobrir aspectos novos nas cousas — do que inventa e ensina o estrangeiro, e isso mesmo nas suas mesquinhas applicações profissionaes ou technicas do direito, da medicina e da engenharia. Não é com os nossos miseraveis preparatorios, feitos da mais bronca maneira que é possivel imaginar, não é também com aquelle parco e mofino ensino superior, que se hão de formar intelligencias aptas para as locubrações da sciencia e da philosophia modernas.

E' uma questão de methodo, dir-se-á, mas um methodo é de si uma resultante, cuja legitimidade não póde ser apreciada si não se lhe conhecem sciente e conscientemente os fundamentos. E os differentes methodos da moderna investigação scientifica ou philosophica derivam directamente e assentam formalmente no que na sciencia ha de mais apurado e geral. E' obvio que para nos decidimos por um delles, e maxime para nos servirmos delle como um instrumento do nosso pensamento, devemos estar aptos para julgar entre elles, o que necessariamente suppõe a competencia nas sciencias em cujos conceitos elle se apoia. Que um metaphysico se dispense de as conhecer, concebe-se, que a metaphysica se não gaba de scientifica e tem o campo

livre ás mais abstrusas e irracionaes cogitações; é apenas questão de imaginação, coragem e loquacidade.

Por via de regra a insufficiencia scientifica dos nossos philosophos e pensadores desta especie é posta em maior relevo pela fórma, do ponto de vista da linguagem e do estylo, inferior das suas locubrações. Tobias Barreto, sobre escrever mal, não tinha nenhum gosto literario, nem aquelle sentimento da medida e das gradações que é um dos segredos dos bons estylos. Reagindo exageradamente, e o exagero era uma das feições do seu temperamento, contra o sacrificio do fundo a fórma, aliás nos nossos rhetoricos (que de facto nem boa fórma tinham) mais apregoado que real, elle caiu no excesso opposto, sem ver que fundo e fórma são dous termos da mesma função, e que se não póde imaginár uma fórma excellente, sem um fundo que a torne tal. Elle introduziu as formulas sensuaes do nosso lyrismo, expressões de romance e de verso, comparações de novella, arrancos e enthusiasmos lyricos até nos seus estudos de direito penal, e sem a arte que, tal fosse, sómente poderia desculpar o mau gosto e o desconchavo. Com mais ou menos intensidade este defeito encontra-se em todos os seus discipulos, cujo gongarismo os faz logo advinhar como taes, como uma marca de escola, que é. Começa assim o, aliás interessante e bem feito ensaio do Sr. Arthur Orlando sobre a «nova concepção da materia»: «A concepção da materia como substancia inerte e indestructivel já não póde satisfazer as vistas largas e extraordinariamente bellas do espirito moderno». Todo o final deste periodo, é mais lyrico que philosophico, e tal linguagem não a encontramos nós nos mestres do pensamento de que não somos aqui senão repetidores. Em todos elles a linguagem é simples, sobria, desataviada. Ha muita literatura na nossa sciencia e na nossa philosophia, tomada esta palavra literatura num mau sentido.

Como escriptor, porém, o Sr. Arthur Orlando já se distingue entre os seus condiscipulos, não só pela maior individualidade do seu pensamento, mas pelas qualidades pessoais do seu estylo, menos eivado dos vicios da escola, mais simples, mais claro, e mais largo, quero dizer mais natural e de todo despreoccupado de o fazer. Esta despreoccupação, porém, se por um lado o serve, dando-lhe uma naturalidade evidente, por outro lado deixa-o sem nervo, nem brilho, sem aquella *verve*, por exemplo, as vezes extravagante e destemperada, mas exuberante e pitoresca, do estylo do seu amigo e confrade, o Sr. Sylvio Romero. Eu aliás prefiro o repouso do mais recente estylo do Sr. Arthur Orlando, sentindo aliás que lhe não dê mais vivacidade, mais ar, mais movimento. Que elle use de termos

como *socialidade, publicistica, belletrista* e outros muitos da sua escola ou do nosso novo vocabulario pseudo-philosophico não mais legitimos do que aquelles, ou que não recue diante dos barbarismos que abundam nos seus escriptos, me importa menos. Um gallicismo só me affronta quando é mal empregado, quando portanto perde a sua razão de ser e a sua desculpa.

O Sr. Arthur Orlando tem tambem um ensaio sobre o estylo. O estylo, porém o preoccupou muito mais como philosopho que como escriptor. Não parece que o autor tenha penetrado a essencia do problema, e o seu accumulo de citações indica não ter pensado por si mesmo, nem visto a questão si não por olhos alheios. Da sua incerteza é prova que começando a considerar a questão do estylo de um ponto de vista elevado como «uma questão tão vasta e profunda como a vida humana, ou melhor a vida universal» o que é talvez de mais, ou não diz nada, acaba com preceitos rhetoricos: evitar o lugar commum, a trivialidade, a «pose» (*sic*) a preciosidade, a prolixidade, o luxo das citações (com este preceito dá o Autor pancada no seu descuido) e outras regrinhas que andam em todos os compendios de rhetorica.

«A primordial condição, porém, para ser escriptor, na falta da qual são inuteis todas as regras do estylo, é ter luzes a comunicar. Aquelle que as possui, póde não ser correcto no ponto de vista da fórma; mas o que escreve, tem sempre valor, e escrevendo para o publico, pouco lhe deve importar a vozeria da critica».

E' exacto e não é. Certo «ter luzes a comunicar», como diz duma fórma feia o Sr. Arthur Orlando é a propria razão de ser, o fim da arte de escrever, mas não é toda ella, e não basta para ser escriptor. E' preciso ainda por nessa comunicação uma boa lingua, uma expressão clara e elegante, e todas as qualidades que o nosso autor não desconhece mas que, infelizmente, olvida-lhe praticar. Renan disse a mesma cousa mas muito melhor, isto é, com mais exactidão de pensamento, numa fórma mais precisa e num estylo mais elegante e mais bello. Eis as suas palavras, que bastam para mostrar que «ter luzes a comunicar» não resume todo o estylo: «A regra fundamental do estylo—escreveu este incomparavel estylista—é ter unicamente em vista o pensamento que queremos inculcar, e por conseguinte ter um pensamento». E' conciso, explicito e não deixa lugar a restrições e objecções, como o mesmo conceito, exposto em estylo defeituoso, pelo Sr. Arthur Orlando. Note-se no seu, além da phrase trivial «ter luzes a comunicar» esta outra «ser correcto no ponto de vista da fórma», de um boleio trivialissimo e improprio, e aquell'ou-

ta, obscura, a ponto de parecer incorrecta: «mas o que escreve, tem sempre valor» ligada á antecedente: «aquelle que as possui (luzes)».

Escrever é uma arte que tem por fim mediante artificios (d'ahi o ser arte) de fórma, de rythmo, de linguagem em summa, dar valor e relevo ao pensamento. Si bastasse ter luzes a communicar os melhores exemplares da arte de escrever, da literatura que é o seu objecto e resultado, seriam os compendios, tratados ou manuaes de sciencia.

Eu quizera ver um homem das capacidades do Sr. Arthur Orlando dar maior importancia a essa arte, sem a qual mingnam de intensidade e brilho as luzes, por mais fortes que sejam, que temos a communicar, e cuja carencia, portanto, prejudica o que é o proprio objectivo do escriptor, transmittir o seu pensamento. Entretanto mais de uma pagina sua revela quão pouco lhe falta para tomar lugar entre os que dos nossos publicistas se pôdem, sem favor chamar de escriptores, denominação, á meu sentir, muito mais nobre, e mais raramente merecida, que a hoje tão vulgarizada de artistas. Os seus ensaios sobre o *Adulterio*, a *Pena entre os hebreus*, o *Problema da morte* nos *Ensaios de Critica* dão disso testemunho.

O Sr. Arthur Orlando pertence ainda a uma geração educada na inteira liberdade de pensamento, que o voltaireanismo do ultimo monarcha brasileiro, filho espiritual do seculo XVIII, se pôde gloriarse de haver aqui consentido e até fomentado. Elle é essa cousa sob o Imperio aqui vulgarissimo e recommendavel e que sob esta Republica, meio positivista, meio catholica, se vai fazendo rara e reprehensivel, um livre pensador. E o é com uma coragem, uma franqueza, uma sinceridade que começam a ser excepçoes e meritorias. Porque os governantes da nossa Republica, saídos quasi todos, não da primeira plana, mas das categorias secundarias e inferiores dos servidores, então convencidos e devotados, da monarchia abolida, adhesistas de ocasião, sinceros talvez mas sem comprehensão do regimen a que servem ou de que se servem, vão pouco e pouco, por inercia, por molleza, por falta de convicções ou de caracter, e até propositadamente, por politica, transformando nossa Republica, constitucionalmente ligada, irreligiosa e até atheista, si o atheismo é apenas uma negação e não uma affirmação. Tambem, num Equador de Garcia Moreno, menos a religião de Estado, isto é com mais vantagens para o clericalismo catholico. Outro phenomeno que não pôde escapar ao observador, não desviado por nenhum preconceito politico, philosophico ou até patriotico, é o desenvolvimento aqui, concomittantemente com a Republica, dos sentimentos de jerarchia, de sobreza e fidalguia, o gosto das distincções, dos brazões, dos titulos — que, por mais estranho

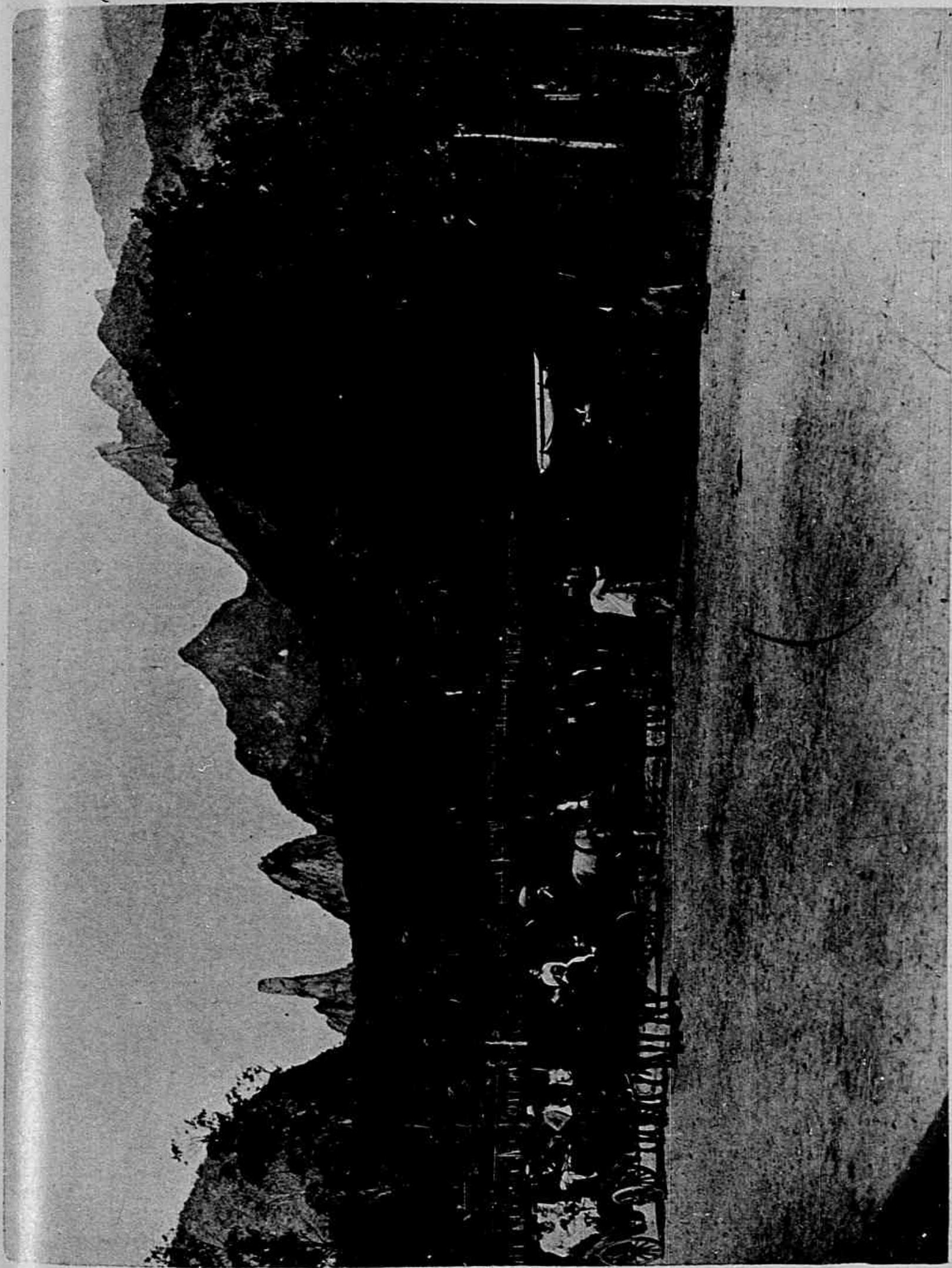
que o pareça — é hoje muito maior do que sob a monarchia. A Constituição ficou neste passo, como em tantos outros, letra morta, e Portugal e o Papa augmentaram sensivelmente o seu commercio de titulos e condecorações aos nossos republicanos, mais que nunca famintos dellas. Foi julgado pelos poderes da Republica que á nossa prosperidade faltava um Cardeal, e a nossa Diplomacia, deu-se a tratos, e quiçá a largas despesas, para nos conseguir esta bemaventurança que, parece, é o primeiro passo para a nossa hegemonia na America do Sul e para o definitivo bem estar da nação. Uma das consequencias desta inversão da nossa evolução nacional, até aqui liberal e extremamente democratica, foi a imitação da fidalguia européa. Em todo o Americano, é mais que sabido, ha um *snob* e um *rastaquoère*, alcunha a que a nossa falta de bom tom deu origem, e aqui as primeiras manifestações contra o novo regimen, todas ellas aliás timidas e covardes, tomaram a fórma dessa admicção, e traduziam-se na aquisição e uso de titulos prohibidos pela Constituição republicana, na ostentação de sentimentos aristocraticos e religiosos. Como na Europa, em França, que é em tudo o nosso modelo, a nobreza é, mais por espirito de reacção politica que por sincero sentimento religioso, catholico, os nossos monarchistas, conservadores, burguezes exploradores da republica mas no fundo hostis aos seus principios, entraram a se fazer catholicos, a praticar, a assoalhar sua religião, até então recolhida com medo do voltairianismo de D. Pedro II e do livre pensamento dos republicanos da propaganda, que eram, quasi sem nenhuma excepção, todos livres pensadores. Hoje, quando sel-o é mal visto no alto, onde se escutam as certificações do orthodoxismo dos candidatos aos favores officiaes, já poucos o são, ou se declaram taes. A esta retrogradação do espirito nacional correspondeu outra manifestação da tibieza do nosso caracter, a adhesão em massa dos monarchistas da vespera, feio e repulsivo symptoma de baixeza d'alma, correspondeu do lado dos antigos republicanos, a adhesão não menos avultada desses ex-livres pensadores ao catholicismo praticante — e assim integraram-se as duas fracções do paiz na mesma fallencia de convicções e de caracter.

Escapou a esta infecção o Sr. Arthur Orlando, os seus ensaios são sem subterfugios, nem deserções, do mesmo livre-pensador de antes da Republica, inspirados pelo mesmo pensamento livre, que era aqui uma das fórmas de opposição ao Imperio, que aliás participava delle, apenas com a hypocrisia que a religião do Estado impunha e com a manha propria do caracter do imperante.

JOSÉ VERISSIMO.  
Da Academia Brasileira



ALTO DE THEREZOPOLIS



THEREZOPOLIS - EM FRENTE AO HOTEL HYGINO

## JOÃO PAULO

Sentado á meza, trabalhando,  
Só, no escriptorio, ha muito, estou...  
Mas, eis alguém que leve, brando,  
Impelle a porta... Hesita... Entrou...

E' meu filhinho... Seu desejo  
Percebo, e o vou satisfazer;  
Por isso, faço que o não vejo;  
Finjo que sigo, attento, a lêr.

Elle— (o brejeiro tem tres annos) —  
Vendo-me a tudo alheio, assim,  
Em obra põe sabidos planos,  
Pé ante pé se achega a mim.

Todo cautella, no caminho,  
Curvo, encolhido, a se encorbir,  
Vem de mansinho, de mansinho,  
Pensa chegar sem se trahir.

Approximou-se... E eu distrahido!...  
Atraz de mim postar-se vai,  
E, de repente, ao meu ouvido  
Gritando, diz: Papai!.. Papai!...

Então, simúlo um grande abalo,  
Bérro: quem é?!.. Sólto dez ais...  
E elle se estorce, num regalo,  
A rir, até não poder mais.

E eu tambem rio, satisfeito  
De o vêr a rir... Oh! quanta vez  
A mesma scena o mesmo effeito  
Em ambos nós igual já fez!...

Ingenuidades, singelezas,  
Queridos nadas infantis,  
Como, banindo-lhe as tristezas,  
A um pobre pai tornais feliz!...

*Affonso Celso*  
Da Academia Brasileira

## Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande

### RÊDE INTERNACIONAL TRANSBRAZILEIRA

Já tendo sido assentados os pontos principaes que devem ser discutidos no Congresso Pan-Americano e sendo um delles a Ferro-Via Pan-Americana, pareceu-nos interessante fazer algumas referencias á rêde ferrea internacional transbrazileira, que se ligará áquella ferreo-via e ao seu actual presidente.

A rêde internacional transbrazileira a que nos referimos, é formada pelas linhas de Itararé e de S. Francisco, que ligadas formam por sua vez a Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande, cujo traçado estrategico já pelo Congresso Nacional foi considerado ser o que mais interessa á defesa nacional do Brazil e mereceu do ministro da guerra, marechal Mallet, as melhores referencias.

A Estrada de Itararé, que por muitos annos foi uma das concepções do conselheiro Mayrink, foi decretada no regimen imperial de D. Pedro II, em 9 de novembro de 1889, vindo posteriormente a pertencer á Companhia União Industrial, até que, em dezembro de 1902, passou a constituir a actual Companhia Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande, por assim o ter exigido os banqueiros europeus, como unica condição de realizarem qualquer emprestimo, quando ella ficasse desembaraçada das enormes dividas com que já se achava onerada a sua concessão e tivesse concluido e pago os estudos de sua linha principal.

O traçado dessa importante Estrada de Ferro consistia então em uma linha que partia de Itararé, no Estado de S. Paulo, estendia-se até o Rio Grande do Sul, com um ramal que, destacando-se da linha principal, passava pela cidade de Guarapuava e terminava na Colonia Militar do Iguassú e um subramal que começava em Guarapuava e estendia-se até Ruínas de Outiveiros, no rio Paraná. Era, pois, o traçado de uma linha de alto valor, cujo unico defeito consistia na completa dependencia em que ficava da Estrada de Ferro do Paraná, unica saída para um porto de mar.

Foi primeiro presidente da companhia o então presidente da União Industrial, engenheiro Teixeira Soares, até que, a 24 de maio de 1894, foi substituido interinamente pelo Dr. Roxo Rodrigues, posteriormente eleito presidente, em 19 de Janeiro de 1895.

A este ultimo coube a gloria de reorganizar a companhia, desembaraçando-a de compromissos na importancia de cerca de nove mil contos, pagar os estudos feitos, entregal-os ao governo, e posteriormente realizar a primeira serie de emprestimo de cem milhões de francos, feito com a Société Générale pour favoriser le développement du com-

merce et de l'industrie en France, cujo exito tem sido devido ao apoio desse poderoso estabelecimento que, além de ter um capital acção de duzentos e cincoenta milhões de francos, com agio elevado na Bolsa de Paris, dispõe de mais de um milhar de deposito e é dirigido pelos homens mais eminentes da alta Banca Parisiense.

O producto dessa primeira serie do emprestimo correspondente a vinte e cinco milhões de francos, foi, em junho de 1895, confiado ao engenheiro Fernandes Pinheiro, que, até dezembro de 1899, substituiu o Dr. Roxo Rodrigues na presidencia da companhia, tendo nesse intervallo construido os primeiros 228 kilometros, citando-se entre as obras mais importantes desse trecho as pontes Yapó e Tibagy, obras dignas de nota e por elle proprio projectadas.

Em janeiro de 1900 assumiu de novo a presidencia da companhia o Dr. Roxo Rodrigues, que, até hoje tem exercido esse cargo, continuando a levantar capitaes na Europa com a maxima facilidade, tendo a companhia conseguido até obter cotação official na Bolsa de Paris. Este ultimo periodo é digno de especiaes referencias.

Os decretos de 7 de março de 1901, quando occupava a pasta da viação o Dr. Alfredo Maia, e de 2 de junho de 1902, assignado pelo ministro conselheiro Augusto da Silva, sendo presidente da Republica o Dr. Campos Salles, vieram facilitar á companhia a concessão de uma linha para o porto de S. Francisco, um dos melhores portos da America, linha que completou o primitivo traçado e emancipara a companhia da dependencia em que teria sempre de ficar da Estrada de Ferro do Paraná, facilitando ao Estado do Paraná melhores meios de transporte.

Ficou assim a Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande composta de duas linhas, a de Itararé e a de S. Francisco devendo o traçado desta ultima ser fixado de accordo com os estudos do actual ministro da viação, Dr. Lauro Muller, a quem está affecto tão importante assumpto, a resolver-se ainda no governo do presidente conselheiro Rodrigues Alves.

A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, pelas concessões actualmente em vigor em consequencia de terem sido acceitos os projectos do actual conselho director encurtando e modificando os seus traçados, tem o privilegio por noventa annos, além de outros favores, para a construcção, uzo e gozo de uma rêde ferrea internacional transbrazileira, formada pela linha de São Francisco, que atravessará inteiramente o Brazil desde o porto de São Francisco até a Colonia Militar do Iguassú, na fronteira com as Republicas Argentina e do Paraguay, e pela linha de Itararé ligando as rêdes do Estado de São Paulo ás do Rio Grande do Sul. Estas grandes linhas cortando-se com os seus ramaes servirão a um territorio consideravel e de grandes riquezas naturaes.

De mais de 2.000 kilometros que constituem a actual rêde ferrea, já se acham em tráfego muito mais de 400, igual extensão em construção e estudados aproximativamente 600.

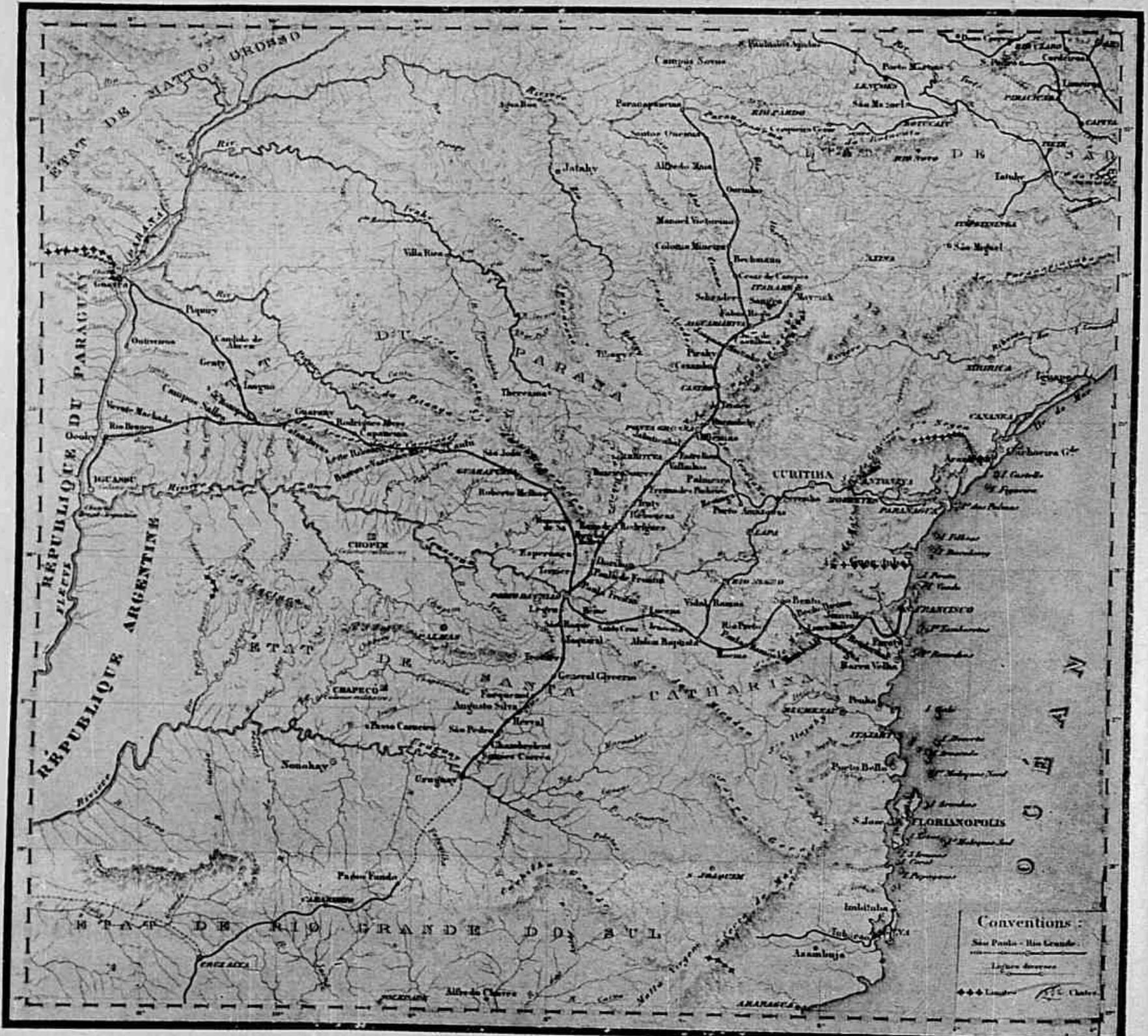
Merece menção especial, entre os trabalhos em construção na linha de São Francisco, a ligação da ilha desse nome ao continente, no Estado de Santa Catharina, sendo para isso necessario aterrar dois braços de mar de mais de 600 metros cada um, deixando-se num delles um canal de 40 metros, onde será montada a ponte gyratoria Dorison, que permitirá a passagem franca á navegação. Este trabalho foi projectado pelo director tecnico engenheiro Fabio Rego, de accordo com os engenheiros Simões Correia e Leite Ribeiro.

Na linha de Itararé acha-se em construção a ponte sobre o rio Iguassú, cujo projecto foi escolhido pelo proprio presidente Roxo

Rodrigues; essa ponte terá mais de quatrocentos metros de extensão, constando de tres vigas de cem metros de abertura livre e cinco de vinte e cinco metros; é o trabalho mais importante desse genero que até hoje tem registrado a engenharia nacional e nelle collaborou, além de outros, o engenheiro Capanema.

O presidente actual da companhia tem procurado sempre encaminhal-a no movimento progressivo do nosso paiz e como prova basta citar-se o ter sido ella a unica empresa de estradas de ferro que logo que foi resolvida a construção da Avenida Central no Rio de Janeiro, séde da companhia, resolveu tambem construir um edificio de primeira ordem nessa Avenida, devendo nelle ser estabelecida, além dos seus serviços, uma exposição permanente de productos dos Estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, que

ESTRADA DE FERRO SÃO PAULO - RIO GRANDE





O DIRECTOR DO ANNÉE CARTOGRAPHIQUE F. SCHRADER E O PRESIDENTE DA E. F. SÃO PAULO-RIO GRANDE ROXO RODRIGUES NO ESCRIPTORIO DA COMPANHIA EM PARIZ, EM 1905.

se relacionem com o seu trafego; é um exemplo que merece applausos.

Além do seu grande valor commercial, a Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande tem sido considerada pelos governos da Republica como o elemento mais necessario e urgente para a defesa nacional e, como a sua existencia e prosperidade são devidas principalmente ao seu actual presidente e maior accionista, aproveitamos a oportunidade para dar algumas notas biographicas sobre esse distincto financeiro que *sabe querer*.

O Dr. Antonio Roxo de Rodrigues, bem conhecido no nosso meio financeiro pelo simples nome de Antonio Roxoroiz como costuma assignar-se, nasceu no Estado do Maranhão aos 22 de novembro de 1867.

Filho legitimo do Dr. Marques Rodrigues, cuja biographia faz parte do Pantheon do seu

Estado natal, e de D. Maria Thereza Roxo, estudou na Escola Polytechnica, e logo que obteve um titulo, dedicou-se á vida industrial.

Foi eleito presidente da Empresa de Metaes e Machinas em março de 1892, para cuja organização muito contribuiu, não só por ser então o maior accionista da Empresa de Obras Publicas que a incorporou, como pelo enorme credito de que dispunha na praça do Rio de Janeiro; credito e elementos tão notaveis que lhe permittiram, no auge da crise desta praça, em junho de 1893, liquidar a sua conta pessoal com o Banco do Brazil em cerca de 7.000:000\$, obtendo quitação integral e continuando a merecer a confiança de tão importante estabelecimento de credito, tendo a Empresa de Metaes e Machinas sido liquidada com grandes lucros para os accionistas.

Passando a presidir a Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande, em maio de 1894, prestou tão grandes serviços, reorganizando-a e realizando importantes empréstimos, que os accionistas votaram grandes provas de apreço e remuneração elevada que não aceitou, contentando-se em ter conseguido tornar uma realidade essa estrada tão necessaria ao commercio e a defesa nacional. Nesse mesmo anno o governo lembrou-se de conceder-lhe honras militares por serviços prestados.

Em março de 1895 recebeu o Dr. Roxo Rodrigues em seu escriptorio a visita do vice-presidente da Republica, Dr. Manoel Victorino Pereira, que vinha examinar as plantas da rede estrategica pertencente a S. Paulo-Rio Grande. Dessa visita nasceu a amizade, que atravessou tempos prosperos e difficeis entre esses dois cavalheiros, que tanto se interessaram, o segundo delles até com o prestigio official de que gozava, pela pacificação do Brazil, como se verifica do retrato que juntos tiraram e foi offerecido naquella época a politicos eminentes.

Em consequencia de suas grandes relações teve brilhante votação para deputado por esta capital.

De 1896 a 1899 collaborou na imprensa sobre questões de viação e differentes assumptos financeiros e, antes e posteriormente a essas datas, ella se occupou muito desse activo industrial. Em setembro de 1894, a *Gazeta de Noticias* apontava-o, em biographia, como exemplo aos que *se dedicam de coração ao desenvolvimento do seu país*. Em 17 de março de 1901, na sua 1.<sup>a</sup> pagina, o jornal *Le Brésil* publicou em Paris, por occasião de uma das suas viagens á Europa, o seu retrato e depois de se referir a negocios de que o mesmo se occupava, diz: *Il s'en occupe d'ailleurs tres serieusement, pendant son séjour a Paris, dont il profite aussi pour rendre visite aux grands établissements de crédit et aux usines métallurgiques qui peuvent lui fournir le matériel pour la S. Paulo-Rio Grande. La section des hautes études financiers du crédit Lyonnais qu'il a dernièrement visité grâce à ses relations avec le président Mr. Henri Germain, membre de l'Institut, l'ont particulièrement interesse.* Taes relações, que foram obtidas por apresentação da Princesa Izabel, nenhuma ligação trouxera a companhia, já inteiramente ligada a outro estabelecimento não menos poderoso, de cujo director geral, o Sr. Dorison, o Dr. Roxo Rodrigues é amigo dedicado. Em 1902 o Almanach Hachett publicou o seu retrato acompanhado de uma brilhante noticia, da qual destacamos o seguinte trecho: *Aussi bon administrateur qu'habile financier, il a su s'acquiescer en France:— outre de nombreuses sympathies— l'appui précieux des grandes sociétés de crédit et le concours des industriels les plus qualifiés pour l'aider à mener à bien sa lourde tâche.*

No anno passado, o *Temps*, um dos mais conceituados jornaes da Europa, fez tambem referencias aos trabalhos a seu cargo.

Tem exercido administração de grande numero de empresas e por diversas vezes tem ido á Europa para tratar dos assumptos financeiros da mais importante dellas, a S. Paulo-Rio Grande, para a qual negociou com grande exito empréstimos que, com os já emitidos, attingem a duzentos milhões de francos, não causando isso surpresa alguma, dadas as suas boas amizades na *Haute Banque* de France e no mundo politico dessa grande nação.

Faz parte do conselho director do Club de Engenharia; é socio da sociedade de geographia do Rio de Janeiro e do Instituto Polytechnico Brasileiro.

N'esta ultima sociedade scientifica o seu presidente, o pranteado Dr. Paulo Freitas, professor e antigo director da Escola Polytechnica, depois de ter sido vice-presidente da São Paulo-Rio Grande, teve occasião de, em sessão de 4 de março de 1903, referir-se á viação ferrea no Brazil, na parte relativa áquella companhia, nos seguintes termos: *Todo este brilhante resultado deve-se á iniciativa admiravel do nosso consocio Roxo Rodrigues, a quem igualmente a companhia S. Paulo-Rio Grande deve achar-se constituída, com brilhante crédito na Europa, onde conseguiu varios empréstimos para a sua construcção.*

Em 24 de abril de 1899 o Dr. Roxo Rodrigues passou a residir na cidade de Petropolis. Tem se interessado pela ligação daquella cidade com a Capital Federal, por meio de uma linha ferrea de grande velocidade, e oxalá em materia de estrada de ferro possa prestar ao Estado do Rio de Janeiro, de cuja guarda nacional é coronel commandante de uma brigada, serviços identicos aos que está prestando aos principaes Estados do Sul do Brazil.

E' um grande amigo das bellas artes, o Rio de Janeiro registrará, como um exemplo de architectura, o edificio que a S. Paulo-Rio Grande está fazendo por iniciativa sua e a cidade de Petropolis a assignala, como uma obra prima, a propria residencia desse cavalheiro, a villa Itararé, verdadeiro palacio de estylo gothico que fez construir em 1904 e tem o nome de um dos empreendimentos a que mais se dedica, esse primoroso edificio contem moveis, objectos de arte e telas, não só nacionaes como muitos de autores que figuram nos mais importantes museus na Europa.

A medalha commemorativa que, desde 14 de julho de 1895, a Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande resolveu em assembléa geral mandar cunhar, e o conselho director o fará logo que os traçados de sua rede ferrea estiverem definitivamente estabelecidos, registrará aos vindouros um dos empreendimentos que mais interessa ao commercio e á defesa nacional do Brazil.

# RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

**Edição da Prefeitura**

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive  
seus ultimos melhoramentos

**IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS**

**—KÓSMOS—**

*Brochura . . . . . 15\$000*

*Encadernado em marroquim . . . 20\$000*

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA  
"KÓSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**À VEDDA DA  
RUA DA ALFANDEGA, 24**

# PALACE-THEATRE

( ANTIGO CASSINO )

\*\*\* **Empreza J. CATEYSSON** \*\*\*

Revista local em 2 actos e 8 quadros

## *Allons au Palace*

Libreto em francez do actor e auctor CHICOT

*Musica arranjada pelo maestro LUIZ MOREIRA*

Figuram todos os artistas da TROUPE:

**Mothu, Sorius, Tramel, Chicôt, Cuyl, Bayle, Paul,  
Mme. Colette d'Or, Decourcelle, Damiette,  
De Numa, Cuyl, Lucille, Yvone, Darville, Agnes**

==== **28 ARTISTAS** ====

**TODAS AS NOITES + + + + + + + +  
+ + + + + + + EXITO COLOSSAL!**